

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Mônica D'Andréa Marcon

**ASPECTOS HISTÓRICOS DO USO DOS UNIFORMES ESCOLARES:
REFLEXÕES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA MODA
(1940-2000 Caxias do Sul)**

Caxias do Sul

2010

Mônica D'Andréa Marcon

**ASPECTOS HISTÓRICOS DO USO DOS UNIFORMES ESCOLARES:
REFLEXÕES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA MODA
(1940-2000 Caxias do Sul)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Nilda Stecanela

Co-orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Mery Sehbe De Carli

Caxias do sul

2010

Dedico este trabalho a todas as pessoas que
trabalham pela qualificação da educação e pela
grandeza deste país.

Agradecimentos

Pode uma máquina funcionar sem os seus parafusos? Pode o oceano sobreviver sem seus peixinhos dourados? Pode a floresta respirar sem suas andorinhas? Pode a roupa ser costurada sem a linha? Pode a palavra ser escrita sem o traço? Não pode, não é mesmo? Pois, o mesmo problema que aflige a continuidade das ações descritas acima, aflige a mim também.

Aqui neste espaço reservado ao agradecimento, deveriam constar vários e vários nomes, desde a pessoa que me ofereceu um sorriso na hora mais angustiante até o Ser maior desde universo e de todos os outros (se existirem).

O agradecimento existe para expressar o sentimento de gratidão que neste caso é o momento de reconhecimento a todas as pessoas que presenciaram *in loco* os meus momentos em que o bom humor foi raro, os aniversários não foram lembrados, onde alguns sentimentos sem sentido transbordaram, quando alguns mosquitos surgiram no meu paraíso e ao meu excesso de ansiedade e exigência com o resultado do meu trabalho que ultrapassaram alguns limites. Assim como a outros 'defeitinhas' aceitáveis para qualquer ser humano, porque ninguém é perfeito.

Sim, é isso! "Ser humano" e é justamente por estar cercada de seres humanos que consegui concluir mais esta etapa em minha vida. Além de, dizer 'obrigada' devo acrescentar que, com maior ou menor inserção de atitudes ou palavras de outrem, neste processo, indistintamente, todas as pessoas, foram importantes, essenciais e significativas.

Guardarei com carinho todas as lembranças das pessoas que fizeram parte dessa jornada.

Existe uma pessoa que eu gostaria de citar e homenagear, minha avó 'Margarida', que foi uma pessoa enérgica e ativa que me inspirou em vários momentos da minha vida. Tenho certeza que ficaria muito orgulhosa e feliz por este título.

De onde tu estiveres espero que saiba que apesar das nossas rugas e desacertos, sempre vi em ti uma pessoa, além do teu tempo e que se a oportunidade nos faltou fica aqui o registro de que eu também sempre tive muito orgulho de ti.

Também agradeço a Universidade de Caxias do Sul, as professoras Ana Mery Sehbe De Carli e Nilda Stecanella e ao professor Jayme Paviani.

Ao leitor:

Há muitos livros nesta sala.
se pudéssemos colher flores das
estantes ao menos raízes de sabedoria mas as páginas
aos pares amarelecidas são folhas nos jardins de outono
e nos dizem, e só nos dizem que o caminho
nem curto, nem longo o caminho simula a vida repetindo
nas lombadas dos títulos o detalhe da forma
e o movimento da verdade contida nas letras.

Há muitos livros nesta sala.
São cisternas onde se tira vozes de dor ou aventura,
águas de luz ou trevas ritmo, ação ou celeiro
onde se guarda o silêncio da palavra.

Abrimos os livros, só se lê a vida.

Paviani, 1986

Resumo:

Esta dissertação procura estabelecer um diálogo sobre os aspectos históricos envolvidos nos usos dos uniformes escolares, considerando um olhar desde o campo da História da Educação e o da Moda. Com base nos pressupostos metodológicos do fundamento do signo da semiótica, analisa fotografias e projetos de uniforme escolar de uma escola confessional de uma cidade localizada no interior do Rio Grande do Sul, perfazendo um estudo de caso. Relaciona as modificações sociais que se refletiram na moda com as consequências notadas no *design* dos uniformes escolares, com especial atenção sobre o quanto algumas instituições inspiraram e/ou determinaram a forma e a estrutura do vestuário usado na escola, como é o caso do Exército e da Igreja. Combina aspectos associados às tendências pedagógicas do recorte temporal escolhido, com o movimento oportunizado ou limitado do corpo e dos processos de socialização, tendo em vista os materiais disponíveis e a forma como foram sendo adaptados aos uniformes escolares. Busca subsídios interpretativos na história do uniforme escolar, suas ideologias homogeneizadoras e de controle, articulados com a contracultura e destinos demarcados por seus usuários em cada tempo histórico. Relaciona a evolução dos materiais desde o campo da moda, articulando forma, corpo, culturas escolares e culturas juvenis. Além disso, apresenta e analisa algumas representações construídas em torno do uso do uniforme escolar ao longo das seis últimas décadas, tomando como objeto de análise as narrativas produzidas por 21 entrevistados, de ambos os sexos, frequentadores da escola nos anos 1940 a 2000. Nos referenciais teóricos, procura dialogar com autores da Educação, da Filosofia, da Sociologia e da Moda, buscando a argumentação para as análises nos aportes teóricos e metodológicos por eles referidos. Constitui, portanto, uma contribuição científica para olhar o presente envolto pelas culturas escolares, considerando uma perspectiva de análise através das lentes da História de longa duração, combinando moda e educação.

Palavras - chave: Uniforme escolar, culturas da moda, culturas escolares, História da Educação.

Abstract:

This paper seeks to establish a dialogue on the historical aspects involved in the uses of school uniforms, taking a look from the field of History of Education to Fashion. Based on the methodological assumptions of the signs of semiotics, it analyzes pictures and school uniform designs of a religious school in a town in Rio Grande do Sul, making a case study. It relates the social changes reflected in fashion with the consequences observed in the design of school uniforms, drawing special attention on how much some institutions have inspired and / or determined the form and structure of the clothing worn at school, as in the case of the Army and Church. It also combines aspects associated with the pedagogical trends of the selected time frame with the movement nurtured or restricted of the body and of the processes of socialization, taking into account the available materials and the way in which they were gradually adapted to the school uniforms. It seeks interpretative subsidies in the history of the school uniform, its homogenizing ideologies and control, linked to the counterculture and purposes marked by its users in every historical time. It describes the evolution of materials from the field of fashion, linking the shape, body, school cultures and youth cultures. Over the past six decades, it presents and analyzes some representations built around the use of school uniforms, taking as its object of analysis the narratives produced by 21 respondents of both sexes, attending school in the years 1940 to 2000. In theoretical, seeks dialogue with perpetrators of Education, Philosophy, Sociology and Fashion, seeking arguments for analysis in the theoretical and methodological contributions which they referred. It is, therefore, a scientific contribution to this look of the present surrounded by school cultures and considering an analytical perspective through the long-term lens of History, combining fashion and education.

Key-Words: School uniform, fashion cultures, school cultures, History of Education.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	O UNIFORME ESCOLAR: HISTÓRIA, CONTEXTO E CUSTOMIZAÇÃO	16
	1.1 O uniforme escolar, as identidades juvenis e a História da Educação	16
	1.2 O uniforme, a sociedade e a invenção da Moda	43
	1.3 O uniforme escolar: um signo de diferenciação e de homogeneização social e cultural	46
2	NOS RECORTES DA MODA E DA EDUCAÇÃO, O DESENHO DA METODOLOGIA	50
	2.1 A pesquisa qualitativa e a História Cultural	50
	2.2 Um passeio pela semiótica	52
	2.3 Outras imagens: as representações	54
3	REPRESENTAÇÕES SOBRE O USO DO UNIFORME ESCOLAR	57
	3.1 Sociografia dos entrevistados	57
	3.2 O caráter obrigatório do uso dos uniformes	58
	3.3 Composição do uniforme escolar	60
	3.4 Sentidos atribuídos ao uso dos uniformes	63
	3.5 Representações sobre a função do uniforme escolar	66
	3.6 Práticas “subversivas” na customização dos uniformes	69
4	COLÉGIO LA SALLE CARMO: UM CENÁRIO DE ANÁLISE	73
	4.1 Caxias do Sul e seu processo de colonização	74
	4.2 A necessidade da educação em Caxias do Sul	77
	4.3 As escolas confessionais em Caxias do Sul e a proposta Lassalista	79
	4.4 João Batista de La Salle: fundador das escolas Lassalistas	83
	4.5 O Colégio Nossa Senhora do Carmo	85
	4.6 O Uniforme Escolar do Colégio La Salle Carmo	89
	4.7 Novos tempos, novas formas: um uniforme diferente?	92
	CONCLUSÃO	
	REFERÊNCIAS	
	ANEXOS	

INTRODUÇÃO

*“Alguns homens vêem as coisas como elas são e perguntam: Por quê?
Eu sonho com as coisas que nunca foram e pergunto: Por que não?”
Barnard Shaw, dramaturgo (1865-1950)*

O estudo que oportuniza as reflexões desta dissertação, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEDU/UCS), filiado à linha de Pesquisa História e Filosofia da Educação, constitui uma combinação entre a formação inicial de sua autora no curso de Tecnologia em Moda e Estilo e a área do programa ao qual a pesquisa está ancorada, ou seja, a Educação.

Para situar de onde decorrem as motivações e as subjetividades, tanto da escolha profissional, como do objeto e problema da pesquisa que ora apresento os percursos e os resultados, começo por apresentar uma pequena crônica, descrita nos tempos da escolarização na Educação Básica, como aluna do colégio do Carmo, parte do cenário onde esta investigação foi gestada e realizada.

O uniforme também discrimina;

“Nós te queremos no nosso time amanhã!”, falou uma menina loirinha de olhos azuis, minha colega na sexta série do colégio do Carmo, lá pelos anos oitenta e emendou: “Mas, tens que vir de camiseta azul, pois, os times serão selecionados por cor de camiseta e, somente assim, teremos certeza que farás parte do nosso time”.

Tocou o sinal, o que representava a libertação dos “acorrentados” pela educação, partindo em várias direções alunos de todas as categorias escolares. Eu, como parte integrante desta legítima “manada”, segui o curso esperado, indo em direção à minha casa, com o pensamento alto onde apenas existia a sistemática e minuciosa operação: extrair camiseta azul do uniforme de qualquer lugar, fosse das profundezas do armário, fosse do sistema de turbilhonamento da máquina de lavar.

Dei sorte, pois, a dita camiseta azul brotou oriunda de um universo de cores, onde descompassavam saltitantes diante dos meus olhos, camisetas vermelhas, amarelas e brancas, sendo previamente rejeitadas com um olhar de desdenho. Quando finalmente, tive a visão do que poderia ser apenas comparável ao passe milionário de um jogador de futebol, as peças azuis. Eram duas ou três peças, caro leitor! Não quero passar a idéia de que se tratava de um estoque de alguma loja do varejo e sim do meu guarda roupas!

Sim, azuis! Com toda sua imponência e magnitude, equivalendo apenas a todo azul do céu e apenas a todo azul do mar, simplesmente assim.

Ok, eu já era a detentora de algo muito especial, aquela camiseta azul significava o bilhete premiado para a certeza do pertencimento a um time de handebol no colégio. Se eu era merecedora disso ou não, ficava a cargo da minha inconsciência, pois a memória me alertava o que o orgulho não me

deixava ver, eu não era uma excelente jogadora de handebol, talvez boa, mas “excelente”, com certeza não.

Nos tempos em que eu era apenas uma simples jogadora, isso antes de ser convidada pela elite do handebol, eu estava ora no ataque, ora no gol (posição esta que não era muito disputada por motivos óbvios). Também, não era o tipo de jogadora a ser a primeira escolhida, ficava mais ao estilo: “Tudo bem, vamos ficar com você no nosso time. Agora desmancha esta cara de pidona”.

De certa forma, eu sabia que algo não estava de acordo, mas o quê? Minha auto-estima? Meu orgulho? Nada fazia muito sentido, o sentimento de alegria erguia um sorriso em meu rosto, ao mesmo tempo em que um beliscão do inconsciente franzia a minha testa. Dormi o sono dos justos, apaguei como uma lamparina o fogo em minha mente havia se acalentado sob o matiz de algumas dúvidas. Apenas o imperialismo do pertencimento à “elite” me dava suporte para dormir em paz.

O dia amanhece em todo o seu esplendor, magnânimo e magnífico! Que lindo dia de sol era aquele. A minha impressão hoje, é que poderia estar chovendo cântaros que eu apenas veria o sol sobre eles. Sem dúvida nenhuma um lindo dia para um jogo de handebol, o maravilhoso esporte da maravilhosa disciplina Educação Física, do meu maravilhoso colégio.

Peito estufado, cabeça erguida e a certeza de que o dia, muito representava! O trajeto até o colégio foi o mesmo de sempre com as mesmas quadras, ruas, lojas, transeuntes e pedintes, mas, havia algo de diferente, as quadras estavam mais curtas e suas casas mais belas, as ruas mais calmas e o seu asfalto, há o Seu Asfalto, nunca o havia reparado, mas, que tom de grafite e suas linhas tracejadas, quanta harmonia. Era praticamente uma obra de arte, que perfeição!

Adentrei no colégio com os meus olhos inquietos que miravam analiticamente qualquer ser trajando o uniforme em tom de azul. Absurdo não? Como existem tantas pessoas vestindo azul, isso não deveria ser assim, afinal esta cor faz parte do seletivo grupo das cores primárias e dela provém uma gama inesgotável de outras cores. Não deveria ser para qualquer um, talvez apenas para o “meu” time de handebol da sexta série, assim estaria razoável.

Procurei com olhos de águia, fixos e certos na caça às minhas estimadas colegas e até o disparar do sonoro sinal, que desta vez, mais parecia com o som das harpas tocadas pelos anjos na entrada do paraíso, eu ainda não havia localizado minhas colegas. Projetei-me para a sala de aula, não poderia esperar mais nem um minuto.

Ao ingressar no corredor que antecedia a sala visualizei a cabeça de uma das minhas estimadas colegas e pelo tumulto e burburinho não me era permitido enxergar ela no todo, foi quando me aproximei e tive um plano geral. Percebi o inevitável, tanto o sorriso da minha ex-colega de time, quanto a sua camiseta eram amarelos, como também a camiseta das outras integrantes, minhas diletas e ardilosas colegas de sala e ex-colegas de time de handebol. Na hora, tomada pela frustração e paralisada pelo susto, tentei absorver aquela situação, pensando se aquilo realmente era necessário, eu não fui pedir para fazer parte do time delas, elas é que vieram até a minha pessoa, então: por quê?

Hoje, tendo passado vários anos, esta história ainda rende muitas risadas, mas, não vou negar que na época doeu na minha alma e feriu o meu orgulho, fazendo com que eu me sentisse apenas um boneco na atração principal do circo de horrores, fomentado pelas maldades alheias de pessoas infantis dotadas de uma personalidade torpe e cínica, tal como eram aquelas adolescentes.

“O que não me mata me fortalece”, já dizia Friedrich Nietzsche, filósofo e pensador alemão do século XIX, foi então que passado o susto e a raiva, fiquei no time adversário, providencialmente e estrategicamente no ataque e por fim fui acometida pelo sentimento de pena, pois, o time das amarelinhas, aquelas mesmas, tão táticas e tão unidas a ponto de arquitetar um plano

absurdo apenas para humilhar uma pessoa, foi alvejado por três gols, dois feitos por mim.

A alegria voltou a reinar em minha face, fiquei orgulhosa e realizada, agora não mais por um convite inusitado e suspeito, mas pela certeza de que eu era capaz de aceitar as adversidades e vencê-las 'duela a quién duela'.

Mônica D'Andréa Marcon

Penso que este contexto, juntamente com as aprendizagens construídas no curso de graduação (Tecnólogo em Moda e Estilo) e de especialização (Criatividade em Produtos e Negócios de Moda) criou as condições para a escolha do uniforme escolar como objeto de estudo, focalizando o olhar para o seu uso como uma das linguagens relacionadas à moda e à educação. Por meio da correlação desses dois campos, examinados também os registros fotográficos do período histórico compreendido entre 1940 e 2000, assim como as representações construídas em torno dos usos dos uniformes escolares por entrevistados frequentadores da escola no mesmo período. A pesquisa pretende contribuir com esclarecimentos sobre as diferentes tendências associadas a esta forma específica de cultura escolar dialogando, portanto, com os princípios e pressupostos da História Cultural.

Sendo assim, as questões que guiaram minhas andanças envolveram indagações sobre os aspectos históricos e pedagógicos implicados no uso dos uniformes escolares e as relações que podem ser estabelecidas desde o campo da educação e da moda.

Os objetivos do estudo contemplam: Descrever a evolução das funções pedagógicas do uso de uniformes escolares; Mostrar a função pedagógica do uso dos uniformes escolares na tradição escolar; Analisar os motivos que levaram as escolas para adotarem o uso dos uniformes; Identificar características de moda e estilo nos uniformes; Examinar o conceito de função pedagógica possível no uso do uniforme escolar.

O contexto de estudo do presente projeto de pesquisa surge ainda de um conjunto de perguntas relativas ao uso do uniforme e ao sentido pedagógico atribuído a ele. Questões adjacentes surgiram, de modo a cercar o objeto e desafiar a busca de respostas: Até onde os uniformes tiveram representatividade dentro da sociedade? Como e por que houve uma necessidade de identificação com uma marca da escola preconizada pelas culturas escolares? Tal como as roupas de uso diário o uniforme, no Brasil, também passou por uma evolução e com ela tiveram influências de outros

países, quais foram? Os uniformes escolares foram em, outras épocas, sinônimo de *status*, em razão de as instituições escolares, as quais representavam serem consideradas eficientes por ter um histórico de formação ideal? Ou foi por ser onerosa? Isso ainda permanece nos dias de hoje? Existem reflexos do período da colonização que incidem ou incidiram sobre a trajetória da indumentária escolar? Por quais paradigmas fomos ou ainda somos influenciados, que de tão acostumados não os percebemos? O uso do uniforme se reflete na melhoria da qualidade da educação? A criação dos uniformes obedecia a parâmetros nacionais no início de sua trajetória? O que agregava para sociedade o uso de uma identidade representada por intermédio do uso dos uniformes? O indivíduo era visto de forma diferente por usar um uniforme ou em outras palavras, o uniforme escolar discrimina, fazia a pessoa ser melhor ou pior? Era possível o conceito atribuído a alguém, ser diferente, por ele estar utilizando um determinado uniforme? Até onde existe a influência militar ou católica na composição dos uniformes escolares? Em que momentos os motivos se fundem? As quantidades de peças que compunham o uniforme, a modelagem ou as cores usadas indicam por qual momento que a história se passa? A razão de determinadas cores eram ou são indícios de algo? A indumentária escolar feminina e masculina foi diferente até uma determinada época, por quais motivos deixou de ser? A quais conclusões podemos chegar sobre a condição feminina e masculina presente no desenho e composição da indumentária escolar?

A formulação do problema foi proposta na seguinte pergunta: Qual a função social e pedagógica do uso do uniforme escolar? O desafio na construção das respostas a esta questão envolvem uma articulação entre o conceito de uniforme e o conceito de função pedagógica do uniforme, numa perspectiva social e histórica.

Em tentativas de construir respostas para tantas indagações, o texto foi compondo-se e decompondo-se, tendo as perguntas como “moldes”, para usar um termo do campo da moda, alinhavados, recortados e costurados, buscando referências também na História da Educação, especialmente na História Cultural e nas relações de poder e de controle associadas ao uso do uniforme escolar.

As lentes da Moda estiveram presentes o tempo todo, observando os processos ditados pelas culturas de massa, a evolução dos materiais, assim como os aspectos exógenos à escola que acabam por penetrar no seu interior e influenciar no seu funcionamento.

Com a intenção de contribuir com o campo da Educação e da Moda a pesquisa procura mostrar a evolução do uniforme escolar e seu uso, além de mostrar como se encontra a situação atual do uso dos uniformes escolares, examinando as diferentes razões e contra razões, valendo-se de diferentes documentos, como foi o caso das fotografias de diferentes décadas e das narrativas de alunos e ex-alunos da Educação Básica.

A estrutura do texto segue uma lógica não linear, sendo que os capítulos podem ser lidos independentemente da sequência em que são apresentados. É composta por quatro capítulos, além desta introdução, da conclusão, das referências e dos anexos.

O capítulo 1 denominado “O UNIFORME ESCOLAR: HISTÓRIA, CONTEXTO E CUSTOMIZAÇÃO”, relaciona o uniforme de ontem e de hoje com as pedagogias tradicionais e contemporâneas e com as identidades dos usuários destas indumentárias, ou seja, as crianças e os jovens.

A descrição da metodologia que orientou a pesquisa é apresentada no capítulo 2, intitulado “NOS RECORTES DA MODA E DA EDUCAÇÃO, O DESENHO DA METODOLOGIA”, explicitando uma combinação de procedimentos da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, associando o estudo de caso no colégio do Carmo, o trabalho com entrevistas para o levantamento das representações sobre os usos dos uniformes, assim como, fazendo recurso às ferramentas da semiótica para a análise das fotografias. O paradigma indiciário relacionado à História Cultural se faz presente em todo o percurso da dissertação.

Reservado para a descrição e análise das “REPRESENTAÇÕES SOBRE O USO DO UNIFORME ESCOLAR” está o capítulo 3, no qual emergem diferentes imagens associadas ao uso dos uniformes, em diferentes tempos e espaços escolares, desde as décadas de 40 aos anos 2000, assim como, daqueles da escola pública e/ou privada.

Por fim, no capítulo 4, nomeado como “COLÉGIO LA SALLE-CARMO: UM CENÁRIO DE ANÁLISE” no qual aspectos da história da instituição cenário

da pesquisa são apresentados de forma contextualizada com a história da cidade de Caxias do Sul e a sua necessidade crescente por investimentos em educação.

O texto encerra-se com as conclusões (possíveis) e referências (consultadas) a que o estudo permitiu chegar, considerados o tempo para sua realização e as condições materiais de sua produção. Termo de consentimento livre e esclarecido, roteiros de entrevistas, autorizações e demais documentos pertinentes compõe o anexo.

1 O UNIFORME ESCOLAR: HISTÓRIA, CONTEXTO E CUSTOMIZAÇÃO

Neste capítulo, abordo a história do uso dos uniformes escolares, apresento às escolas que foram pioneiras na sua adoção no Brasil, situando as influências européias e americanas, descrevendo a estrutura dos uniformes em cada década do Século XX, relacionando os materiais utilizados com a forma e com a correlação temporal das influências do campo da Moda na Educação.

Discorro uma narrativa pelos materiais e pelas cores e relaciono o uniforme de ontem com o uniforme de hoje, sincronicamente com as pedagogias tradicionais e contemporâneas aos usuários destas indumentárias, ou seja, as crianças e os jovens relacionados com a história da moda.

1.1 O uniforme escolar, as identidades juvenis e a História da Educação

Uniforme, segundo Corazza (2004) que também pode ser chamado de farda ou fardamento, pode ser entendido como aquilo que possui apenas uma forma. Neste caso como um vestuário padronizado de uso regular de uma corporação, classe ou instituição, elaborados para tornar quem o usa igual, semelhante ou idêntico. (CORAZZA, 2004, p. 55).

No livro *Moda e Comunicação* (2003) o escritor Malcolm se apóia com estas linhas para afirmar: “Wilson ressalta, citando Martin, que ‘Bem pode ser verdade que a moda seja como todos os *fenômenos culturais*, especialmente de gênero simbólico ou mítico, [os quais] se mostram curiosamente resistentes a serem aprisionados a um... ‘significado’ (WILSON 1985:10-11).” (Apud MALCOLM, BARNARD, 2003, p.27)

Assim, poder-se-ia dizer que, enquanto toda roupa é um adorno, nem todos os adornos são elegantes. Alguns podem ser terrivelmente deselegantes. Dir-se-ia que, enquanto toda indumentária é um adorno, nem toda roupa é moda pela mesma razão. E, ainda, que, enquanto toda moda é um adorno, nem toda moda é indumentária. Algumas são tatuagens ou cicatrizações. Similarmente, enquanto que cada item do vestuário obedecerá a um estilo específico, nem todos os estilos estarão na moda, uma vez que entram e saem da moda. E enquanto que cada item do vestuário obedecerá a uma moda determinada, nem toda moda é elegante; é sabido que alguns tipos de moda dispõem a ser antimoda. Finalmente, pode-se dizer que, enquanto que toda moda é estilizada, nem toda moda constitui um item de vestuário; como já mencionado,

alguns estilos de moda envolvem mudar a cor ou a forma do corpo.
(MALCOLM, 2003, p.26)

Pelas palavras de Malcolm me aporto na conexão entre uniforme escolar e moda que resulta esta pesquisa. Assim, começo com a descoberta de que por volta do século XV foi o exército uma das primeiras organizações a utilizar um tipo de vestimenta igual para todos os militares da mesma patente e também outras instituições um pouco menos disciplinares no tocante da obrigatoriedade à submissão que faziam parte deste universo como era o caso dos hospitais, hospícios e asilos (SILVA, 2006, p. 59).

Lurie (1997, p. 59), apud Silva (2006) faz uma referência às calças curtas, como peças do uniforme pensadas, independentemente do clima, mas seguindo uma lógica militarizada. Conforme a autora na dissertação de mestrado de Silva (2006) é possível ler a seguinte passagem:

Ainda hoje, muitos uniformes escolares são de calças curtas. Nos dias escuros e frios de inverno, os pátios das escolas primárias são assinaladas por joelhos vermelhos, esfolados, com calombos e cicatrizes, que brilham dolorosamente entre shorts cinza ou azul-marinho e as compridas meias cinzentas. O bom senso sugeriria que fossem cobertos, mas o bom senso não conta muito na história do vestuário. Além disso, historicamente, os joelhos nus sempre sugeriram virilidade: são associados aos uniformes de guerra dos antigos britânicos, aos saíotes escoceses modernos, aos exploradores construtores do império e aos heróicos jogadores de futebol. Cobri-los seria sinal de enfraquecimento nacional. (LURIE, 1997, p. 59, Apud SILVA, 2006)

No Brasil os uniformes escolares passaram a ser utilizados entre 1800 e 1900 com o advento da Escola Normal, sendo que a primeira Escola Normal no Brasil surgiu em Niterói no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX com a função de capacitar professores para trabalharem no magistério de ensino primário. Também era oferecido em cursos públicos de nível secundário, o qual é chamado hoje de Ensino Médio.

As escolas mais tradicionais passaram a adotar o uniforme, de fato, somente na década de 20 do Século XX e as demais, na década de 30 do século passado. (DANTAS, 2008).

Com a deflagrada intenção de simbolizar, cores, nome e o símbolo da escola permearam os objetivos da criação dos uniformes escolares. Existe uma mensagem subliminar na vestimenta onde exige do aluno uma postura

exemplar, zelando assim pela imagem da instituição onde estudam e inevitavelmente também a representam, sem importar se estão dentro ou fora da escola. Segundo o jornalista Tiago Dantas (2008) no seu artigo Uniforme Escolar, entre as décadas de quarenta e setenta do século passado, a aceitação social deste período se dava mais através do símbolo que o uniforme representava e este também era um indicativo de *status*. Este fato é salientado por Frédéric Monneyron em seu livro *A moda e seus desafios: 50 questões fundamentais*, lançado em 2007, no texto “Rumo ao fim das diferenciações sociais?”, onde diz: “De fato, o homem, que a implantação das sociedades burguesas havia confinado a um traje estereotipado, tinha seguramente manifestado durante todo século XIX a vontade de se distinguir. (MONNEYRON, 2007, p. 39).

Na descrição de Dantas, este era o desejo acalentado por pais e alunos. Este fato torna-se muito latente quando lemos Umberto Eco em seu livro “Psicologia de vestir” onde ele salienta que existe no vestuário uma noção da comunicabilidade na sua amplitude e que a vida em sociedade, tudo se torna comunicação. Eco segue explicando: “Pelo menos tudo que não é natureza bruta, para alguém da sociedade constituída, para alguém do homem que tem uma percepção da natureza e a faz dobrar-se aos seus objetivos, preenchendo-a de significados”. (ECO, 1989 p. 8).

Portanto pode-se acrescentar que o uniforme representa a pertença a um determinado grupo social, cultural e intelectual, gerando assim uma identidade que é comentada por Marilda Lopes Pinheiro Queluz no texto intitulado “Questões Pontuais sobre Design e Identidade”, onde sob uma ótica mais contemporânea ela cita Cowan (1989, p. 218), quando esta afirma que “os significados culturais podem ser mais potentes para as pessoas que as funções sociais e econômicas que os objetos/tecnologia/sistemas tecnológicos foram projetados para realizar”. Queluz (2007, p. 14-15), complementa dizendo que “se percebermos o universo da cultura material, dos artefatos e da tecnologia como experiências vividas, talvez, sejamos capazes de vislumbrar as sutis formas de criação, inserção, apropriação e transformação dos artefatos feitos pelos diversos atores sociais”.

Ao mesmo tempo, com a proliferação dos grupos escolares a partir do século XX e a crescente democratização do acesso à escola (pública), em

muitos casos, o uniforme escolar representou fator de discriminação e de diferenciação social, cujos guarda-pós brancos indicavam escolas frequentadas por alunos de menor poder aquisitivo.

Fato emblemático foi o Colégio Cristóvão de Mendonça, situado em Caxias do Sul, pois, embora sendo uma escola pública, tinha em seus quadros a elite da cidade, indicando, através de sua cor vermelha e azul marinho, uniforme implantado no final dos anos 1960, símbolo de distinção social e intelectual. Dados informais dão conta de que isso teria passado por um declive na década de 90 e início dos anos 2000, cujos depoimentos referem processos de segregação dos alunos quando uniformizados, tendo em vista o processo de massificação ocorrido com as matrículas centralizadas, recebendo alunos de vários pontos da periferia da cidade e de cidades circundantes a Caxias do Sul.

Observa-se que, a partir dos anos 1990, houve muitas mudanças nos modelos dos uniformes, principalmente nas escolas privadas deixando-os mais confortáveis e práticos, como é citado por Dantas (2008): “A partir da década de 90, as escolas, principalmente privadas, mudaram bastante os modelos de seus uniformes, fazendo roupas mais confortáveis e descoladas”.

O exemplo que pode ser referido neste caso, em Caxias do Sul/RS, é o da Escola Leonardo Da Vinci, fundada na década de 90 do século XX e destinada aos filhos das classes médias e altas, configurando a primeira experiência de escola de tempo integral da iniciativa privada, cujo uniforme era composto por peças inusitadas até então, tais como, blusão de moletom¹ e calça de algodão com elastano², inserindo na cultura da vestimenta escolar uma nova concepção, onde o corpo começa e ter forma. Esta idéia é transmitida por Ana Claudia de Oliveira quando ela cita:

1

Moletom: tipo de malha aflanelada e quente de lã, algodão ou misto com poliéster, feita com entrelaçamentos flutuantes, que provocam um toque de pelúcia. Usado em peças esportivas, infantis e uniformes escolares. (CHATAIGNIER, 2006, p.151)

2

Elastano: fibra química polimérica e sintética, pertencente à cadeia do polímero conhecido como *lycra*. Possui grande elasticidade e é apropriada para roupas íntimas e esportivas (CHATAIGNIER, 2006, p. 144)

A roupa não veste um suporte vazio, o corpo. Ao contrário, sendo carregado de sentido na sua malha de orientações, este interage com as direções, formas, cores, cinetismo e materialidades da roupa e atua de variados modos nas suas configurações, tomadas de posição e movimento. (OLIVEIRA, 2008, p. 92).

A realidade da simbologia do uniforme ante ao usuário mudou no que se refere ao seu conceito, pois, atualmente esta vestimenta não possui mais os mesmos valores de outrora, apesar de ainda ser considerado como agente identificador que por consequência garante a segurança de quem usa e dos que o olham. É passada a impressão de que, mesmo tendo sido o uniforme escolar sempre um “uniforme escolar” o sentido da sua existência sofreu várias mutações ao gosto dos tempos. Conforme a humanidade foi passando por processos de evolução, esta vestimenta fixou-se na idealização, mas não na conceituação.

Há os que defendem o uniforme, pois, o seu uso desenvolve nos alunos, um sentimento de identificação com o grupo, fundamental no desenvolvimento psicossocial das crianças. Estas afirmações marcam, portanto, o terreno movediço que envolve a temática da indumentária escolar: situado entre os que amam e os que odeiam usá-lo.

Outro elemento para ser referido são os adereços e formas de afirmação sobre as identidades presente nas culturas juvenis dos diferentes tempos estudados, através das marcas impressas em cada indumentária, tais como: encurtamento de saias, inserção de sobreposição de peças e o uso de adereços.

Descolando o olhar para a História de longa duração, para o período histórico deste estudo (1940 a 2000), podemos encontrar os modelos inspirados na igreja, mais propriamente na batina dos padres, passando por ternos elegantes para os meninos e saias longas com camisas de mangas compridas para as meninas, até chegar às roupas mais descontraídas dos dias de hoje que podem facilmente ser vistas como bermudas, calças *legging*³,

Legging: Tipo de calça justa, usada tanto para linha feminina como para a masculina. Pode ser usada sozinha ou parcialmente coberta por saia, *t-shirt*, ou *shorts*. Seu propósito original era aquecer as pernas. As *leggings* atuais são feitas com mescla de lycra ou elastano para aderirem ao corpo. O comprimento é na altura dos tornozelos, algumas versões tem tira que passa pela planta do pé para mantê-la esticada.

calças *skinny*⁴, camisetas *baby look*⁵, blusões canguru e muitas outras. Sem contar que atualmente os colégios têm uma preocupação maior com a composição do uniforme, o que envolve também a criação de adereços na mesma linha dos uniformes, tal como a bandana, que as meninas usam para prender os cabelos e para completar a vestimenta desenvolvem até meias que tem aplicado no seu comprimento o emblema da escola.

O uniforme escolar, no decorrer da história, serviu para identificar, controlar e padronizar os alunos das instituições que o utilizavam e até hoje utilizam. Há os que se referem ao seu uso como forma de segurança e outros que afirmam ser o uniforme um encobridor das diferenças sociais de uma mesma escola e/ou sala de aula, além dos efeitos estéticos que oportunizariam com imagens mais harmoniosas.

Tradicional ou moderno, mais colorido ou mais elegante, mais estruturado ou mais confortável, com cores mais neutras ou mais vibrantes, enfim pelo estilo do uniforme escolar, podemos ter uma idéia das culturas escolares (VIÑAO, 1995) que perpassaram a história do seu uso. De toda forma, podemos dizer que os uniformes são muito parecidos, baseiam-se na roupa usada no dia-a-dia do aluno, seja ela qual for, podendo ser até uma roupa com estilo trivial. É o que afirma Furio Lonza no artigo de Vagner Apinhanesi (2007), “Com que roupa eu vou?”, ao complementar:

As escolas mais tradicionais defendiam o uso do modelo clássico, mostrando as características mais conservadoras da instituição. A primeira escola que adotou o uso do uniforme no Brasil foi o Colégio Pedro II, situado no Rio de Janeiro, sendo que os primeiros modelos datavam de 1850. (LONZA, 2005, apud APINHANESI, 2007).

O primeiro uniforme do Colégio Pedro II, situado na cidade do Rio de Janeiro e inaugurado em 02 de dezembro de 1837 data de aniversário do imperador-menino e sendo denominado Imperial Colégio de Pedro II. Era inspirado na farda militar, aparentando ser uma versão mais simplificada. Para

4

Skinny: calça feminina ajustada ao corpo, normalmente confeccionada com mesclas de algodão, lã, etc e elastano, para garantir conforto. É uma nova versão de *legging*, muito popular atualmente na versão jeans.

5

Baby look: camisetas de algodão em versão feminina e ajustada, marca a cintura, tem manga mais curta e apertada, o comprimento é levemente abaixo da cintura.

tanto, existe um texto auto-explicativo de Pedro Nava, o qual ilustra muito bem os uniformes da época. Conforme é possível verificar no livro do carioca Pedro Nava, médico e escritor brasileiro do século XX, “Chão de Ferro” de 1976. O escritor carioca aprofunda o leitor nos seus textos com o descritivo de alguns uniformes escolares usados na época, por conta de um texto referente suas memórias da mocidade: “Naquele primeiro sábado saí sozinho para o centro: errei subi descí perguntei e achei comovido, “As Quatro Nações”, a casa famosa de confecções onde se cosiam os uniformes de quase todos os colégios do Rio de Janeiro.” (NAVA, 1976 p. 35).

Nava descreve ainda a passagem daquele dia oferecendo ao leitor alguns pormenores: “Das oficinas dessa última saíam fardas que diferiam do modelo oficial – como falsificação de objeto autêntico. Era assim a primeira do Dibo, que em vez de marinho era azul-pavão” (p.35). Trata-se de uma descrição realista, do ponto de vista literário, e assim ele continua a fim de perpetuar na imaginação do leitor detalhes da trinca dos uniformes disponíveis naquela época:

Nossos uniformes eram um de três. O primeiro era do mesmo tom e casimira do fardão da Armada. Túnica fechada, tendo bordados a ouro, simetricamente, nos dois lados da gola, ramos de carvalho folhas e bagas. As frentes desse dólma tinham, para dentro, largo debrum preto acetinado seguido paralelamente por sutache semelhante. Essa barra orlava igualmente toda borda inferior do paletó, mais os falsos bolsos, os canhões dos punhos, a costura externa das calças e a cercadura do boné. Só oito botõezinhos dourados tendo em relevo a esfera armilar realenga que a República esqueceu nas Armas do Colégio Pedro II: dois em cada manga, dois em cada falso bolso. Botinas de elástico. Boné do mesmo pano do uniforme, armado, como os russos, por cercadura metálica de meio centímetro de largura, logo substituída por aro simples. Tinha como florão o mesmo distintivo dos botões – só que bordado a similar sobre de (sic) flanela amarela e guarnição de lã celeste com as estrelas nacionais. (NAVA, 1976, p.35)

Nava é tão minucioso em sua missão que tamanha preocupação em levantar com detalhes a verdadeira descrição dos uniformes o faz transcender o período que narra:

Jugular de verniz preto como o da pala. Fiel dourado com nós - direitos. Para formaturas, o forro do boné mudava para linho branco – como o das luvas de algodão e o das polainas de lona. Isso já não peguei. No meu tempo, nas paradas, usávamos o segundo uniforme. Este era cáqui, roupa habitual dos alunos do Externato e de saída

dos do Internato, nas semanas mais quentes do princípio e final do ano. Dólmã fechado, tendo de cada lado da gola, em fundo de tré, um ramo de carvalho de metal branco. Do mesmo tré ou mescla de fios azuis e brancos, eram as guarnições da costura lateral das calças, da frente das túnicas, dos bolsos, das mangas, das passadeiras dos ombros (que os oficiais-alunos substituíam por platinas de cáqui com galões e laçada simples de sutache preto). Os botões eram de massa negra e os alfaiates ora forneciam com a esfera armilar e a cercadura de estrelas ora com uma torre sobre ela estrela única. Esses botões eram aparentes, na frente, nos bolsos e para desgraça nossa, na parte posterior da túnica. Nesse ponto eles guarneciam ornatos que figuravam abas de falsos bolsos fronteiros, de modo a ficarem três de cada lado. (NAVA, 1976, p.36).

A descrição em detalhes do autor remete a idéia de admiração e saudade que ele acalentava por aquele tempo. Ele expõe todo o seu fascínio até quando descreve situações causadas referente ao uso do uniforme:

Um ódio de morte separava os *Seis no Cu* dos *Cachorros Matriculados* e seus encontros da rua geralmente cumulavam no pugilato. Só em grupo muito grande ou sem farda é que nos arriscávamos a passar na Rua São Francisco Xavier, Praça Saens Peña, Praça Afonso Pena e Rua Mariz e Barros – zonas de influência dos *Cachorros Matriculados*, assim como eles tinham sempre os mesmos cuidados para trafegarem nas vidamias dos *Seis no Cu* [...]. (NAVA, 1976, p.36)

Pedro Nava não se furta de ser esclarecedor quanto a cores e simbologias referente ao fardamento do colégio que frequentava, expressando:

Os bonés do nosso segundo uniforme eram iguais aos do primeiro, só que de cáqui e TRE. Também armados com aro interno, retirado pelos protestatários que ainda puxavam para a orelha o forro mole e tornado grande demais. Assim eram os bonés parecidos com o do Czar da Rússia tomavam aspecto de casquetes de apache. Quando havia formatura, vestíamos, com o segundo, luvas brancas e perneiras de amarelo avermelhado. Essa última peça, como as anteriores, não era individual. Eram escolhidas na hora, as primeiras na rouparia e, as últimas, na sala das Armas. No Externato havia requintados que usavam culote e altas polainas pretas. (NAVA, 1976, p.36)

Seguindo com sua descrição primorosa, o médico e escritor, segue brindando-nos com os detalhes da sua indumentária escolar:

Vamos agora ao nosso terceiro uniforme, roupa de presidiário que só o Internato conhecia. Era todo cáqui, tendo de tré os canhões e as mangas, a gola do dólmã e uma guarnição de dedo de largura cercado o gorro redondo. Era sinal de protesto usá-lo para nuca e sempre com a costura posterior descosida. Assim guardo até hoje o que usei no meu último ano de colégio. Também as botinas diferiam.

As do primeiro e segundo uniforme eram pretas, inteiriças, de elástico. As do terceiro, sempre inteiriças e de elástico, mas dum couro cru, cor de pelica branca ou dum amarelo cadaveroso – que era bem pintar com a tinta azul dos tinteiros e brunir depois com graxa preta. Que mais lembrar? Das nossas roupas de colegiais. As meias anêmicas de fio grosso? Nossas camisas de peito duro? A pelerine azul de botões dourados? Servindo só para saída e a Cidade. Porque ninguém ousaria envergá-la no recreio, fizesse o frio que fizesse – havia o perigo de senti-la de repente enrolada à cabeça e um festivo bolo humano logo se constituía sobre paciente cego e meio sufocado. Porque macho não sente frio... (NAVA, 1976, p.37)

O Colégio Sion, citado por Lonza com a clara intenção de ter um referencial feminino localiza o leitor dizendo que esta instituição teve o início de suas atividades no começo do Século XX, em Petrópolis e utilizava um modelo muito semelhante ao das escolas na França o qual era composto de avental escuro sobre o vestido mais claro até os tornozelos, com mangas compridas. Segundo descrição de Lonza no texto “A educação na *Belle Époque* (1880-1914)”. O Colégio Caraça no estado de Minas Gerais que vem a ser um dos mais antigos do Brasil começou a utilizar no fim do século XIX o uniforme para seus estudantes, sendo que era uma batina que lembrava muito a batina dos padres. (LONZA, 2005). Conforme Malcolm (2007, p. 51 apud LONZA, 2005),

Trata-se de uma visão mecanicista da linguagem e do significado, que conduz a uma explicação mecanicista do significado em moda e indumentária, em que os significados dos trajes parecem preexistir, sendo selecionados e combinados para compor um conjunto ou *ensemble*. É como se as peças de roupa possuíssem significados que o usuário então combinaria num conjunto. (MALCOLM, 2007, p. 51, apud LONZA, 2005).

Malcolm relaciona o uso das roupas e suas formas com as linguagens que elas comunicam, expressando também as concepções e organização social de uma época. Segundo ele, “nessa explicação não existe o menor indício de como “palavras”, que se supõe serem roupas, por si só nada significam, de como é que somente relacionado com todas as outras diferentes peças de vestimenta é que um item da indumentária tem um significado qualquer. (MALCOLM, 2007 p. 51).

Lonza, portanto, levanta o fato de que novamente a opinião sobre o uso do uniforme escolar envolve o contexto de quê a padronização das roupas e a identificação de seus alunos são os principais motivos alegados pelas escolas para utilização dos uniformes (LONZA, 2005). Ademais quando lemos em

Malcolm (2007) que a peça de roupa, é o meio que a pessoa manda uma mensagem para outra, gerando assim comunicação e identificação. A mensagem, assim, é uma intenção proposital ou não da pessoa comunicar suas mensagens à outra e isso é transmitido pela roupa no processo de comunicação. Ainda, segundo Malcolm (2007):

E, conquanto essa ideia de que intenção social diz respeito ao afetar recíproco do comportamento por indivíduos e tenha uma certa plausibilidade do dia-a-dia, ela pressupõe que aqueles indivíduos já são, ou se tornaram, membros sociais de uma comunidade, antes ou fora daquela influência recíproca que afeta o comportamento. Como diz Cherry, 'Um grupo de pessoas, uma sociedade, uma cultura, eu definiria como pessoas em comunicação' (CHERRY 1957:4). (MALCOLM, 2007, p.53)

Assim alguns colégios de maior prestígio conferiam *status* aos seus alunos uniformizados através de sua identidade como é o caso do Colégio Pedro II, Instituto de Educação e Colégio Militar, situados no Rio de Janeiro; e do Colégio Caetano de Campos, em São Paulo. O renome dos colégios nem sempre se dava pelo pagamento de mensalidades, principalmente nos exemplos citados. O Colégio Pedro II, por exemplo, era público e, embora, no fim do Século XIX e começo do Século XX, alguns alunos pagassem mensalidade, sempre foi frequentado por estudantes carentes, que lhes eram cedidos, bolsas de estudo, material escolar e uniforme. Segundo Lonza (2005) o Colégio Militar nunca cobrou mensalidades, assim como o Colégio Caetano de Campos. Sendo estas escolas de muita influência, frequentadas, na sua maioria pelos filhos de pessoas abastadas que frequentavam estas instituições pelos principais motivos de que eram conceituadas e tinham os melhores docentes. Até o começo do Século XX, poucas pessoas que não possuíam muitas posses iam à escola, a segregação era muito forte e fazia parte da filosofia de vida à continuação da profissão dos pais. (LONZA, 2005)

Na França, para as meninas, por exemplo, o uniforme identificava aquelas que estavam sendo instruídas sobre etiqueta e bons modos, à francesa, o que na época era muito valorizado.

Lonza observa que o Colégio Mackenzie em São Paulo foi uma instituição que demorou muito para adotar um modelo de uniforme padronizando para todos os alunos. Tinha uma camiseta branca com o "M"

vermelho, com um significado legendário da escola americana, moderna e de ensino e a frente do seu tempo. O motivo “necessidade” passou a existir a partir dos anos 20 do século passado, com o advento da Escola Nova⁶. Lonza no diz que a Escola Nova era mais democrática e quando as pessoas com menos condições financeiras passaram a estudar nos colégios os uniformes quase sempre eram doados pela escola. Como era o esperado, em função da evolução, desta época em diante, o conceito do uniforme vem mudando. Como Airtton Embacher diz no seu livro *Moda e Identidade* de 1999:

A identidade – metamorfose é a articulação de todas as personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída pela história do sujeito diacrônico – personagem-bebê, personagem-moleque, personagem-menino, etc. – e no movimento sincrônico – personagem – professor, personagem - homem, personagem – pai, etc.- dessa mesma história. Para identificarmos essas personagens interpretadas na vida do sujeito, basta pedir que ele narre sua história. (EMBACHER, 1999, p.23).

Atualmente, a segurança é um dos fatores que representa bastante importância, como é possível constatar nos depoimentos colhidos no capítulo quatro. O uniforme é visto como uma forma de identificar os alunos à distância e citado como um dos motivos mais importantes em diversas ocasiões, mas, talvez, o maior sentido para o uso dos uniformes seja o do pertencimento e o do controle, conforme afirmações de Foucault (2004, p. 118) ao dizer que “não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de interesses muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”.

Ao falar do “Paradoxo do Uniforme”, Corazza (2004), alerta para o fato de que, possivelmente, o uso uniforme saliente os elementos mais intrínsecos do ser humano. Para a autora, o uniforme não é apenas o vestuário utilizado no âmbito escolar, mas, também aquele do dia-a-dia que o indivíduo utiliza para se fazer igual e identificável no seu meio e por isso ela pergunta:

Quem vestiu algum tipo de uniforme – guarda pó branco; saia azul-marinho, camisa branca, cinto e gravata vermelhos; jardineira azul ou

⁶ A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino, muito presente na Europa, na América e no Brasil, no período que compreende a primeira metade do século XX.

laranja do pré; o pretinho básico das noites de embalo; o *jeans*, a camiseta e o tênis; o terninho, o blazer, a bolsa Louis Vitton, etc. – e deixou de experimentar uma sensação agradável de pertencimento? Quem ao vestir um uniforme, nunca experimentou a gostosura de pertencer a uma comunidade, a um grupo, a um gueto, a uma tribo, de não estar fora, mas de estar dentro, de ser aceito, de estar integrado, de fazer parte, de estar incluído? (CORAZZA, 2004, p. 54).

A pesquisadora gaúcha indaga ainda, em sua análise, se a humanidade é tão facilmente condicionada que apenas uma vestimenta pode comandar as mentes e as atitudes das pessoas que se uniformizam. Para ela:

Mesmo que do cultivo das plantas, a produção dos fios e das linhas, a homogeneidade dos pontos de costura, as séries da embalagem e estocagem, os modos de trajar, abotoar e amarrar uniformes/fardamentos; ou mesmo que fosse viável controlar, regular e governar totalmente as maneiras de viver, sentir, pensar, fazer, dizer, no intuito de uniformizá-los, sempre estarão em movimento às forças atuantes do dessemelhante e do heterogêneo, do não-análogo e do não-idêntico, dos devires ilimitados ainda que sejam imperceptíveis. (CORAZZA, 2004, p. 54).

Recorrendo a Lonza, no seu estudo sobre os modelos utilizados pelas escolas, podemos ter uma noção da moda que fazia sucesso na época e até notar as tendências socioculturais que existiam no Brasil. É possível salientar a influência militar e católica na constituição da história da educação no Brasil. É possível dizer ainda que o uniforme segue a moda, mas com um pouco de atraso, às vezes muito atraso. A minissaia, por exemplo, demonstra um intervalo de mais de dez anos entre a invenção de Mary Quant, famosa estilista britânica da década de 60 e autora da criação da minissaia, que revolucionou o mundo da moda na época e a aceitação de um comprimento menor nos colégios brasileiros, o que obrigava as alunas a dobrarem cerca de quatro vezes a saia na cintura, no caminho do colégio, pois o comprimento das saias do uniforme não ultrapassasse os tornozelos. Este episódio é citado no capítulo quatro das representações por uma das entrevistadas que diz:

O que mais comum entre as meninas era enrolar as saias. Pois, no tempo da minissaia a gente queria até o uniforme na moda. E o uniforme do Cristóvão era um símbolo, na época, de juventude e de inovação, pois, o vermelho não era repertório de uniforme e aquela escola estava super cotada na época, o que fazia a gente se sentir como pertencente a uma tribo vanguarda, sentir orgulho do uniforme e do que ele representava. (A/50/Feminino).

Lonza destaca que, no início do século XX, a elegância permeava a vestimenta dos alunos, os rapazes de terno completo e as moças com saias compridas e blusas brancas de manga comprida e isso era influência direta da moda francesa, pois, nesta época a moda do país de Gales imprimia elegância aos que a usavam e, por isso, imperava entre os mais abastados, respingando alguns resquícios das tendências de moda as classes menos favorecidas. Conforme Joffily (1999, p. 18), “enquanto durou a *Belle Époque*, importávamos veludos caríssimos que as moças ostentavam em seus passeios nas ruas da cidade, mãos e braços sempre cobertos por elegantes luvas, debaixo do sol tropical.”

Olhando para o cenário brasileiro, recomponho a seguir, aspectos relacionado a moda na história do Brasil, fazendo conexões com o uniforme escolar desde o período do Brasil Colônia até a atualidade.

Tudo começou com a fase colonial onde todos os produtos eram importados da Europa por intermédio dos comerciantes portugueses. Nesta mesma época é proibida a produção de peças têxteis no Brasil. Esta proibição dura até o século XIX.

A história da moda desde os seus primeiros passos no Brasil, segundo a jornalista Ruth Joffily em seu livro: “O Jornalismo e produção de Moda”, publicado em 1999, sofreu muitas alterações no que se refere ao vestuário. Como no período da nossa colonização a França era tida como a epopeia das civilizações, o que lá acontecia era cegamente copiada tanto no trato quanto na vestimenta.

Como o Brasil é um país tropical com um clima muito diferente da França as pessoas que aqui viviam naquela época, penaram muito para manter-se na moda, satisfazendo assim os seus caprichos, conforme cita Joffily (1999):

Foi a fase áurea da Rua do Ouvidor, onde elegantes damas e cavalheiros vestidos à européia, não levando em consideração o clima tropical, trajavam longos vestidos de veludo, cartolas, casacas, luvas, uma enormidade de armações e anáguas. O país ainda considerava modelo de bom gosto a nobreza de Portugal que, fugindo de Napoleão na Europa, se refugiara no Rio de Janeiro, sem abrir mão do seu gênero de roupa – que os fazia suar em abundância por aqui. (JOFFILY, 1999, p. 58-59).

Joffily destaca o fato de que na constituição da História do Brasil Colônia, Lisboa exerceu o seu lado mais tirano e, a mando da coroa portuguesa, confiscou e queimou todos os teares e também as pequenas máquinas de fabricação têxtil, até as domésticas. Somente assim, Portugal manteria o monopólio imperioso da produção de têxteis, assim como de praticamente tudo que se consumia nas terras tupiniquins. (JOFFILY, 1999 p.58).

É interessante notar que até meados do século XX não existia uma produção nacional de vestuário, principalmente devido ao fato exposto anteriormente. Segundo Joffily (1999, p. 58), “para maioria esmagadora da população eram produzidos peças de uso básico, sem distinções de corte ou no tecido, obedecendo exclusivamente a finalidades práticas”.

Sendo a população no Brasil era formada por nobres, mas também por escravos a estes era destinada apenas a pequena produção têxtil, de rudes peças de vestuário fabricadas aqui mesmo no Brasil com permissão de Portugal.

Entretanto a jornalista relata que no Brasil Império, havia grandes lojas para as pessoas de posses e que em boa parte do período republicano, se concentravam mais no centro do Rio de Janeiro. (JOFFILY, 1999).

O Brasil já reconhecido como Reino Unido, começava uma produção ínfima do comércio nacional o qual se desenvolvia a base de produtos importados. Para exemplo disso tem-se a Casa Canadá que inicialmente dedicava-se ao comércio de peles. Existia também a Loja Sibéria, Babette e outras casas do ramo que produziam seus modelos para elite, sendo que eram as peças reproduções fiéis dos modelos europeus.

Aqui, cabe citar que os uniformes escolares começaram no Brasil no século XIX, durante o período da República e eram inspirados nos modelos militares do Exército Nacional. Com isso, a intenção era de garantir a identificação a organização e a segurança dos alunos e assim era possível manter vivo os ideais republicanos de ordem e progresso. (LONZA, 2005 p.41). Conforme cita Gontijo (1987),

E é a Rua do Ouvidor, passarela das modas e elegâncias, que descobre e imediatamente segue à risca os ditames de Paris. A *Belle Époque* e o *Art Nouveau* são as grandes referências visuais. Da

França vinham os figurinos, o que fazer o que vestir. E era do francês que se extraíam as palavras usadas para designar as peças do vestuário brasileiro. Nas ruas do centro da cidade viam-se homens de fraque e polainas e mulheres também vestidas formalmente. O nosso clima não combinava com a elegância importada. Os senhores vestiam casimiras inglesas quentíssimas, com colarinhos altos, em camisas cortadas na 'Casa Coulon' ou compradas feitas na 'Casa Doll'. (GONTIJO, 1987 p.11).

Na educação da *Belle Époque* (1871 a 1914), as escolas públicas eram frequentadas pelos filhos da elite, pois, os menos afortunados tinham como premissa que nunca teriam chance alguma na vida e ao invés de estudarem iam trabalhar. Assim nos cursos primários não existiam uniformes escolares, as crianças iam vestindo o seu melhor traje e cada um tentava demonstrar o seu estilo na busca de estarem na moda, uniformizando a todos mesmo que involuntariamente. (LONZA 2005, p. 45).

Segundo Joffily (1999, p. 58), “até o momento atual, em que a moda é uma das mais fortes atividades econômicas do mercado brasileiro, uma questão marca toda trajetória: o encontro do público com o estilo, com o toque original no ato de se vestir”.

O que acontecia nas escolas normais era um pouco diferente, pois, as moças já usavam um conjunto “saia azul e blusa branca”. Todas as peças muito recatadas deixando pouco ou quase nada do corpo à mostra. Estas peças por sua vez eram confeccionadas a gosto do usuário, nunca sendo, portando, o mesmo tecido, nem exatamente a mesma cor. Variando os tons de azul e a quantidade de bordados em suas blusas brancas. As peças se tornavam praticamente peças artesanais. Tornado-se singulares no conjunto. (LONZA, 2005, p. 45).

O relato de Lonza (2005) destaca o fato de que as meninas usavam a mesma roupa das outras aulas para a aula de Educação Física, pois, não havia uniforme específico para isto. Praticamente, eram compostas de vestidos com grandes saias rodadas, golas grandes e as cores eram variadas, na maioria, eram cores escuras. Os meninos passavam pelo mesmo desconforto, sendo que a roupa que utilizavam era de uso diário e também não eram apropriadas para as aulas de ginástica tornando-se, portanto, incômodas.

Gontijo (1987) reforça a influência francesa na moda brasileira afirmando que:

Nada de estranhar que o francês seja a língua da elegância, até mesmo da masculina, onde o, sobretudo é o *gilet de soirée*, a sobrecasaca chama-se *pardessus*, o chapéu de feltro é o chapéu *souplé*. Para as senhoras a nomenclatura é riquíssima, começando nas, *négligée-chambres*, que se usam na maior intimidade, até os vestidos *brocart Pompadour* (engrinaldados de rosas), passando pelos, *corsets* (corpetes), *plastrons* (blusas finas), *décolletages* (decotes), *jupons* (saia curta), *désabillés* (trajes caseiros), *capelines* (chapéus para senhoritas), etc.” (Moda e Elegância). (GONTIJO, 1987, p. 11).

Na virada do século XIX para o século XX, até o fim da Segunda Guerra Mundial surgem as pequenas indústrias de roupas, com mão de obra imigrante.

No colégio Pedro II em 1909, os alunos usavam um uniforme que lembrava as fardas dos militares nas atividades da escola, ginástica, banda e no batalhão escolar (LONZA, 2005). O *Des Oiseaux* colégio das Cônegas Regulares de Santo Agostinho, no início de século XX ocupava um prédio estilo *Art Nouveau* e suas alunas trajavam uniformes compostos por avental branco sobre a roupa, com babados e bordados e a maioria usava lenços e chapéus na cabeça. Já os meninos vestiam calças brancas - estilo pescador, com sapatos pretos e meias brancas. As fitas coloridas que usavam normalmente no pescoço, indicavam a série que estavam cursando (LONZA, 2005, p. 59).

Aproximadamente em 1915, na cidade de São Paulo, transitavam as ‘normalistas’, futuras professoras que estudavam na Escola Normal. Lonza descreve assim:

As normalistas chamavam atenção nas ruas, vestidas de azul e branco, com uniformes mais modernos, seguindo as tendências da moda, mas mantendo a sobriedade. As mocinhas usavam saias longas, agora tipo *evasée*, menos volumosas. As camisas brancas não tinham tantos detalhes e, algumas vezes, exibiam gravatas compridas, que conviviam com as borboletas amigavelmente. Para eles e para elas, a seriedade e o recato imperavam na postura dos futuros mestres e professores primários. (LONZA, 2005, p 63-64).

O escritor ítalo-brasileiro, ainda sinaliza que nesta mesma época os uniformes masculinos estavam sendo introduzidos ao longo do tempo nas escolas brasileiras. Eram compostos por peças ao estilo de um ‘pequeno adulto’, com terno escuro e camisa branca. (LONZA, 2005).

Este aspecto é facilmente compreendido quando lemos Alison Lurie no seu livro “A Linguagem das Roupas” de 1997, quando ela cita:

[...] O mesmo tipo de coisa acontece na linguagem das roupas. Em uma reunião social com muitas pessoas é possível vê-las vestidas de modo mais jovem ou mais velho do que os costumes prescrevem. Conscientemente ou não, seus trajés são uma mensagem, e uma que todos os presentes compreendem instintivamente. (LURIE, 1997, p. 66).

Tal observação leva a crer o quanto intencional era fazer os alunos se vestirem como adultos precoces. Os costureiros da época produziam apenas para uma seleta clientela de alto poder financeiro aonde eram confeccionados apenas modelos exclusivos influenciados pelas confecções da alta costura europeia. Já as *boutiques* atendiam a uma classe um pouco menos favorecida e tinham como principal produto os importados. Lonza diz que os uniformes escolares começaram a ter maior visibilidade no país entre 1911 e 1919 e que, com a sua utilização, a distinção social se agravava por conta da identificação dos uniformes (LONZA, 2005 p. 70).

Percebe-se que o uniforme tem pouca ou nenhuma alteração durante anos. As mudanças começaram no Pós Guerra, com a independência das mulheres, já com o poder de voto, que subiram a barra das saias e modificaram as modelagens dos vestidos. Conforme sinaliza Lonza, o primeiro livro sobre uniformes escolares foi publicado somente ao final dos anos 20 do século passado, contendo modelos para a escola primária e normal. Mais precisamente, a primeira publicação data de 1929, no formato de brochura, é veiculada através da Diretoria Geral de Instrução Pública, com textos descritivos dos uniformes das escolas públicas, intitulada “Uniformes Escolares – Districto Federal”:

‘Escolas Primárias’ – A blusa é branca, de mangas compridas, de tecido não transparente com punhos abotoados ou com pressões, tendo um bolso do lado esquerdo. Largura: Golas, punhos e bainha com 6 cm de fio direto. O monograma é bordado no bolso com linha D.M.C. azul-marinho, em ponto cheio. A saia é de tecido azul-marinho escuro, com três pregas de cada lado. A gravata é feita de uma tira comprida do tecido da saia, de 5 cm de largura, tendo as extremidades presas à blusa por botões e alças. Cadarço branco estreitos, colocado horizontalmente, diferencia os anos do curso primário. Calçados e meias pretas.

‘Escola Normal’ – Blusa branca de pano não transparente (morim, linho ou tricoline), com botões de madrepérola, punho e gola de 7 cm de largura, cinto em casimira branca de 3 cm de largura. Gravata de fita de gorgurão número 12 azul-marinho escuro, preso por distintivo da Escola Normal feito em metal prateado. Saia de casimira azul-marinho escuro toda em machos de 10 cm. Casaco de casimira azul-

marinho escuro com dois bolsos e botões cobertos da mesma fazenda. Calçados pretos. Meias cor carne. Chapéu de feltro azul-marinho com fita de gorgurão também azul-marinho número 9 passada em volta da aba, terminado num laço do lado direito. Os anos do curso serão distinguidos por cadarços de cor azul-marinho presos no punho sendo para o curso anexo cordão estreito de meio centímetro e para o normal cadarço de um centímetro. (LONZA, 2005, p. 91-92)

Observa-se, entretanto que a existência do uniforme escolar nos anos 20 foi se constituindo sem uma obrigatoriedade, a qual começa a ser praticada pelas escolas somente a praticar apenas nos anos 30 (LONZA, 2005). Quanto à confecção, o autor esclarece que “como a venda de uniformes em loja fosse pequena, eles eram feitos em casa ou pela costureira, tendo em comum a cor, já que em cada um usavam tecido diferente e o feitiço também era bastante particular (Ib idem, p. 92).

Acontece a Era Vargas (1930 – 1945) e é dado mais patriotismo ao uniforme. Apesar de algumas mudanças, inclusive para disciplina de ginástica e atividades esportivas com o surgimento do calção preto em tricolore a base do uniforme permanece semelhante e as mudanças maiores ocorrem com o advento da segunda Guerra Mundial, onde os uniformes passam a ter uma inspiração militar para os meninos e mais futuramente também para as meninas: “Influenciados pelo clima bélico mundial, era cada vez maior o número de colégios que adotavam a farda militar como uniforme” (LONZA, 2005, p.129). Entretanto, a contracultura que emerge da juventude rebelde no pós-guerra, modificam este contexto e influenciam a forma, cores e composição dos uniformes escolares. Nas palavras de Lonza (2005):

O *Rock* muda tudo. O mundo estava em constante mudança, era uma metamorfose ambulante. Enquanto nos Estados Unidos, os *beatniks* misturavam poesia, *be pop* e cruzavam o território para tentar responder a velhas angústias existenciais, na segunda metade da década de 50, surgiu o som que iria revolucionar a música e os costumes do mundo: o *rock'n in roll*. Os jovens ostentando blusões de couro negro e calças bem justinhas imitavam os tiques enfiados de Marlon Brando e James Dean. O *rock* foi a música que instigou a juventude a procurar a própria moda. Nessa época, os uniformes tiveram um papel especial. O estilo de roupa que se usava para ir ao colégio – a chamada moda colegial – inspirou a moda jovem. Eram as saias rodadas combinadas com blusas mais simples, sapatos baixos e suéter para meninas e jaquetas e suéteres para os meninos. As camisetas, usadas por baixo da camisa ou nas aulas de Educação Física, tornando-se peças indispensáveis no vestuário jovem masculino. O *jeans* chegou para ficar definitivamente, no uso diário e nos uniformes, embora tenha gerado muita controvérsia – era ideal

para os meninos e problema para o pessoal da escola, já que, em diferentes estágios de descoramento, os alunos nunca ficavam uniformes. (LONZA, 2005, p. 160).

Esta composição se mantém até a década de 60. Nos anos 70 o desejo de rebelar-se era evidente, os jovens inspirados nos seus contemporâneos inovadores, os rebeldes astros do rock e do cinema, assumiram o excesso, o fora do comum na aparência e nas atitudes. A minissaia, a miniblusa, o biquíni, a minicalçinha, a meia-calça, a boca de sino, a moda e os cabelos longos para os homens representaram uma renovação absoluta. Os adolescentes queriam sua própria moda e não admitiam se vestir mais como seus pais. (DE CARLI, 2002, p.133).

A partir do início dos anos 70, começam a surgir mais no eixo Rio-São Paulo, as confecções de luxo com o desenvolvimento de peças nacionais. Lonza cita que na década de 60 a rebeldia dos jovens havia chegado ao seu ápice com o aparecimento do *jeans*⁷.

Apesar de nos colégios o uniforme tradicional ser feito de tergal azul⁸ marinho a moda trazia consigo o desejo da juventude em se revoltar contra o tipo tradicional de se vestir e de se portar, assim, os colégios tiveram que ceder e o *jeans* passou a ser aceito nas instituições (LONZA, 2005, p. 23).

Os novos uniformes são muito bem recebidos, pois, com o advento da helanca⁹ na década de 60 a nova indumentária passa a ter muitas vantagens sobre os antigos uniformes, conforme Lonza:

7

Jeans: a palavra é uma corruptela de Genes (em francês) identificando o tecido grosso de algodão, *coutil* ou brim, que era originário do porto de Gênova, na Itália, e muito usado pelos marinheiros. Quando foi (re) inventado por Levy Strauss em meados do século XIX, o pano era utilizado para a cobertura de carroças que trafegavam no caminho do ouro californiano, e depois adotado pelos vaqueiros norte-americanos. (CHATAIGNIER, p.148, 2006).

8

Tergal: tecido produzido com fios puros ou mistos de poliéster. Seca rápido, não amarrota e é utilizado em uniformes, forros e roupas profissionais. (CHATAIGNIER, p.158, 2006)

9

Helanca: Tecido elástico feito a partir de poliamida texturizada por falsa torção. Muito usado nas décadas de 1960/70 em *beachwear* (calções e maiôs) e *fitness* (malhas para prática de exercícios), antes do aparecimento da *lycra*. (CHATAIGNIER, p.147, 2006).

[...] com o aparecimento da helanca, oferecendo muitas vantagens sobre os outros tecidos: não precisava ser passado a ferro, não se deformava com o uso, secava muito mais rápido e não encolhia, além de oferecer muito mais cores, possibilitando inúmeras combinações e também um bom caimento. As escolas tiveram possibilidade de escolher cores específicas e acompanhar as mudanças da moda jovem na determinação do seu uniforme. (LONZA, 2005, p. 176).

A influência europeia ainda incide sobre o Brasil, em menores proporções, é verdade, mas ainda presente. Prova disso são as palavras de Gilberto Freyre, escritor, antropólogo brasileiro, recifense, considerado um dos grandes nomes da história no Brasil. Para ele,

[...] Lembrem-se que, na história das modas brasileiras de mulher e de homem, a moda das alpacas de cores vivas, que se tornou tão incisiva, a partir da década de 70 – e, nesse particular, os anúncios de jornais são fonte valiosíssima de informação – foi precedida por alpacas escuras: ressurgências do mesmo material sob cores cuja voga viria a ser parte da reação à predominância de pretos e cinzentos que assinalou no Brasil, como se destaca, à base de evidências idôneas, no livro: *Sobrados e Mucambos*, a reeuropeização. A reeuropeização de modas, hábitos e de padrões culturais brasileiros, por algum tempo, durante os dias coloniais, tão literalmente coloridos por influências orientais, vindas, em parte da Índia e, particularmente, de Macau. A reeuropeização tendo se feito sob influxos principalmente britânicos e franceses, incluiu substituições, nos trajes brasileiros das classes altas, de cores vivas, por pretos, cinzentos e azuis escuros. Até que, a começar do ano 70, houve um retorno, nos vestidos de mulher, a cores brilhantes. (FREYRE, 1986, p. 119).

Como o texto acima demonstra muito bem, o Brasil já começa a ter a vontade de ser autoral quanto à moda. No Rio de Janeiro surge o “Grupo Moda-Rio”, que no início dos anos 70 ganhou destaque por ser o primeiro núcleo organizado de estilistas brasileiros. Em meio à efervescência do ‘milagre econômico’ (nome destinado ao período de excepcional crescimento econômico durante a ditadura militar de 1969 a 1973), surge o *prêt-à-porter* nacional voltado para classe média com poder aquisitivo, mas com o advento das lojas de departamentos com produção em alta escala que ofereciam ao público peças mais em conta e com estilo.

As mudanças na indumentária escolar continuaram acontecendo nos anos 70 e 80, época que a maioria dos colégios do Brasil, a opção eram agasalhos esportivos os *trainings*, em várias versões: shorts, calça comprida e tênis ou sapatos de todos os tipos, incluindo sandálias de plástico. Alguns colégios continuavam oferecendo a opção do uso de calça, saia ou bermuda *jeans*, mas as jaquetas ou

blusões eram sempre do modelo esportivo, mudando completamente o estilo dos uniformes. (LONZA, 2005, p. 177).

É neste período que começa, ainda de forma ínfima, mas, sempre presente, a inserção da camiseta de algodão nas imagens da vestimenta dos alunos dos colégios brasileiros. Peça esta que, com certeza, propiciaria outra dissertação de mestrado (talvez em moda) tamanha é a abrangência da sua trajetória e da sua contribuição para o mundo. Como este não é o foco desta dissertação, me limito a dizer que ela surgiu como roupa íntima e ganhou outras dimensões quando passou a ser usada externamente e teve algumas variações na sua modelagem no decorrer da história. Serviu de meio para sinalizar movimentos históricos, como o da ‘contracultura’ no Brasil. Desde o seu surgimento, nunca mais saiu de cena, muito antes pelo contrário, a cada dia que passa, a camiseta se torna mais essencial (LESA, 1988).

Popularizam-se as coleções de grandes estilistas que as assinam para determinadas lojas de departamentos. É o chamado *licensign*, adequando a nova mentalidade de vestir com a realidade financeira do público consumidor.

Conforme Joffily (1999, p. 66), com a inserção da camiseta de algodão no uniforme escolar, “vemos o caminho da democratização do estilo com a tendência mais lógica da indústria de moda no Brasil”.

Para dar sequência a minha pesquisa, me debrucei sobre os estudos da também jornalista Erika Palomino que resultou no seu livro intitulado “A Moda” que passa referenciais dos anos seguintes ao da edição de Joffily, editada em 1999.

Para Palomino (2003), no Brasil, moda era um assunto que interessava a poucos até os anos 90. A jornalista carioca também cita as ‘modas’ copiadas de Paris antes da década de 90. É válido destacar o momento em que a jornalista cita:

Também ficava impossível definir tendências locais, pois, todas vinham (copiadas) de Paris, já estabelecidas. E pior: vinham ao contrário, já que o inverno no hemisfério norte é o nosso verão. Adaptávamos na hora que os franceses decidiam que seria a moda para dali a seis meses. Um verdadeiro samba do crioulo doido. (PALOMINO 2003, p. 72).

Contudo, a autora cita: “O que nem é de se estranhar. Colonizados que fomos, acreditamos realmente, por séculos, que tudo que vem de fora é melhor, raciocínio cristalizado numa suposta elite”. (PALOMINO, 2003, p. 73).

Assim vieram os anos 80, com uma forte tendência já há muito inserida no mercado mundial o '*jeans*'. No Brasil reinava a marca *Dijon* e outras marcas que começavam a dar o 'tom' do estilismo no Brasil, foi um caminho sem volta.

Desta época em diante o país começa a alcançar voos cada vez mais altos e com maior autonomia quanto à moda. O consumidor brasileiro começa a perceber que o Brasil tem estilo sim, e gosta.

Lonza (2005) observa que os anos 80 mudaram significativamente a vestimenta escolar, propiciando novos caminhos para o uniforme, que por sua vez perde para todo sempre, as influências militares e religiosas (salvo com algumas exceções). Mantendo no seu DNA apenas o registro da nomenclatura pelo seu vínculo com a história guardado nas páginas dos livros e nas memórias dos seus personagens. Conforme palavras do autor:

Foi na década de 80 que, através do uso da helanca e do moletom, a saia, a gravata, o sapato preto e a camisa foram substituídos definitivamente pelos agasalhos tipo esportivos, os *trainings*, que ofereciam um conforto excepcional e liberdade de movimentos, além de atender à troca de temperatura: no calor, só calça com camiseta e, esfriando um pouco, colocava-se blusão. Os tênis substituíram os sapatos pretos fechados para sempre. A grande novidade era que o uniforme podia ser unissex. Em tempos democráticos, uniformes democratizados. Foi nessa época que as escolas começaram a oferecer aos alunos várias opções de uniformes: calça de malha ou *jeans*; calças compridas ou bermudas para os meninos; saias, bermudas, shorts-saia ou calças compridas para as meninas; tênis, sapato ou até sandálias, meias de qualquer cor e comprimento etc.. Mesmo assim, os adolescentes reclamavam e surgiu o hábito de, no último dia de aula, vingar-se da obrigação e arrasar o uniforme. Primeiro todos os colegas davam autógrafo nas camisetas (ver depoimentos no capítulo das representações desta dissertação), depois se rasgavam a roupa um do outro. Era a comemoração do final de ano e do uso diário do uniforme. (LONZA, 2005, p. 197).

A Moda no Brasil se torna objeto de estudo e a Faculdade Santa Marcelina (FASM), em São Paulo, fica sendo a pioneira na área educacional de moda, lançando em 1987 o primeiro curso de graduação de moda no país¹⁰. A Universidade de Caxias do Sul, também inovadora, implanta em 1992, em parceria com os Sindicatos do Vestuário e da Fiação e Tecelagem da região, o segundo curso superior de moda no Brasil, denominado 'Tecnologia e Moda e Estilo'. A UCS também é a pioneira nos cursos de pós-graduação, *Lato Sensu*, em moda no Rio Grande do Sul.

¹⁰ Disponível em <HTTP:// www.cosanaify.com.br>

No início dos anos 90, o país sucumbe a um mercado financeiro difícil, a moeda estrangeira valia muito em relação ao dinheiro nacional. As exportações tornam-se inviáveis e isso gera uma grande crise no setor. Para piorar o cenário financeiro da moda no Brasil, o então presidente eleito, Fernando Collor de Mello, coloca em prática o “Plano Collor” que instaurou a moeda do ‘Cruzeiro’ e afetou a vida de todos, conforme as afirmações de Palomino (2003). “Foi uma parada cardíaca”, sentenciou Constanza Pascolato empresária da Tecelagem Santaconstancia (PALOMINO, 2003 p. 81). Para a jornalista, o período foi muito agravado no setor econômico, principalmente após a abertura das importações, contudo ela diz:

Ao mesmo tempo, com a abertura do mercado para as importações, o produto brasileiro sofria severa concorrência de peças mais baratas, que seduziram, sobretudo, um consumidor com pouco dinheiro para gastar com roupas. A partir de 1992, com a entrada dos tecidos importados, despencaram os preços, dando origem à mais longa agonia do setor até então: entre 1992 e 1997, pelo menos 773 empresas da área têxtil fecharam, e mais de 1 milhão de pessoas perderam o emprego. (PALOMINO, 2003, p. 81).

Apesar da gravidade em que o mercado nacional se encontrava, marcas internacionais, mundialmente conhecidas começam a entrar no país através de lojas consagradas. Segundo a jornalista Palomino o mais complicado foi convencer estas marcas a se aventurarem em terras brasileiras, pois, além do país ter um mercado muito no começo da sua história, também sustentava uma fama de mau pagador. Sem contar o fato da pouca visibilidade que o Brasil tinha diante dos grandes conglomerados que constituíam o Planeta *Fashion*. Palomino diz que dentro da década de 90 o Brasil entra na era da globalização, que por sua vez:

[...] trouxe também informação para uma juventude ansiosa por novidades. Começaram a chegar mais revistas, CDs, vídeos. Com mais poder de compra e mais mobilidade, cresceu no país o número de aparelhos de som, e muito mais gente pôde viajar. Começava a mudar o perfil do jovem brasileiro de classe média, que deixou de ser apenas aquele que andava em bandos nos *shopping centers* para passar a refletir uma cultura jovem que acontecia já no resto do mundo. (PALOMINO, 2003, p. 82).

Palomino destaca no ano de 1992 quando o país volta a crescer, superando um período de sete anos de queda do PIB *per capita* e uma inflação que passara de menos de 100% para dez vezes este valor ficando na casa dos

1000% ao ano. Principalmente devido a este fato o ano de 1992 é considerado o marco zero da nova era da moda no Brasil. (PALOMINO, 2003, p. 83).

Anos 90, tudo novo (de novo)! O movimento dos “caras pintadas” traz ao país uma sensação de *Déjà vu*, mas sem a violência e a opressão dos anos 60. Guerrilhas e milícias de outrora, dão lugar aos rostos pintados e as bandeiras improvisadas. Ninguém morre e o manifesto se realiza. Mostramos ao mundo que não somos apenas democratas, somos muito mais que isso. Era a época dos ‘megadesfiles’ com apresentações gigantescas e mirabolantes, o mais importante era aparecer, conforme sinaliza Palomino (2003, p. 83). Neste período, estilistas brasileiros são lançados e alguns atingem a fama de costureiros internacionais no *Planeta Fashion*. Com isso, “começava a decolar – também na moda – a auto-estima dos brasileiros, apoiada pela nova moeda, o real, lançada em julho de 1994”. (PALOMINO, 2003 p. 84).

Aportado pela estabilidade da economia o Brasil começa a ensaiar um calendário nacional de lançamentos no setor têxtil, tudo começa com o *Morumbi Fashion Brasil* em São Paulo, sendo que a primeira edição ocorreu em julho de 1996. “A moda entrou na moda” configura o bordão dos anos 90. (PALOMINO, 2003, p. 85)

Lonza (2005), alerta que embora esses avanços, até a metade da década de 90, o exagero dos anos anteriores continuou influenciando a moda.

Foram lançados, por exemplo, o *jeans* colorido e a blusa segunda-pele que colocava a lingerie em evidência. Isso alavancou a moda íntima, que criou peças para serem usadas à mostra, com novos materiais e cores.

Segundo ele:

Foi uma década marcada pela diversidade de estilos, que conviveram harmoniosamente. A moda seguiu cada uma destas tendências, produzindo peças para cada tipo de consumidor e para todas as ocasiões. Entretanto, vale à pena ressaltar o *grunge* que, impulsionado pelo *rock*, influenciou a moda e o comportamento dos adolescentes com seu estilo despojado de calças/bermudões largos e camisas xadrez da região de Seattle, berço desse tipo de música. A camisa xadrez, aliás, foi uma verdadeira coqueluche, presente inclusive nos armários dos rapazes mais tradicionais, os mauricinhos. Nesse século, que viu passar guerras, modismos, quedas e crises, surgiu uma consciência de se resguardar o futuro. A preocupação ecológica ganhou *status* e fez com que países e populações conscientes exigissem mudanças por parte dos governos e dos fabricantes de bens de consumo. (LONZA, 2005, p. 203).

Tanto entusiasmo com o novo filão de mercado, o Brasil começou a editar livros sobre moda é o caso de Gloria Kalil e Fernando de Barros. Destaca-se como estilista Lino Villaventura, paraense radicado em Fortaleza, considerado o mais 'brasileiro dos criadores', pois, demonstrava todo o brasileiro nas suas coleções, que no início, tinha as salas dos seus desfiles um pouco vazias. Em algumas vezes, o sentimento geral era até de um pouco de constrangimento por tamanho patriotismo, porém, "aos poucos, entretanto, a exuberância amazônica de Lino o transformou num orgulhoso ídolo da estética *Made in Brazil*." (PALOMINO, 2003, p. 86)

A partir destes anos as modelos brasileiras começam a se destacar cada vez mais, no agora, *Mundo Fashion*. Cria-se uma nova concepção sobre o Brasil, que começa a mostrar a sua cara em outros continentes. Palomino diz com muita propriedade:

Pela primeira vez, então, era legal ser brasileiro. É preciso lembrar aqui que o mundo da moda (a internacional, sobretudo) é um ambiente esnobe e arrogante, em que muitas vezes o que legitima o resto (assim como em outras áreas) é o dinheiro. Por isso precisamos vencer pelo charme. (PALOMINO, 2003, p. 88).

O Brasil passa e ser mundialmente conhecido e a nossa maior referencia é o *way of life*. Lindas mulheres, clima tropical, praia e carnaval é o enredo nas mentes dos estrangeiros. Segundo Palomino (2003, p. 88), "parece um pacote turístico, mas era assim que o mundo nos via". Com uma moeda estável o país começou a exportar. A indústria têxtil se modernizou e o cenário *fashion* global passou a ter o Brasil entre seus fornecedores. Estilistas brasileiros despontam e promovem desfiles na Europa e na América do Norte. A jornalista carioca destaca que: "No finalzinho dos anos 90, o interesse do mercado externo pelo produto de moda brasileiro estava finalmente desperto. Com isso, o círculo (colonizado) se completou: ora, se o mundo está interessado no Brasil, é porque realmente o que temos aqui é bom. Viva a moda brasileira!". (PALOMINO, 2003, p. 89).

O Brasil está na moda, um clima de entusiasmo toma conta e os jornalistas estrangeiros começam a mirar seus *flashes* e dedicar suas reportagens ao até então desconhecido, *fashionmente* falando, Brasil.

"O verão de 2001 marca a entrada em um novo tempo de moda brasileira." (PALOMINO, 2003, p. 90).

Quanto aos uniformes escolares, a democracia traz consigo um novo problema, como exigir sem obrigar? Lonza (2005), diz que os uniformes do século XXI priorizam o conforto e a praticidade de uma estética jovem e bonita.

São as exigências dos novos tempos e a dialogicidade requerida pela população juvenil, observando os jovens como potenciais modelos culturais e consumidores culturais. Para Lonza,

Apesar dessa preocupação, os jovens contestam os atuais uniformes e buscam alternativas para deixá-los mais de acordo com as suas expectativas. As meninas, por exemplo, usam camisetas muitos números menores para ficar com o umbigo à mostra, como manda a moda e o colégio não permite. O que elas fazem? Na hora da entrada, quando são examinadas, fecham o blusão para que a vista do umbigo não seja flagrada. As coordenadoras e monitoras riem, é claro, lembrando-se do tempo em que enrolavam a saia do colégio na cintura para estar com as pernas à mostra, como exigia a moda dos anos 60 e 70. (LONZA, 2005, p. 219)

É o processo de customização, inserindo as marcas das identidades juvenis na composição da roupa do aluno. Trata-se de um processo de construção da pertença e de afirmação identitária no qual os jovens negociam os polos estruturadores de seu eu. Embora seja impossível, os jovens tentam uma unificação entre as múltiplas faces que compõe o seu eu: a identidade de jovem e a identidade de aluno, sendo a primeira, quase sempre subsumida na figura da segunda, especialmente, na ótica do mundo adulto (STECANELA, 2008;2010).

Ante o exposto, é possível perceber o quanto cíclica é a humanidade, mudam os tempos, mudam os personagens, mas, a essência é sempre a mesma. Humberto Eco nos diz que 'vestuário é comunicação', e eleva a discussão a um nível incontestável quando cita a própria natureza como agente deste tipo de informação, afirmando que:

[...] as utentes do sexo feminino já desde há muito tiveram uma industriosa consciência, assim como os zoólogos já não espantam mais ninguém quando explicam a função atrativa de que se revestem as plumagens e as cores dos fatos, no âmbito duma naturalíssima dialética dos sexos. (ECO, 1989, p. 7).

Quanto aos uniformes das escolas públicas, muitas são as discordâncias que abarcam este tema. Os problemas vão desde as licitações ou a falta delas, passando pelas cores adotadas nos uniformes que de governo em governo

querem valorizar a cor deste ou daquele partido, até a inobservância pelas preferências dos alunos, que nem sempre é respeitada. Por razão de o uniforme ser doado, os governantes não abrem muita margem para discussão e os usuários acabam por ter que aceitar o que lhe é imposto.

O aluno que não tem muitas condições financeiras vibra por poder vestir um uniforme que o classifica apenas como “aluno”. Já o aluno que tem algum poder aquisitivo, reage quanto ao gosto duvidoso das peças e acaba não usando, doando esta vestimenta para algum parente seu. (LONZA, 2005 p. 223)

Na escola particular a realidade é bem outra. Lonza afirma que, “com a cartela completa de cores entrando nos uniformes das escolas particulares e os modelos cada vez mais se aproximando da nova moda, o estudante do século XXI pode se apresentar totalmente *fashion*.” (LONZA, 2005, p. 224). O autor faz notar que:

Deixando os conflitos de lado, o uniforme escolar ficou tão *fashion* que inspirou até uma coleção de inverno apresentada no São Paulo *Fashion Week*, em janeiro de 2005, pela *Vide Bula*, resgatando moletons, saias plissadas, camisetas divertidas ilustradas por cartazes imitando o tom contestatário da vida estudantil, com os dizeres: “Não à mídia hipócrita” e “Brasil com educação”. (LONZA, 2005 p. 224).

Assim, adentramos no século XXI, onde a perfeição ainda está longe de ser conquistada, mas, brasileiros que somos, estamos aprendendo a trabalhar com as regras do mundo *fashion*. Dosando meticulosamente o quanto de brasileirismo queremos ter e quanto de influências estrangeiras precisamos ter. Como afirma Palomino:

A afluência dos veículos internacionais naquela estação fez com que, de repente, a cultura brasileira virasse “tendência” e os “temas” brasileiros inspirassem estilistas. Houve um recorde de desfiles (89), incluindo-se no circuito, além de São Paulo, as capitais do Rio e de Belo Horizonte. No Morumbi Fashion Brasil, criam-se um dia para moda masculina e outro para moda praia – na tentativa de confirmar esse segmento como um dos principais focos externos da produção nacional. Por fim, foi à temporada em que a mídia e o público deram um basta à cultura da cópia. A partir do momento em que as peças internacionais já estão à venda nas lojas de luxo do Rio e de São Paulo, em que a mídia faz correr informação de moda nos jornais, nas revistas e na internet e em que os próprios editores estrangeiros estão aqui como testemunha, não há mais espaço para que os criadores brasileiros façam aquilo que todo mundo faz (e que as raízes colonizadas de nosso país legitimaram): o plágio. A moda *made in*

Brazil vai, dentro do possível, fincando o pé na autenticidade e encontrando a sua cara. (PALOMINO, 2003, p. 90)

O século XXI se mostra propício para a moda no Brasil, o país estuda o seu estilo. Tendências como misturar a manufatura com a tecnologia se mostram cada vez mais eficazes, a ver o estilista Walter Rodrigues que produziu vestidos onde era manufaturado entre as rendeiras do Piauí e a *Lycra*. Convergência inusitada e impensável até aquele momento. (PALOMINO, 2003).

1.2 O uniforme, a sociedade e a invenção da Moda

*“O vermelho vivo atrai e irrita o olhar,
como chama que o homem contempla irresistivelmente.
O amarelo limão berrante, depois de certo tempo, fere o olho,
como o som agudo de um clarim perfura os tímpanos.
O olho pisca, não consegue suportar e vai mergulhar
nas calmas profundezas do azul ou do verde do mar.”
Wassily Kandinsky (ARRUDA e VENTRELLA, 2002, p. 79)*

Que é, afinal, moda? Assim, Gilberto Freyre começa o seu texto, onde explica o que não pode ser deflagrado no momento da concepção, apenas pode ser visto na sua materialidade, que é a moda.

Como é dito no poema de Drummond, “Ah o amor ... que nasce não sei onde, vem não sei como e dói não sei porque!”

Analogia à parte, é claro que a moda é muito mais fundamentada que isto. Vários são os livros disponíveis tratando de pesquisas sobre a moda. Apesar de ser teoricamente embasada nos últimos tempos, Freyre contextualiza se aportando no dicionário Aurélio, sobre este movimento, dizendo que moda é:

[...] hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo e resultado de determinado gosto, idéia ou capricho” do sentido básico que lhe atribui Aurélio, “uso passageiro” – segundo o mesmo Aurélio – “que regula a forma de vestir, calçar, pentear etc.” e “..arte e técnica do vestuário”. Uso passageiro – acrescenta-se, entretanto, a Aurélio – como sugeridos por expressões como “a cor roxa está na moda”, “tal perfume é o da moda” [...]. (FREYRE, 1986, p.96).

Massimo Baldini (2006) dedica em seu livro “A Invenção da Moda” um capítulo inteiro sobre o conceito de definição da moda. Baldini não surpreende quando narra que a moda já foi descrita muito equivocadamente. Ele conta que

na antiguidade as pessoas escreviam sobre o que supunham que fosse moda, eram os filósofos e por vezes até homens da igreja.

Para exemplificar, Baldini cita Immanuel Kant nos escritos de 'Antropologia sob um ponto de vista pragmático', onde Kant afirma: moda é uma forma de vaidade, mas, simultaneamente, uma forma de loucura. (BALDINI, 2006, p. 53). Já em outro momento um historiador (que Baldini não informa o nome) diz: a moda é o mais loquaz dos fatos sociais e talvez seja também o mais global. Elevada a um alto grau de significância Colbert, economista do século XVII disse que: "a moda representava para França o que as minas de ouro do Peru representavam para os espanhóis." (BALDINI, 2006 p. 53).

Por ser um tema que desperta muita a curiosidade da humanidade, talvez por ser inerente a todo 'ser' pensante, que se cubra com mais ou com menos trajes, os textos são de autoria de poetas e escritores franceses de tempos idos que vão de Balzac a Baudelaire e até Mallarmé, poeta francês do século XIX que não se limitou em dizer que a moda é uma 'soberana', afirmou que ela sim, representa a todos.

Na Europa, muitos foram os momentos em que as personalidades se expressaram sobre o 'seu' conceito de 'moda'. A Condessa Marie de Villeermont escreveu: a moda não faz os povos, mas em certo sentido os povos fazem a moda. Surgem de repente, com uma aparência súbita e imprevista espantamo-nos ao ver as novas formas das roupas e os novos usos adotados, no espaço de poucos anos, em todas as nações. O filósofo que se desse ao trabalho de aprofundar as causas, não tardaria a constatar que as modas estão de tal modo, intimamente ligadas ao espírito humano que são o seu reflexo. A mesma Condessa afirma ainda que, a moda é também uma ótima espia para identificar quem é que detém realmente o poder na sociedade. (BALDINI, 2006, p. 54).

A Condessa ainda não havia afirmado, mas, por estas passagens já é possível perceber o verdadeiro conceito de moda, a linguagem. Como mais adiante em seu livro o próprio Baldini acaba afirmando no texto "A linguagem do vestuário". É claro que não é possível deixar de observar civilizações como a China, por exemplo, que Baldini afirma em uma passagem que divulga no seu livro:

As modas que tiranizam as mulheres européias quase não influenciam o gênero feminino no Oriente; lá se usa quase sempre o mesmo tipo de penteado, o mesmo modelo de vestido, o mesmo tipo de tecido. d'Osson, Muradj, 1741. Chamando-as de 'sociedades estáticas' ou 'modas fossilizadas' (BALDINI, 2006, p. 55).

Apesar de pouco mostrar, na opinião desta autora, as mulheres do oriente, acabam por dizer muito quanto a sua cultura e sociedade. Baldini comenta que no Ocidente a situação é muito diferente, citando Alfred L. Kroeber, ele diz que: “as dimensões básicas do vestuário da mulher europeia moderna oscilam com suficiente regularidade entre máximos e os mínimos que na maioria dos casos mudavam com intervalos médios de cinquenta anos.” (BALDINI, 2006, p. 56). É muito interessante citar como Baldini define que a moda atual não pode ser definida:

Nos nossos dias, este cenário tranquilo mudou completamente. Com efeito, já não existe uma moda, mas, muitas modas, diferentes e contrastantes. Aliás, há quem defenda que a moda foi derrubada pelos estilos e quem diga que os consumidores se movem agora no interior de um autêntico supermercado de tendências. Se no século XVIII e no século XIX era muito fácil saber o que era *in* e o que era *out* em termos de moda, hoje é absolutamente impossível. (BALDINI, 2006, p. 56).

O uniforme no seu sentido mais amplo tem uma forte ligação com o significado de *prêt-à-porter*, pois, segundo Frédéric Monneyron, ele interpreta no seu texto “Rumo ao fim das diferenciações sociais?” que: “o processo de unificação dos diversos modelos indumentários da sociedade burguesa clássica dentro de um modelo único e industrializável”, o *prêt-à-porter* colabora, principalmente para reduzir as diferenças sociais. (MONNEYRON, 2007, p. 38) O autor se aprofunda muito no assunto, mas, para o objeto desta dissertação é interessante citar o momento em que:

[...] Mas, após a Primeira Guerra Mundial, as possibilidades de singularização diminuem – e, diminuindo, elas absorvem ao mesmo tempo as roupas de trabalho. O operário e o funcionário, pelo menos aos domingos, abandonam suas roupas de trabalho (por exemplo, o macacão para o primeiro e o avental para o segundo) e acabam por adotar trajes de burguês, pelo menos o terno jaquetão, que, liberado o colete, tinha se tornado o uniforme funcional e genérico burguês. (MONNEYRON, 2007, p. 39).

Portanto quando falamos em uniformes, especialmente os usados em organizações, sejam elas educativas, empresariais ou sociais invadimos um campo onde já existem, de certa forma, alguns padrões básicos preestabelecidos.

1.3 O uniforme escolar: um signo de diferenciação e de homogeneização social e cultural

*Moda não é algo que existe apenas nas roupas.
A moda está no céu, na rua; a moda tem a ver com idéias,
com a maneira como vivemos, com o que está acontecendo.
Coco Chanel*

Furio Lonza descreve como as tribos primitivas, mesmo em um período tão remoto, já faziam uso de algum tipo de uniformização como forma de diferenciação, proteção e/ou controle:

Hoje, estamos longe para saber como realmente aconteciam estas brigas por espaços, mas não custa nada especular. É bem provável, que uma tribo vestida com pele de bisonte soubesse a quem atacar simplesmente porque a outra se vestia com peles de cordeiro ou quem usasse gorros na cabeça manufaturados com peles de castores. O resto ficava por conta da sorte, táticas, destreza bélica e competência de cada grupo. As guerras, aliás, foram as primeiras manifestações históricas nas quais o fardamento era fundamental para identificação do inimigo. Não só cada exército tinha um tipo de vestimenta diferenciada, como haviam também estandartes e bandeiras que caracterizavam (através de suas cores) cada região, cada reino, cada país, tudo para que cada soldado não matasse um companheiro por engano ou descuido. Os uniformes ou fardas sempre tiveram ao longo da História da Humanidade, o objetivo de marcar a identidade própria e particular de grupos, categorias, tribos, associações, clubes, agremiações, times, classes sociais, estudantes de determinada escola. (LONZA, 2005, p. 17).

É possível perceber que todas estas características, que fugiam do comum, eram identificadas por algum ícone de conhecimento geral. Em tempos de guerra, cada tribo devia identificar-se de alguma forma para reconhecer o inimigo (LONZA 2005).

No livro “A vida em Roma na Antiguidade”, Pierre Grimal descreve que o vestuário habitual dos Romanos, era a toga. Esta peça podia ser usada tanto por homens quanto por mulheres. As diferenças apareciam na cor e na

ornamentação, que eram relativas à idade, a condição social ou então era usada para distinguir a condição social do cidadão e a sua função no meio. Como por exemplo, os magistrados que nos primeiros tempos de Roma, os reis, de quem os magistrados eram, *mutatis mutandis*, os herdeiros parciais, que usavam uma toga ordenada com uma faixa vermelha que ficava um pouco recuada da borda do tecido.

O que também fazia os romanos se diferenciarem a cor da toga era pelo luto ou caso alguém de sua família fosse acusado de um crime capital, nestes casos a cor da toga era escura ou preta. Outra possibilidade de diferenciação pela cor era se atingia algum triunfo, o general subia ao Capitólio, vestindo uma toga bordada, a *toga picta*, toda ela de cor púrpura. (GRIMAL, 1995).

Conforme é possível ler no livro 'A roupa e a moda', James Laver (2008) cita:

Em relação aos trajes gregos, alguns membros das classes inferiores tingiam suas roupas de um marrom avermelhado, uma prática aparentemente rejeitada pelas autoridades, uma vez que o historiador Heródoto menciona decretos atenienses proibindo-os de frequentar o teatro e outros lugares públicos com roupas tingidas. As classes superiores desfrutavam de maior liberdade, e conta-se que o pintor Polígono foi o primeiro a usar cores vivas, como o vermelho, o amarelo e o roxo. Uma estátua policromada descoberta recentemente mostra vestígios de verde. (LAVÉ, 2008, p. 26).

Não invariavelmente, os gregos mais pobres andavam descalços até nas ruas. (LAVÉ, 2008, p.33)

Notoriamente percebe-se nos livros de história que os líderes eram identificados pela ostentação, pela qualidade de suas armas, pelo tipo de porte que apresentavam, bem como pelo grupo que o acompanhava. As comitivas dos que pertenciam à alta hierarquia sempre tiveram uma grande ornamentação e somente aos superiores isso era atribuído. Os materiais usados nas suas jóias, a forma de vestir, os cortes de cabelo, as pinturas na face e no corpo e a forma de produzir tecidos ou vestes também eram diferenciadas. (KÖHLER, 2005)

No livro "A cultura das aparências, do escritor Daniel Roche, existe um capítulo intitulado 'A disciplina das aparências: o prestígio do uniforme', que situa o uniforme na história e destaca que o uniforme surgiu como indumentária a aproximadamente três séculos atrás, na qualidade de vestuário referente ao traje militar definido por ordens e decretos (2007, p. 228). Contudo Roche diz:

“A pré-história das iniciativas que pretendiam de modo confuso uniformizar os soldados em armas ainda precisa ser mais bem escrita.” (2007, p. 228).

Roche deixa claro que o uniforme surge para disciplinar, pois, em meio as guerras os historiadores militares percebem que existe uma adoção generalizada de signos distintivos. (ROCHE, 2007, p. 228)

Os uniformes referem-se principalmente a controle, não somente o social, mas é possível percebê-lo no sentido da constituição interna do eu e na sua formação (CRAIK, 2003).

Regras sobre uniformes são altamente detalhadas e enfadonhas. Usá-lo adequadamente – compreender e obedecer às regras relativas ao exercício do uniforme, transformando as peças de roupa em manifestações comunicativas – é mais importante que os artigos de vestuário e adorno em si. (CRAIK, 2003, p. 6)

Ainda tratando dos uniformes do exército, mais propriamente da França, o traje militar é influenciado pela moda, particularmente no caso dos oficiais e seus plagiadores. Rivalizando em elegância na medida em que o meio ou a circunstância permite. Quanto mais próximo do rei ou dos poderosos maior a exigência. No decorrer da história a farda muda tão pouco quanto à história da indumentária durante o período da idade média.

A ostentação e o luxo, entretanto, não foram esquecidos. Líderes e comandados sempre tiveram clara noção de poder e de decisão que o uniforme militar, por exemplo, representava diante do povo protegido ou do próprio inimigo (LONZA 2005).

Na época medieval, os escravos e os apenados recebiam a roupa mais simples, independente da temperatura, para que fossem identificados como serviçais (JOFFILY, 1991).

Assim, achamos que os uniformes – e a imposição de regras sobre eles – estão impressos em nossas técnicas de individualidade por meio de técnicas corporais (sociológicas, biológicas e psicológicas). Há uma disjunção entre significados ostensivos dos uniformes – como identidade incorporada, unidade, regra, hierarquia, status, papéis – e a experiência dos uniformes. [...]

O uniforme, então não é tão óbvio, quanto comumente pensamos. Uniformes têm vidas públicas e privadas. (CRAIK, 2003, P. 6)

O panorama apresentado neste capítulo permite relacionar aspectos da História da Educação e a Moda com os usos, formas e reformas dos uniformes escolares. Com base nesse sobrevoo, faz-se a tessitura do método a ser utilizado para uma abordagem, em maior profundidade, do objeto desse estudo, apresentado no capítulo a seguir.

2 NOS RECORTES DA MODA E DA EDUCAÇÃO, O DESENHO DA METODOLOGIA

*“Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é:
a coragem minha. Buriti quer todo o azul,
e não se aparta de sua água – carece de espelho.
Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”*

João Guimarães Rosa

Este capítulo destina-se à descrição do método escolhido para a realização da pesquisa, assim como, para o detalhamento dos procedimentos adotados na construção dos dados.

A partir de um estudo de natureza qualitativa, situado disciplinarmente nos aportes da História da Educação, especificamente da História Cultural, e da Moda, combina vários procedimentos, como forma de cercar o objeto de investigação e relacionar os vários fatores implicados nos usos dos uniformes escolares.

Começa por situar a História da Educação como disciplina e a História Cultural como campo de estudos dela decorrente, focando nas culturas escolares que abrigam as reflexões sobre os aparatos envolvidos nos usos dos uniformes escolares.

Faz menção aos recursos da semiótica como forma de descrever, analisar e interpretar fotografias protagonizadas por atores nas décadas de 50 a 80 do século XX, usando uniformes escolares

Retoma a História Cultural e a teoria das representações para apresentar as imagens construídas pelos usuários dos uniformes, em diferentes contextos espaço-temporal. Situa o estudo de caso, para contextualizar a escola - cenário que motiva e que é alvo de análise documental para o estudo.

2.1 A pesquisa qualitativa e a História Cultural

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, ou seja, um estudo sem pretensões de generalização, uma vez que busca compreender o fenômeno associado ao uso do uniforme escolar, num tempo e num espaço localizados. Considera recortes espaço-temporal específicos, envolvendo

análises de narrativas de sujeitos usuários da indumentária escolar e também de imagens congeladas em fotografias de turmas de alunos uniformizados, de uma determinada instituição de ensino. Portanto, compreende um conjunto de procedimentos para descrever contextos analisados, assim como, para expressar as conclusões possíveis de serem tecidas no seu desenvolvimento. Corre o risco de envolver as subjetividades do pesquisador e, por isso, requer uma vigilância constante, no sentido de garantir cientificidade na comunicação dos resultados.

A História Cultural como um campo de aplicação da História da Educação confere a este estudo as fronteiras disciplinares no qual se situa, entre o campo da Moda e da Educação. Com base nas produções de Pesavento (2008, p.12), podemos dizer que “a História Cultural veio valorizar o – e dar reforço ao – papel do historiador, que, munidos de conceitos que lhes permitem realizar escolhas e recortes da realidade passada, selecionam temas e os constroem como objetos, problematizando-os, ao levantar questões e formular problemas”.

Segundo a autora, considerada como Nova História Cultural por alguns autores, a História Cultural configura uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Para a historiadora gaúcha,

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos mesmos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2005. p. 15)

Em outras palavras, Pesavento (2005) diz que a partir da História Cultural, a busca das verdades definitivas ficam abaladas, pois não há mais certezas normativas, de leis e modelos para regerem o social. Ao contrário, uma era da dúvida e das suspeitas emerge, pondo em causa a coerência do mundo. Conforme suas palavras: “Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas” (p. 16). Trata-se, portanto, de observar que “a presença da História Cultural assinala, pois, uma reinvenção do passado,

reinvenção esta que constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão” (p. 16).

Desta forma, as narrativas construídas neste texto, procuram observar estes alertas, embora, em algumas situações, possamos nos deixar trair pelas assertivas demasiado afirmativas que comunicam verdades aparentemente estáticas. Pelo menos não foi este nosso intuito na construção do texto com a descrição dos caminhos da pesquisa. Tentamos sim, traduzir de forma sensível e historicizada a realidade que analisamos, considerando os limites da tarefa, pois toda tradução envolve as subjetividades do pesquisador, sua sensibilidade, racionalidade e sentimentos. Portanto, a tarefa de descrever um determinado contexto histórico, envolve a construção de uma narrativa, carregada de interpretações que o próprio pesquisador imprime ao seu texto, “reinventando o passado” (PESAVENTO, 2005, p. 59).

Assim, o método para a História Cultural, aproxima-se do paradigma indiciário abordado por Ginzburg (2009), no qual, aos vestígios do passado expressos em fontes ou documentos, acrescenta-se a voz do pesquisador, fazendo-os falar (PESAVENTO, 2005, p. 63).

2.2 Um passeio pela semiótica

A Semiótica originada da palavra grega *semeiotiké* que significa “a arte dos sinais” corresponde a ciência geral dos signos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como sistemas de significação. Sendo o processo de significação o conceito ou a idéia na natureza e na cultura. Diferentemente da linguística a semiótica é mais abrangente, pois, não se restringe apenas ao estudo dos signos linguísticos. A semiótica é uma ciência que tem por objeto qualquer sistema sgnico.¹¹

É um saber constituído por uma dupla face: a face semiológica ou semiótica (relativa ao significante) e a epistemológica (referente ao significado das palavras). Tem sua origem na mesma época que a Filosofia o que nos permite dizer que, da Grécia até os dias de hoje, esta ciência avança em constante desenvolvimento. Porém, há cerca de dois ou três séculos começou

¹¹ Disponível em: <[HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/semiotica](http://pt.wikipedia.org/wiki/semiotica)>

a ser contextualizada com os conceitos daqueles que viriam a se tornar os pais da semiótica ou semiologia. Charles Sander Peirce (1839-1914) foi o primeiro a transcorrer pelo assunto. Segundo Peirce (1967), o homem significa tudo que o cerca numa concepção triádica (*firstness, secondness e thirdness*), tendo por base estas teorias.

Em 1867 Peirce, descreveu em um artigo, suas três categorias universais de toda experiência e pensamento e assim concluiu que tudo o que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência, sendo denominadas: qualidade, relação e representação. Para fins científicos acabou preferindo nominá-las de primeridade, secundidade e terceiridade. Em linhas gerais, podemos descrever primeridade como uma categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Já por secundidade, podemos referir aquilo que representa a experiência em caráter factual, de luta e confronto. E, finalmente, por terceiridade, podemos referir a camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo.

É apropriado citar a definição de signo pela ótica de Peirce. Sendo que para ele:

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante.” (PEIRCE, 1967, apud SANTANELLA, 2004 p.33).

Santaella (2002, p.29), professora da PUC/SP, afirma que “a semiótica não é uma chave que abre para nós milagrosamente as portas de processos de signos cuja teoria e prática desconhecemos”. Segundo a autora a semiótica “funciona como um mapa lógico que traça as linhas dos diferentes aspectos através dos quais uma análise deve ser conduzida, mas não nos traz conhecimento específico da história, teoria e prática de um determinado processo de signos.” Santaella discorre mais sobre o tema qualificando os signos baseada em Peirce e cita:

Para Peirce, entre as infinitas propriedades materiais, substanciais etc. que as coisas têm, há três propriedades formais que lhe dão capacidade para funcionar como signo: sua mera qualidade, sua existência, quer dizer, o simples fato de existir, e seu caráter de lei. Na base do signo, estão, como se pode ver, as três categorias fenomenológicas. Pela qualidade tudo pode ser signo, pela existência, tudo é signo, e pela lei, tudo deve ser signo. Quando funciona como signo, uma qualidade é chamada de quali-signo, quer dizer, ela é uma qualidade que é um signo. A propriedade de existir, que dá ao que existe o poder de funcionar como signo, é chamado de sin-signo, onde “sin” quer dizer singular e quando algo tem a propriedade da lei, recebe na semiótica o nome de legi-signo. (SANTANELLA, 2002, p.31)

São, justamente, essas três categorias de análise da semiótica que serão utilizadas para análise das fotografias, ou seja, quali-signo, sin-signo e legi-signo. Importante destacar que as fotografias que compõem esta pesquisa, foram selecionadas do meu acervo pessoal e do acervo do Colégio La Salle Carmo, tomados os devidos termos de autorização de uso.

Após análise de um conjunto de dezoito fotografias, foram escolhidas cinco, desde os anos 50 do Século XX até a primeira década do Século XXI. O critério para seleção foi o das fotografias oficiais, constante do álbum de fotos da instituição e de alunos que a frequentaram, como a fotografia de encerramento do ano.

Além da estrutura, cores e formas, procuro observar os contextos de cada fotografia e as relações de interdependência entre os atores das imagens. Em outras palavras, analiso também os cenários, as conjunturas históricas e físicas em que os instantâneos são registrados.

Em síntese, o roteiro da semiótica proposto por Peirce e destacado por Santanella, será a referência para as construções do capítulo 4, compreendendo: o quali-signo como a primeira impressão onde tudo é “sentir”, qualidade pura da emoção; o sin-signo como a singularidade que o torna único e finalmente, o legi-signo que é a interpretação do legítimo.

2.3 Outras imagens: as representações

Como forma de levantar as imagens dos usuários sobre o uniforme escolar, a pesquisa contou também com outra fase para construção dos dados

empíricos: a das entrevistas. Assim, 21 representantes nascidos em cada uma das décadas referentes ao período histórico estudado, ou seja, entre os anos 1940 e 2000, foram contatos para expressarem suas leituras sobre o uso do uniforme escolar.

As entrevistas foram feitas através do correio eletrônico, valendo-se de um questionário semi-estruturado, apenas com questões abertas. Ao todo, foram distribuídos 30 questionários, obtendo-se um retorno de 21 instrumentos de pesquisa preenchidos, demonstrando um elevado grau de interesse e predisposição para colaborar com a pesquisa por parte dos entrevistados.

Os contatos foram feitos previamente por telefone, compondo aleatoriamente a amostra, caracterizada como uma amostra qualitativa, sem a pretensão de representatividade. Os objetivos da pesquisa foram expostos, as dúvidas esclarecidas, assim como as formas de participação e a importância da concordância com o preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido.

Os participantes que não utilizavam correio eletrônico foram contatados pessoalmente, perfazendo um total de 21 sujeitos.

A análise das narrativas dos entrevistados foi organizada por faixa etária e sexo, com posterior categorização das respostas segundo as diferentes representações, considerando as aproximações e os distanciamentos entre elas.

A entrevista, registrada pelo pesquisador e/ou pelos entrevistados, consiste num recurso que possibilita a ampliação do acervo de análise da pesquisa, permitindo outras (inter)faces para o estudo. As narrativas decorrentes delas são analisadas no capítulo 3: Representações sobre o uso do uniforme escolar.

O conceito de representações utilizado para a organização dos dados empíricos da pesquisa considera os desenvolvimentos teóricos feitos por Chartier (1991). Para Chartier, as representações nada mais são do que processos de interiorização, apropriação ou interpretação de acontecimentos significativos, ao longo da trajetória dos indivíduos, os quais são reelaborados, ganhando sentidos específicos na vida de cada sujeito, pertencente à determinada categoria, grupo ou classe social. Desta forma, as narrativas produzidas em cada entrevista indicam as significações que o uso do uniforme

escolar produziu em cada entrevistado, relacionados ao gênero, classe social, pertença institucional (escola pública ou privada), ou, ainda, ao recorte geracional.

3. REPRESENTAÇÕES SOBRE O USO DO UNIFORME ESCOLAR

Não se mede o valor de um homem pelas suas roupas ou pelos bens que possui; o verdadeiro valor de um homem é o seu caráter, suas ideias e a nobreza de seus ideais.
Charles Chaplin

Neste capítulo apresento algumas representações construídas em torno do uso do uniforme escolar ao longo das seis últimas décadas, tomando como objeto de análise as narrativas produzidas por 21 entrevistados, de ambos os sexos, frequentadores da escola nos anos 1940 a 2000.

Conforme sinalizado em capítulo anterior, o roteiro das entrevistas seguiu uma orientação semi-estruturada, na qual foram feitas questões abertas com possibilidade do interlocutor expressar seus entendimentos, assim como os seus sentimentos e representações sobre o uso dos uniformes escolares em diferentes tempos, considerando diferentes gerações.

Os instrumentos de pesquisa consideraram que um determinado entrevistado pertencia a dois segmentos ou mais, por exemplo, interagindo com as questões desde o lugar de ex-aluno (a), de pai ou mãe e também de professor(a).

As descrições e análises a seguir, procuram, portanto, expressar alguns comportamentos decorrentes da evolução (ou não) da relação de cada usuário com o uniforme escolar, sejam eles da escola pública ou da privada.

3.1 Sociografia dos entrevistados

A tabela a seguir expressa o perfil dos entrevistados, totalizando 6 representantes do sexo masculino e 15 representantes do sexo feminino, totalizando uma mostra de 21 entrevistados.

Dos 30 questionários distribuídos, houve um retorno de 70%, demonstrando uma predisposição positiva dos entrevistados em colaborar com a pesquisa. A maior concentração de entrevistas ocorreu entre os nascidos na década de 70, período em que os uniformes escolares ganhavam visibilidade, especialmente, nas paradas cívicas de todo o país, nos desfiles comemorativos de sete de setembro, marcas do período a Ditadura Militar. A amostra

espontânea que se compôs traz um olhar predominantemente das mulheres, pois apenas 6 representantes do sexo masculino se dispuseram a falar sobre o uso do uniforme em seu período de escolarização. No conjunto dos 20 entrevistados, apenas dois ainda estão frequentando a escola de Educação Básica e, portanto, ainda usam uniformes.

Nascidos na Década	Nº de Entrevistados	Feminino	Masculino
40	3	2	1
50	3	2	1
60	3	3	-
70	6	4	2
80	4	4	-
90	2	-	2
Totais	21	15	6

Tabela referente às pessoas pesquisadas

Numa análise preliminar é possível antecipar que todos os entrevistados informaram que os uniformes escolares eram de uso obrigatório, com exceção de um.

3.2 O caráter obrigatório do uso dos uniformes

Outro aspecto a destacar é que o uso do uniforme transpõe o recorte de classe social, fazendo-se presente tanto na escola pública como na privada. Dos 21 entrevistados, 11 estudaram integralmente em escolas privadas, 5 efetuaram seus estudos em escolas públicas e privadas e, 5 estudaram somente em escolas públicas. Embora a escola pública não possa adotar obrigatoriedade no uso dos uniformes, os entrevistados deste grupo afirmaram na totalidade dos casos o uso obrigatório.

O caráter de controle se fez presente em todas as décadas analisadas, conforme o depoimento de A/70, estudante do sexo feminino em escolas públicas e privadas, ao afirmar:

Como a maioria dos alunos morava distante da escola, os alunos tinham que usar o uniforme, pois, funcionava meio como um passe livre para os alunos que utilizavam os ônibus para chegarem à escola. Os motoristas só liberavam a gratuidade para aqueles

alunos que apresentassem a carteirinha escolar e estivessem devidamente uniformizados. (A70/Feminino)

A identificação do aluno através do uniforme como uma credencial da escola, se mostrou ao longo do tempo de diferentes formas, desde o uso completo, incluindo detalhes como a exigência para determinada marca de sapato ou calça *jeans*, até a liberação para o uso de apenas uma peça de identificação. B/80, estudante de escolas privadas, disse que na Escola de Ensino Fundamental o uso era obrigatório, mas que na escola de Ensino Médio, “era obrigatório o uso de pelo menos uma peça do uniforme, com exceção das aulas de Educação Física em que era exigido uniforme completo”. Esta combinação é referida também por D/80, sexo masculino, ao expressar somente a camiseta era peça de uso obrigatório e que não havia calças específicas, sendo permitido o uso de calças *jeans* em uma escola do estado de São Paulo:

Inclusive, o governo do estado dava as calças no início do ano até a quarta ou quinta série, quando se encerrava o primeiro CB (ciclo básico I). No período de frio, podíamos usar moletons ou jaquetas, desde que a camiseta do uniforme estivesse por baixo. (D/80/Masculino)

O depoimento de F/80, estudante de escolas públicas, informa que o não-uso do uniforme, em alguns casos, causava constrangimentos, pois, quem ia para a escola sem o uniforme se auto-atribuía o atestado de pobreza, uma vez que todos sabiam que “o uniforme não era ‘obrigatório’, já que muitas crianças não tinham poder aquisitivo para possuí-lo”. Entretanto, a mesma informante diz que o uso do uniforme foi se consolidando gradativamente ao longo de sua escolarização, percebendo que atualmente tem um uso é mais generalizado.

Para D/80, estudante de escolas públicas, “o uso do uniforme sempre foi obrigatório, e não utilizar o uniforme era uma falta muito grave”. O entrevistado relata uma passagem interessante de sua trajetória escolar em relação ao uso do uniforme, quando frequentou por alguns meses uma escola de São Paulo, onde não havia a necessidade do uso de uniforme escolar:

Foi um choque cultural muito grande, pois haviam pequenos grupos segmentados, coisa que não acontecera nos primeiros anos escolares. Tínhamos ainda as crianças da sétima e oitava séries com camisetas dos *X-men* ao mesmo tempo em que os pré-adolescentes também desta faixa etária já com camisetas de bandas ou marcas famosas, o pessoal das camadas mais humildes, que usavam as roupas do estilo *hip-hop*, que estava crescendo muito em São Paulo, graças ao grupo: “Racionais MC’s”, ou seja, entre os

meninos, éramos segmentados pelas roupas que utilizávamos. Tinha o *grunge*, o *rapper*, o *punk*, o *skatista* o “*raimundero*”, a calça larga..., era tudo permitido. Entre as meninas eu não tenho muita lembrança das roupas que usavam, mas lembro que era proibido o uso de saia e mostrar a barriga. Portanto havia apenas as que se vestiam como mais velhas e as como crianças. Era, na verdade, um grande período de transição, ao qual não participei por completo, pois, me mudei para Caxias do Sul nas férias de julho daquele ano. (D80/Masculino)

3.3 Composição do uniforme escolar

Em relação às peças que compunham os uniformes nos períodos referidos, podemos sintetizar que:

Na década de 40 as mulheres entrevistadas usavam camisa branca, saia de pregas ou plissadas, meias brancas até o joelho, sapato colegial preto e um laço de fita azul marinho no pescoço. Blusão de malha e japonsa azul marinho e branca eram as opções para o inverno. Já para os homens, o costume eram as camisas brancas com gravata azul marinho, assim como as calças. O sapato era também o modelo colegial preto.

Os entrevistados da década de 50 informaram poucas variações em relação aos da década anterior, com a novidade da inserção do vermelho no blusão de um dos casos, do tecido xadrez na saia de outro e das listras nos blusões de outro. O uso do guarda-pó de algodão branco apareceu num entrevistado informando o uso de gravata borboletas azul marinho para os homens e tope para as mulheres. O decote “V” nos blusões é destacado por uma entrevistada, assim como a saia justa, com prega frontal.

Frequentedores da escola na década de 70, os entrevistados da década de 60 indicam poucas variações nas cores já citadas e reiteram o guarda-pó branco (tipo jaleco) para os primeiros quatro anos de estudo e o laço marinho engomado quando era Semana da Pátria. A introdução de agasalhos (calça e jaqueta) ou malha colegial em azul marinho com camisetas de algodão em malha circular e possibilidade de saia com pregas em tecido (tergal), era feita nos anos séries correspondentes ao que hoje temos como Ensino Fundamental e Médio. Os uniformes compostos de calça e jaqueta de *nylon* em tons de azul marinho e azul celeste com camiseta de duas cores com quatro versões diferentes e tênis ou sapato colegial, também são referido pelos entrevistados nascidos nesta década.

O uso do tênis em combinação com o uniforme escolar ganha força nos depoimentos dos entrevistados nascidos na década de 70 e participantes da escola no final dos anos 1970, 1980 e 1990, conforme o caso. Além deste calçado emblemático associado à vida escolar, tecidos como a helanca passam a ser referido pelos depoentes. Segundo o relato de A/70, aluna de escolas públicas, havia algumas diferenças na composição das peças dos alunos e das alunas:

No ensino Fundamental (Alfa à 2ª série) as meninas utilizavam uma camiseta branca de malha com o logotipo da Escola, uma saia pregueada de “tergal” na cor vermelha e nos pés, meias brancas e tênis preto (Conga ou Kichute). Esse era o uniforme de verão. No inverno usávamos um conjunto de “helanca” vermelho (modelo da marca Adidas). Os meninos o mesmo padrão das cores sendo que usavam *shorts* vermelhos de brim confeccionados e vendidos na própria escola. Já a partir da 3ª série o uniforme das meninas era mantido sempre o uso da camiseta, mas a parte de baixo poderia ser substituída por uma bermuda ou saia *jeans*. E para os meninos poderiam ser calças *jeans* ou bermudas. Quando passei a estudar nas escolas estaduais é praticamente um padrão só. Camisa de malha com o nome da escola e o brasão com o Estado do Rio de Janeiro e calças *jeans* ou saias (um pouco acima dos joelhos). Tênis pretos, mas não tinham padrão. Só não podíamos usar chinelos. (A70/Feminino)

Segundo F/70, os alunos da Educação Infantil tinham um uniforme diferente “formado por um avental xadrez, branco e vermelho com um bordado no bolso da frente com os nomes das crianças e algum desenho, sempre bordado, o meu tinha uma patinha” (F70/Feminino). C/70 refere às primeiras mudanças nas cores dos uniformes, através da introdução de camisetas de cinco cores, numa das escolas privadas em que estudou. Registra também a grande revolução no desenho e materiais dos uniformes das escolas de Caxias do Sul, com a confecção das calças de moletom cinza ou fusô na cor bordô, blusão de moletom cinza, cardigã de lã fino bordô e camisetas, indicados para o Colégio Leonardo da Vinci, criado na década de 80 e extinto na década de 90. As listras brancas laterais nas calças e jaquetas de helanca, lembrando a marca Adidas, foram destacadas por C/70, estudante da escola pública.

O modelo introduzido pelo Colégio Leonardo da Vinci, foi agregado por várias escolas nos anos 90 a exemplo do relato de F/80, aluna de escolas públicas:

Na escola de Ensino Fundamental, a calça e a jaqueta de zíper que usei eram feitas de malha sintética azul. A calça tinha uma linha muito fina, vermelha, que percorria os lados das pernas. A jaqueta tinha o símbolo e nome da escola e faixas brancas e vermelhas nos braços bem indiscretas, diga-se de passagem. As camisetas (de manga curta e longa) eram de algodão. As cores das camisetas, se não me engano, eram

vermelhas e brancas. Na escola de Ensino Médio, existia uma variedade muito grande de opções. Calça de *suplex* azul moletom cinza, saia azul, calça mais justa e curta azul (daquela que ficam um pouco para baixo do joelho), camiseta de manga curta ou longa (com umas três opções de cores: cinza, azul escuro e branco), blusão, jaqueta maior azul (tipo cardigã), até meias! O símbolo da escola aparecia com grandes letras bordadas na parte da frente da blusa de moletom, em azul e amarelo, nada discreto. (F80/Feminino)

O uso de saias deixou de ser referido por vários estudantes nascidos nos finais da década de 70 e 80. Apenas uma entrevistada nascida nos anos 80 narrou a presença desta peça no uniforme escolar. Assim como F/80, a entrevistada B/80 relata que a padronização dos uniformes chega a todas as peças, incluindo meias e os abrigos de inverno: “E a jaqueta de inverno, que eu detestava, era e branco e azul com o símbolo da escola em vermelho na manga” (B80/Feminino). Esta mesma entrevistada diz que a escola de Ensino Médio na qual estudou permitia a alternativa do uso de calças *jeans* e de moletom. O cardigã de malha passou a ser uma opção confortável para os dias de frio não muito intenso e o logotipo da escola bordado e não apenas estampado ganhou contornos expressivos. A modelação das camisetas aderiram à *baby look* e, junto com as calças de *suplex*, expondo os contornos dos corpos. Foi também nesta época que as calças boca de sino em larguras e comprimentos exagerados entraram na escola, com algumas escolas limitando a largura da boca e sugerindo um comprimento razoável para evitar que as calças ficassem “varrendo o chão”.

A/90, depoente do sexo masculino, estudante de escola pública e privada, lembra o uso das jaquetas canguru, com enormes bolsos e capuz, além das camisetas de gola pólo ou redondas, jaquetas e pulôveres de lã e também jaquetões de *nylon*. Segundo ele, “algumas confecções até davam uma exagerada; existiam toucas, mantas e até meias com o distintivo da escola” (A90/Masculino).

Segundo os 21 entrevistados, em geral, as diferenciações entre os uniformes masculinos e femininos são pequenas, girando em torno da opção das saias para as meninas, desenho e tipo de materiais para as calças femininas a partir da década de 90 com a introdução da *baby look* e do *suplex*, respectivamente. B/80, expressa:

As meninas tinham a opção de usar a calça bailarina, calça cinza de helanca, mas a calça de moletom em estilo masculino era a favorita entre todos. Como o uniforme não

era totalmente obrigatório cada “tribo” expunha sua personalidade na combinação uniforme + não uniforme. (B80/feminino)

Por sua vez, A/90 refere que “Havia calças mais justas para as meninas, bem como saias para as que cursavam as séries iniciais. Segundo ele, “as camisetas eram adaptadas para ficarem um pouco mais femininas, mas não havia diferenciações expressivas”.

3.4 Sentidos atribuídos ao uso dos uniformes

Os sentimentos expressados pelos depoentes sobre o uniforme escolar variam entre os que tinham aversão ao seu uso e os que construíram processos de identificação com a indumentária que caracteriza a população que frequenta a Educação Básica, especialmente a diurna, já que não há informações sobre a adoção de uniforme escolar nas escolas noturnas e no Ensino Superior, a não ser nos cursos de Educação Física.

Alguns atribuem o uso do uniforme a uma questão de economia, evitando o desgaste das roupas de passeio e do dia a dia. Outros dizem que detestavam, porém, aos sábados conseguiam imprimir as marcas pessoais nas roupas, pois o uso do uniforme era liberado aos sábados, provocando “um verdadeiro desfile de modas” (M50/Feminino).

Há os que aceitavam passivamente as determinações das escolas e nunca questionaram o uso do uniforme, conforme expressa J/50, representante do sexo masculino e estudante de escola privada:

Nunca questionei ao ponto de separar gostar/não gostar, era uma determinação da educação pública esta medida, mas hoje penso que era um uniforme acessível economicamente e cumpria com o seu propósito de um sistema de ensino igualitário. (J50/Masculino)

Em geral, são as mulheres, nascidas entre as décadas de 40 e 70 que expressam uma relação não muito positiva sobre o uso dos uniformes, conforme o depoimento a seguir:

Como estudante sempre achava defeito, principalmente a saia do “*Sacre Coeur*” que era muito comprida e de tergal pregueada, a gente ficava um quadrado. O uniforme do Cristóvão era o máximo com o blusão vermelho e a saia justa e curta. (A50/Feminino)

Um dos incômodos gerados pelo uso do uniforme refere-se à cor escura: “Eu gostava muito de usar, mas o que sempre me incomodou foi usar marinho como cor nas duas escolas que estudei por muito tempo” (B60/Feminino).

Um sentimento saudosista é relatado por vários entrevistados e das diferentes décadas de nascimento representadas. A70/Feminino diz que sente saudades do período em que o uniforme era obrigatório e que fica triste em observar que várias escolas privadas estão mais flexíveis em relação ao uso. Segundo ela, “torna-se um desfile de modas entre as meninas pra ver quem se enfeita mais pra ir pra escola e pros meninos o uso de chinelos está mais frequente e bermudões estampados” (A70/Feminino). Além das saudades do uniforme B80/Feminino, fala do caráter praticidade das roupas escolares:

Hoje sinto saudades do uniforme, pois uniforme além de me caracterizar como uma aluna do Colégio São Carlos ou do CETEC o que era importante como criança e principalmente adolescente, a questão da identidade, é algo prático. Acordar de manhã cedo, tomar café, pegar roupas daquela única gaveta era prático, em 20 minutos eu estava pronta para a aula. No CETEC, adolescência, era permitido ‘brincar’ com o uniforme. Eu, como o ‘bicho do mato da sala de aula’, usava calça *jeans* para não parecer tão ‘bicho do mato’ e a camiseta da escola, esta sempre cobrindo os quadris. Os *hippies* combinavam saias ou calças boca de sino com a camiseta da escola; as tribos de bandas calça da escola e camisetas dos ídolos. Mauricinhos sempre engomados e as patricinhas pesavam nos acessórios e usavam calças bailarinas. Os *nerds* simplesmente se vestiam de CETEC. (B80/Feminino)

A expressão cultural das identidades juvenis se fez presente nos uniformes das diferentes décadas. Para alguns, representava uma homogeneização, encobrendo as diferenças, como expressa B/60: “Acho muito bom, pois assim evita-se a diferenciação do poder aquisitivo entre os alunos, tornando-os todos iguais” (B60/Feminino); e também I80/Feminino: “Acho muito importante, pois, com o uso do uniforme todas as crianças e adolescentes parecem iguais, diminuindo preconceitos”. Já para F/70, o caráter uniformizador da vestimenta escolar era transgredido pelas marcas que cada usuário imprimia às suas vestes: “Sempre gostei de usar uniforme. Na adolescência tinha o hábito de estilizar os uniformes, camisas sem gola, calças escritas que de alguma forma expressava o pertencimento a um grupo” (F70/Feminino).

Entre aqueles que desenvolveram aversão pelo uso do uniforme, estão C/70 e F/80, narrando os limites na liberdade de escolha, as formas e materiais, como um dos motivos para resistirem ao uso:

“Na época não gostava, preferia ter mais liberdade ou pelo menos poder variar a camiseta. O mesmo para jaquetas, pois o material das jaquetas e jponas nunca foi adequado para o clima frio da nossa região.”
(C70/Feminino)

Bem, não posso dizer que gostava de usar os uniformes..., acho que poucos alunos realmente gostam. Durante o Ensino Fundamental, porém, acho que não dava muita importância para isso. Usava e pronto! A escola ficava no bairro em que eu resido, eu conhecia muitas das professoras e a maior parte dos alunos. Por isso, o uso do uniforme não era constrangedor, estávamos entre conhecidos. No Ensino Médio, porém, acho que posso dizer que existiam sentimentos conflitantes. Um primeiro sentimento era positivo: a menininha do colégio municipal estava estudando no colégio estadual bem conceituado. Então, era um motivo de orgulho usar o uniforme do colégio, cujo moletom ostentava o símbolo da escola de forma bem visível. Porém, por outro lado, acho que por uma questão de baixa auto-estima, eu me odiava naquelas roupas, que eram largas demais, que me deixavam com um ar muito largado. Somente no 3º ano tive uma calça um pouco mais justa, que me diferenciava um pouco das calças folgadas de antes. (F/80/Feminino)

Alguns como S70/Masculino, dizem que era tranquilo usar o uniforme e até o faziam nos espaços não obrigatórios, como fora da escola. O aspecto segurança é justificado por D/80, indicando a importância da obrigatoriedade. Nas palavras dele:

Eu penso ser necessário o uso do uniforme escolar, e penso também ser muito importante o uso para que, no caso de algum problema com a criança na rua, as pessoas saberem aonde procurar no caso de a criança estar sem documentos.
(D80/Masculino)

O jovem A/90 amplia a reflexão, indicando que o uniforme não é apenas uma forma de identificação pessoal, mas também institucional. Para ele,

O uniforme é uma forma bastante expressiva de diferenciar alunos de diferentes escolas. Não fosse o seu uso, poderia haver grande confusão nos portões de entrada das escolas, por exemplo. Havia um pouco de exagero, como o fato de não podermos usar camisetas que não fossem da escola nas aulas de Educação Física ou em dias muito quentes. Considero, mesmo assim, o uso do uniforme de grande importância.
(A90/Masculino)

A relação de amor e ódio em relação ao uso dos uniformes aparece nos relatos quanto ao destino dado às peças, quando da troca de escola, substituição por peças novas, ou ainda conclusão dos estudos. A maioria dos entrevistados informou ter doado o uniforme em campanhas do agasalho ou repassado para os irmãos menores.

Um dos entrevistados disse que sua escola adotava o “banco do uniforme”, arrecadando peças usadas para emprestar aos sem uniforme, a fim de não prejudicar sua presença nas aulas, já que isso não era permitido nas normas da escola:

Na escola em que estudo, nenhum aluno permanece em sala de aula sem uniforme. Para não prejudicar o aluno, retirando seu tempo de aula, a escola empresta as peças de uniforme aos que estão sem. (A190/Masculino)

Uma entrevistada disse ter destruído o uniforme, como forma de evitar que outros alunos que não fossem da escola usassem e se fizessem passar por aluno. Esta prática era cultuada pelos professores de uma conceituada escola da cidade, com solicitação aos pais para a incineração das peças. Alguns, nascidos na década de 80, por exemplo, ainda mantém as peças em uso, transformando-as em roupas de dormir ou de ficar em casa. Entre estes representantes está também a maior ocorrência de peças guardadas como recordação, com as assinaturas dos ex-colegas.

3.5 Representações sobre a função do uniforme escolar

Os aspectos: praticidade, moralizador, segurança associado aos processos de identificação pessoal e institucional, economia de roupas, padronização e encobrimento das diferenças, constituem a maior recorrência nas representações que os entrevistados têm sobre o uso e função dos uniformes escolares.

Expressões como: “É uma forma de igualar a todos” (S/40); “Identifica o colégio, ficam todos iguais, não há distinção (bem ou mal vestido), economiza as roupas” (M/40); “Permite organização, disciplina, padronização, atualmente até proteção” (M50); “A padronização facilita, pois, não tem escolhas e nem demora em se vestir, identifica a escola” (A/50); refletem, de modo geral, as

representações dos entrevistados das décadas de 40 a 60 têm sobre o uso dos uniformes. Elas fazem parte, em pequena medida, também das representações dos entrevistados da década de 70 a 90, conforme os depoimentos a seguir:

Do ponto de vista prático, os alunos evitam usar roupa pessoal e sujá-la nas brincadeiras cotidianas. Do ponto de vista da identidade e unidade, existe uma identificação geral com o estágio escolar, uma unidade geral dos alunos que deixa de lado a comparação com a grife da roupa o que vem contribuir com a igualdade social de maneira virtual. (J/50/Masculino)

Acredito que o uniforme seja uma forma de identificação da escola e para o aluno serve como uma forma prática para se vestir para escola todos os dias. Também é democrático permitindo que de alguma maneira cada um expresse seu jeito de ser (cabelo, forma de combinar as peças, etc.). (B/60/Feminino)

O uniforme, ele padroniza todos os alunos dentro de uma instituição independente de ser particular ou pública. (A/70/Feminino)

Acredito que, tenta padronizar de certa forma os alunos, para que uns não se sintam mais ou menos que os outros. Vendo gurias de 12 anos se vestindo como "dançarinas do tchan", também acho que servem para colocar um pouco de respeito nas roupas que algumas pessoas usam. (C/70/Feminino)

Proporciona praticidade, conforto e como identidade da escola e seus alunos. (B/80/Feminino)

Permite identificar o grupo de alunos e diminui a possibilidade de preconceito, pois, todos ficam com a aparência parecida. (I/80/Feminino)

A única função é o reconhecimento ante a sociedade, nada mais. (D/80/Masculino)

Serve para diferenciar alunos de escolas diferentes. Colocar todos os estudantes em posição de igualdade. (A/90/Masculino)

Em contraponto, vários entrevistados nascidos nas décadas de 70 a 90, apresentam outra visão e remetem ao caráter segregado e homogeneizado dos uniformes como F/70, expressos nos seguintes depoimentos:

Percebo o uniforme como forma "oculta" de homogeneização dos estudantes dentro da escola. Porém na sociedade cria uma diferenciação entre estudantes de "escolas conceituadas" na maioria das vezes são escolas particulares e das que não são tão "bem vistas", por serem escolas públicas e localizadas na periferia. Por outro lado o uniforme contribui no cotidiano, por ser prático. (F/70/Feminino)

Mostrar que somos todos iguais, sendo que não somos. (S/70/Masculino)

Sempre ouvimos falar que é para igualar todos, para padronizar. Isso, claro, falado num sentido estritamente positivo. Porém, as diferenças entre os alunos existem e vão além da cor da roupa: estão na cor do rosto, nos tênis, nas pulseiras, nos brincos. Aliás, somos todos diferentes! Acho que essa é apenas mais uma estratégia de dominação de corpos, uma pretensa forma de querer todos iguais. (F/80/Feminino)

Uma pergunta emerge de tudo isso: O uso do uniforme escolar traz alguma contribuição para a aprendizagem? Se sim, quais seriam elas? Uma parcela dos entrevistados associou o uso do uniforme às aprendizagens subjetivas, difíceis de identificação. O caráter disciplinador e o desenvolvimento de atitudes para seguir normas e regras instituídas apareceram em vários depoimentos:

Permite o exercício do limite, da tolerância para o aluno. Para os professores e pais a facilidade a identificação da instituição em qualquer ambiente, uma proteção. Ainda pode ser trabalhada a individualidade apesar da aparente padronização. (M/50/Feminino)

Subjetivamente, os coloca em condições de uniformidade, criando condições de igualdade e isentando comparações na vestimenta, desde que o custo do uniforme seja acessível até o aluno menos privilegiado. (J/50/Masculino)

Acho que o uniforme, tenta fazer desaparecer as diferenças econômicas entre os alunos, permitindo o reconhecimento por meritocracia, ao menos na teoria. Com o uniforme teoricamente todos os alunos são iguais. (A/50/Feminino)

Acredito que sim, porque não é a roupa que vai fazer a diferença na escola, mas sim a aprendizagem e os conhecimentos de cada um. É todo o desenvolvimento intelectual e físico de cada aluno que significa mais nessa hora. Com certeza a vaidade que faz parte de todos nós, não é esquecida, mas pode ser expressa de outras maneiras e em outros locais. (B/60/Feminino)

Por sua vez, os entrevistados nascidos entre as décadas de 70 e 90 narraram que não percebem nenhuma associação entre o uso dos uniformes e as aprendizagens dos alunos: “Para a aprendizagem, com certeza não acrescenta nada” (C/70/Feminino). Embora aceite que o uso do uniforme minimize as diferenças entre os alunos, F/80/Feminino, afirma que “as diferenças teimam em persistir”. Visão diferente tem A/90/Masculino ao dizer que:

É importante, pois, com raras exceções, tira a preocupação dos estudantes em ter, a cada dia, uma roupa diferente para vestir. Com a redução na competição, acaba sobrando mais espaço para uma preocupação com o aprendizado. Seria totalmente utópico dizer que o uniforme resolve o problema da diferença social, mas com certeza, é um grande atenuante. (A/90/Masculino)

Segundo depoimento de B/80/Feminino:

Nunca parei para pensar nisso, e não sei se o uniforme existe com esse propósito, mas o que lembro principalmente do primeiro grau é que na escola éramos todos iguais,

talvez esse seja o propósito. Olhar para o colega e ver que na escola ela é o mesmo que eu independente do que ele é ou deixa de ser lá fora. Mas fora da escola podia identificar quais eram os iguais, quais vinham do mesmo lugar que eu vinha. (B/80/Feminino)

Para AI/90/Masculino, talvez, o uso do uniforme possa interferir na aprendizagem, ou na não-aprendizagem à medida que o seu não-uso impede o acesso às aulas e à escola:

Não, a roupa que uso não nos faz aprender mais ou menos, a não ser que a escola retire o aluno da sala de aula e não o deixe assistir as aulas por estar sem o uniforme. (AI/90/Masculino)

Esse conjunto de opiniões caracteriza as representações que cada usuário produziu a respeito do uniforme escolar. Embora cada tempo histórico tenha suas características, observamos recorrências, permanências e algumas mudanças. Transversalizando a todas elas, talvez, pudéssemos dizer que as culturas juvenis de cada época buscaram suas afirmações através das práticas subversivas impressas na indumentária escolar, nas práticas subversivas de customização dos uniformes.

3.6 Práticas “subversivas” na customização dos uniformes

Se o uniforme escolar, na maioria dos casos, é uma padronização imposta pelas instituições, como fazer sobreviver à influência da moda e as identidades juvenis de cada época narrada pelos entrevistados? A customização das peças, imprimindo marcas identitárias à indumentária escolar, foi o caminho encontrado por vários dos depoentes, alterando a forma e inserindo acessórios ao uniforme.

Duas entrevistadas, uma nascida na década de 50 e outra na década de 60, relatam a prática mais comum era “enrolar” o cós da saia para torná-la mais curta, já que a minissaia era moda e a escola exigia que as saias tivessem comprimento, no máximo, 4 dedos acima do joelho. Segundo ela:

O que mais comum entre as meninas era enrolar as saias. Pois, no tempo da minissaia a gente queria até o uniforme na moda. E o uniforme do Cristóvão era um símbolo, na época, de juventude e de inovação; pois o vermelho não era repertório de uniforme, e aquela escola estava super cotada naquela época, o que fazia a gente se sentir como

pertencente a uma tribo vanguarda, sentir orgulho do uniforme e do que ele representava. (A/50/Feminino)

Na época em que estudava nas escolas, o sistema era muito rígido quanto ao comprimento das saias e com certeza todas nós dávamos um jeito de dobrar o cós para parecer mais curta, porque o comprimento normal era abaixo do joelho. (B/60/Feminino)

Atenta a estas práticas subversivas e com o intuito de atrair o olhar da população escolar para o consumo de roupas de uso obrigatório, o mercado da moda passou a inovar na composição das peças, oportunizando escolhas de diferenciação, num contexto de padronização como é o caso do uniforme escolar. Para uma entrevistada nascida na década de 60, as possibilidades de escolha da sua época escolar eram restritas, mas observa que, atualmente, “existe uma opção de peças e combinações que permitem muito mais ao aluno usar o uniforme de forma diferente”. Ela segue dizendo:

Hoje, a meu ver o uniforme tem acompanhado o estilo das crianças e adolescentes, permitindo a eles usar o uniforme sem ser chato. Como sou mãe percebo que o meu filho, com seis anos, usou uniforme desde os 02 anos quando começou a escolinha. Ele curte o uniforme e vai junto para comprar. Este ano ele Começou no Colégio São José. Com a opção de peças possíveis para verão e inverno (parecem coleções!) meu filho, nunca discutiu o uso ou não do uniforme. Ele faz questão de usá-lo. Interessante que ele mesmo escolhe como combinar as peças. Minha sensação é que ele tem orgulho e usar o uniforme que representa sua escola! Até o cachecol ele faz questão que tenha o logo da escola bordado! Como mãe, acho prático e fácil! Como trabalho na Universidade os alunos não usam uniforme. (B/60/Feminino)

O olhar transversalizado pelas diferentes gerações é produzido nas entrevistas e alguns entrevistados falam do tema desde o lugar de pais ou mães, como ilustra o depoimento de F/70:

Como mãe é bom, fácil de lavar e não precisa pensar muito para vestir. Na escola, em que meu filho estuda, tem todas as peças possíveis do uniforme, meias, bermudas, calças, camisetas, camisas gola polo, casaco, canguru, toca, moletom, mas a escola permite à utilização de peças que respeitem as cores da instituição, sem fazer parte do uniforme. Assim auxilia na identificação dos estudantes na escola. (F/70/Feminino)

As questões de gênero que diferenciam meninos de meninas também aparecem nos uniformes. Parece, segundo os depoimentos, que as mulheres, especialmente as nascidas na década de 70, eram mais subversivas em relação aos homens, conforme relato de A/70:

Acho bastante pertinente este tema abordado por você. Tenho várias situações engraçadas em relação a este tema. Pros meninos sempre foi indiferente o uso do uniforme, mas pras meninas sempre causou muita polêmica. Nós quando estávamos no final do ensino médio, apesar de obrigatório não gostávamos muito do emblema chamativo do uniforme. Sempre estávamos com uma blusa de *cotton* por baixo do uniforme para que assim que tivéssemos fora do ambiente escolar pudéssemos nos livrar da camisa do uniforme. Só voltávamos a vesti-la na hora de pegar a condução, pois como falei era o nosso “passe livre” dentro dos transportes. Saíamos da escola de tarde e emendávamos um cinema, mas sempre escondendo o uniforme que julgávamos horrível. Situações que nos constrangiam por acharmos que estávamos “mal vestidas” com aquele tipo de roupa. Por isso que sempre caprichávamos com os outros itens como o tênis e a camiseta da moda para que pudéssemos esconder aquela “armadura”. Enfim foram bons momentos e que relatar estes detalhes me transportam para uma época bem legal da minha vida. (A/70/Feminino)

Outros depoimentos complementam e informam as táticas dos alunos em relação às estratégias institucionais (CERTEAU, 1994) estabelecidas para os uniformes, dando conta da existência, talvez, de um “pluriforme”.

Bom, como professora o uniforme não é de uso obrigatório para nós, a escola não exige uniforme também dos alunos, mas, as camisetas do Cursão eu customizo, pintando, bordando e tirando a gola, por exemplo. (B/60/Feminino)

Acho que é natural dos alunos a vontade de quebrar regras, por isso tentávamos tanto não usar os uniformes na época do colégio. Lógico que, inúmeras vezes fomos pegos e fui parar na sala da direção simplesmente por não estar com a camiseta escrito “Carmo”. Como se isso fizesse alguma diferença nas minhas notas, etc.. Acho importante adequar os uniformes (caso eles sejam tão necessários assim) à moda, e dar mais opções de estilos aos alunos. (C/70/Feminino)

Era comum, em minha escola de Ensino Médio, o rebaixamento das cinturas das calças: dobrávamos uma ou duas vezes para que ficassem mais baixas. Algumas meninas, inclusive eu, recorreram a costureiras para modificar o corte das calças, deixando-as mais justas acima dos joelhos, e mais largas embaixo, como bocas-de-sino, uma moda dos anos 60-70 que se reinventou nos idos de 2000. E, apesar das advertências e eventuais punições, grande parte dos alunos usavam uma ou outra peça diferente na indumentária. (F/80/Feminino)

No São Carlos amarrávamos borrachinhas de dinheiro no joelho, para apertar a calça e ela ficar com formato boca de sino, que estava na moda naquela época. (B/80/Feminino)

Durante o período que tive de usar uniforme, com exceção do João Triches, nunca tive problema nenhum, pois no fundo sempre gostei de usar uniforme escolar. Modificações que eram feitas, acho que a partir da sétima série, começou com uma pintura nos tênis para depois passar, no segundo grau, escrever na calça, perto da estrela do brasão do colégio. Sempre apareciam nomes de bandas que eu gostava enquanto estava “entediado” na aula, mas elas sempre sumiam no fim da aula, até que tive a idéia de fazer a pintura com o corretivo. Lembro que os pequenos desenhos na calça, perto do brasão do colégio, que ficava na altura da coxa direita, eram comuns na época, hoje não são mais, pois, a calça é escura atualmente. (D/80/Feminino)

Havia uma moça, em minha escola, que sempre se destacou das demais. Tanto é assim que, no último ano, foi presidente do Grêmio Estudantil. Ela tinha um problema com golas e mangas e, portanto, suas blusas eram todas cortadas com tesouras. Um belo dia ela foi chamada pela diretora para conversar sobre isso. Disseram-lhe que não

ficava bem um exemplo como ela utilizar roupas daquele jeito. Ela concordou, e a partir daquele dia, diminuiu o diâmetro dos círculos nas golas. As mangas, entretanto, continuam sendo furadas até hoje. Participei do mesmo Grêmio Estudantil, ano passado. Eu possuía um cargo em que era encarregado de recolher sugestões dos alunos, estudá-las e, conforme o caso encaminhá-las para o serviço competente. Em um todo de mais de mil alunos e cerca de duzentas sugestões recebidas, nenhuma jamais disse respeito ao uniforme escolar. (A/90/Masculino)

O conceito de representação tratado neste capítulo advém da História Cultural desenvolvido por Chartier, indicando processos nos quais os sujeitos, através de suas narrativas, constroem sentidos para as coisas (CHARTIER, 1988). Aspectos culturais, geracionais, de gênero e sociais determinaram o olhar que cada um emitiu para o uso do uniforme escolar. Não podemos generalizá-los, porém, observando os depoimentos, pudemos mapear a relação que os usuários estabeleceram com a indumentária escolar.

4. ESCOLA LA SALLE CARMO: UM CENÁRIO DE ANÁLISE

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos. Vincula-se, pois, a opções sociais e políticas referentes ao papel da educação num determinado sistema de relações sociais. A partir daí a Pedagogia pode dirigir e orientar a formulação de objetos e meios de processos educativos (Libâneo, 1992, p. 25).

O assunto abordado neste capítulo diz respeito a uma instituição de suma importância para a comunidade de Caxias do Sul e região. Trata-se do Colégio Nossa Senhora do Carmo ou La Salle Carmo, como é nominado atualmente. Esta instituição foi escolhida devido: a sua representatividade no município e no estado; por ter sido o ambiente escolar de personalidades que contribuíram para a construção do país; por ter completado no ano de 2008, um centenário de existência, sendo no estado do Rio Grande do Sul, um dos colégios mais antigos e por ter sido cenário de formação na Educação Básica da autora desta dissertação.

Antecedendo ao texto, referente o Colégio La Salle Carmo, um pouco da história de São João Batista de La Salle, fundador das escolas Cristãs e dos Irmãos Lassalistas, padroeiro universal dos professores e patrono do magistério gaúcho. Desde os seus primórdios, demonstro com a história de Caxias do Sul, como a cidade galgou seus passos até o século XXI e com isso quais eram as necessidades no campo da educação.

Apresento alguns números que possibilitam visualizar a significância destes fatos. Estabelecendo relações entre a educação nacional e local, situando o Colégio La Salle Carmo enquanto um cenário de análise. Por fim, farei uma análise através de fotografias de uniformes escolares da escola em questão, em diferentes tempos históricos, valendo-me das ferramentas da semiótica.

4.1 Caxias do Sul e seu processo de colonização

Por volta de 1875, teve início a imigração italiana no Rio Grande do Sul e continuou até 1914, ano em que o governador Borges de Medeiros suspendeu a imigração com a interrupção da ajuda econômica aos imigrantes, que fez desta data o marco do término da imigração italiana subsidiada pelo estado.

Como em todo o país a realidade apresentada aos imigrantes era muito diferente da esperada. Acomodavam-se em barracões, amontoados, dormindo sobre tábuas, sem higiene, com alimentação escassa e pouco trabalho assalariado. Era assim que aguardavam pelos organizadores encarregados das terras para indicar-lhes seus novos destinos.

Segundo o livro das autoras Dalla Vechia, Herádia e Ramos, em Nova Milano, distrito de Farroupilha, no dia 20 de maio de 1875 chegaram os primeiros imigrantes, ocupando a primeira légua dos Fundos de Nova Palmira e assim um contingente de imigrantes vênnetos, lombardos e tirolezes com as novas famílias. (MANFROI,1975, apud, DALLA VECHIA, HERÁDIA, RAMOS 1998, p.29)

Caxias do Sul teve sua origem efetuada por conta do programa nacional de colonização sendo que o modelo agroexportador era o modelo econômico vigente. Em função disso havia a criação de núcleos coloniais agrícolas, no qual a prioridade era fortalecer a ideia de que se fazia necessário uma população voltada para agricultura abastecendo o estado e também ocupando os espaços vazios da região criando maior segurança interna. Assim, os imigrantes europeus possuíam uma pequena propriedade voltada para a produção agrícola bastante variada, se tornando o projeto econômico determinado naquela época.

A imagem a seguir mostra os primórdios da cidade e nos faz pensar sobre o processo de transformação pelo qual passou, pouco mais de 100 anos desde a chegada dos primeiros imigrantes.



Ilustração de Caxias do Sul 1875. Foto acervo pessoal.

Esta pintura representa uma paisagem embrionária da cidade de Caxias do Sul. Aparentando ser do século XIX quando os primeiros colonizadores chegaram a aquelas terras. A imagem foi copiada de um postal feito pelo “Studio Geremia”, conhecido estúdio fotográfico da cidade de outros tempos.

“Campo dos Bugres” como também chamavam a “Antiga Colônia Caxias”, que foi outrora a terra dos índios Caigangues (Kaygang) que a muito habitavam naquela região, eram primitivos que tiravam sua alimentação da natureza, encontrando na fauna e flora toda condição necessária para manter sua existência. Estes índios foram sendo aniquilados no decorrer dos tempos e os poucos remanescentes permanecem até hoje com o destino incerto.

No século dezenove, o império financiou a colonização das terras desocupadas no nordeste do estado do Rio Grande do Sul dando início a colonização europeia no estado.

O programa de colonização do sul do Brasil via com bons olhos o processo migratório europeu, que era consequência de uma política internacional de expulsão de mão de obra excedente de alguns países daquele continente. Esta vinha ao encontro não apenas com a solução do problema

européu, mas também se ajustava muito ao programa de colonização no sul do Brasil onde a mão de obra era bastante requisitada.

Ao chegarem ao sul do Brasil os imigrantes enfrentaram diversos problemas gerados pela precariedade das condições inerentes ao pioneirismo. Este fato tornou-se um grande acontecimento imigratório, ocorrido com êxito devido a boa campanha política desenvolvida pela Província para que os europeus viessem para o sul do país, afim de ocupar as terras devolutas que o estado possuía.

Próximo ao final do século XIX, mais de um milhão de imigrantes se estabeleceram nas fazendas de café existentes no Brasil. Sendo que o sul do país também era o destino de tantos outros imigrantes.

Caxias do Sul apresentou um alto crescimento populacional, principalmente na década de cinquenta e na década de sessenta, do século XX, quando o quadro industrial se ampliou e alterou o perfil tradicional de sua indústria, que se dinamizou em função da indústria metal-mecânica e elétrica (DALLA VECHIA, HERÉDIA, RAMOS 1998).

Essas indústrias se transformaram em um polo de atração para as populações dos municípios vizinhos, ocasionando uma considerável migração para esse centro industrial. Além da atração industrial, deve-se considerar que no período de 1940 a 1955 houve a incorporação dos distritos de Vila Seca, em 1940; Santa Lúcia do Piaí, em 1945; e de Criúva de Vila Oliva em 1955. As anexações, nessas duas décadas, contribuíram para o aumento territorial e, conseqüentemente, para o incremento demográfico. (DALLA VECHIA, HERÉDIA, RAMOS, 1998)

A chegada dos italianos em 1875 fez com que começasse as atividades econômicas em Caxias do Sul. A agricultura foi a primeira atividade que absorveu a dedicação dos italianos imigrantes. O trabalho era efetuado normalmente pelas próprias famílias e em apenas em três anos, isto é, em 1878 os primeiros lavradores destas terras já colhiam sua primeira safra, mas, infelizmente o trabalho não gerava soldo, que se entende por renda ou lucro, individual aos que na terra trabalhavam e sim todo emolumento que recebiam era convertido ao próprio sustento das famílias e também para os insumos necessários para o trabalho. (DALLA VECHIA, HERÉDIA, RAMOS, 1998)

A necessidade de se obter os instrumentos de trabalho e os bens de consumo era eminente, pois, o acesso às colônias era muito difícil. Desta forma começou a indústria. Transformando assim a “necessidade” em um “incentivo” para o início da produção local de bens manufaturados. Com isso, em 1884 já existiam em Caxias alguns negociantes tais como: sapateiros, ferreiros, padeiros entre outros. A população entre 1875-1885 era de 10.521 habitantes e no recenseamento de 1890 havia 15.142 habitantes em Caxias do Sul.

No ano de 1899, segundo dados do Recenseamento Municipal já havia cerca de 230 estabelecimentos industriais. Os segmentos como, alimentação, vinícola e marcenaria compreendia por 70% do total. Era possível perceber que economia da região já tinha no setor industrial o seu principal componente. (DALLA VECCHIA, HEREDIA e RAMOS, 1998)

4.2 A necessidade da educação em Caxias do Sul

Em 1890, quando Caxias foi se emancipando de São Sebastião do Caí, foi surgindo a necessidade da educação aos imigrantes. O crescimento foi muito rápido como é possível constatar nos gráficos exibidos anteriormente, praticamente a população total de Caxias do Sul cresceu a quantia de dez vezes o seu tamanho inicial dentro de apenas um século. O ensino, como ditava o costume, surgia nas aulas comunitárias ou nas escolas de sociedade, formadas por moradores mais próximos ou por avizinhos. Havia as escolas paroquiais religiosas mistas que eram controladas pela Mitra e as escolas mantidas pelo governo da Itália, pela Província/Estado e pela Intendência/Prefeitura, desempenhando assim um importante papel na educação. (DALLA VECCHIA, HEREDIA e RAMOS, 1998)

Ensinar a ler, a escrever e fazer cálculos, era o princípio básico permanecendo como elementar nos períodos subsequentes. A escola como meio para a instrução era uma solicitação veemente por parte dos imigrantes que viam nela uma forma de instruir seus filhos de modo que não pudessem ser logrados, assegurando desta forma o lucro e a manutenção da propriedade.

É interessante salientar que em várias comunidades era solicitada a instalação de aulas preferencialmente para o sexo masculino. Em função de que a educação para os meninos era considerada mais importante, uma vez

que eles seriam os futuros “homens de negócios” e fazer contas era de suma importância assim como ler e escrever. Este fato obviamente refletia o tipo de organização familiar da época. (DALLA VECCHIA, HERÉDIA, RAMOS, 1998)

Segue alguns breves episódios das solicitações por parte dos moradores das comunidades, feitas na época e extraídos do livro “História de Caxias do Sul” de autoria do Sr. João Spadari Adami editado em 1981.

“Ao Exmo. Snr. Fernando Abbott D.D. 1.º Vice Governador do Estado.

Os abaixo assignados moradores na Segunda *Legoa* e Forqueta, terceiro *Districto* do *Município* de Caxias, veem com esta perante V. Ex. Fazer conhecer que aquela povoada região acha-se completamente priva de *instrução* para os *proprios* filhos em numero elevado, pedindo a conhecida bondade de V. Excia. que tão dignamente representa paternal Governo *n'este* Estado, queira lhes conceder uma aula do sexo masculino para colocar-se na Segunda *Legoa* sobre mencionada.

Nestes *termes*

E.R. Mcê.

2.ª. *Legoa*, 13 de Junho de 1891.”

“Ilmo. Exmo. *Snr.* Dr. Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Nós abaixo *assignados* moradores no segundo *Districto* do Termo da *Villa* de Caxias, em São Pedro de Nova Trento, viemos *umildemente* perante vos a fim de pedir a V. Exa. De nos conceder uma aula do sexo masculino, e geral e de grande necessidade nas *legoas* seguintes, 12.ª. *Legoa*, e 14.ª. Por inteiro, e parte da 11.ª. E da 15.ª., visto estas achar-se em grande *distancia* das *actuaes* da Sede *accima* mencionada, por isso rogamos a V. Excia. Encarecidamente, a fim de dar as *Instrucções* aos nossos filhos, e *educalos* para *elles* serem bons Cidadões, os *quaes* poderão ser de utilidade *tambem* ao Governo, em tempo oportuno.

Na esperança e bondade de V. Excia. pedimos deferimento.

Sant, Pedro de Nova Trento 20 de Junho de 1891.”

É neste contexto que as escolas da região são criadas, considerando as demandas da sociedade civil e o atendimento das políticas educacionais estatais. O Colégio La Salle Carmo surge neste período, mais precisamente, no ano de 1908, como forma de atender a uma população específica.

4.3 As escolas confessionais em Caxias do Sul e a proposta Lassalista

A colonização majoritariamente italiana de Caxias do Sul, no fim do século XIX e meados do século XX, favoreceu a implantação de escolas religiosas para promoção de o ensino regulamentar.

Toda a escola tem seu projeto pedagógico, que representa a identidade da instituição, seus fundamentos teórico-metodológicos, salientando as diretrizes a serem seguidas pelos envolvidos. O projeto pedagógico tem seus parâmetros norteadores, porém recebe adequações conforme o desenvolvimento da realidade social em que a escola está inserida. De acordo com Veiga:

Ao construirmos os projetos de nossas escolas, planejamos o que temos intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para adiante, com base no que temos, buscando o possível. É antever o futuro diferente do presente. (VEIGA, 2005, p.12)

Para melhor fomentar este tema, segue algumas linhas sobre os projetos pedagógicos de instituições de ensino confessionais, que possuem relevante significado na história educacional de Caxias do Sul, contexto no qual surgiu O Colégio La Salle Carmo.

O Colégio São José foi fundado em 1901, pelas irmãs de São José provenientes de *Le-Puy-em-Velay* na França. O colégio prioriza a educação católica e no começo de sua história aceitava apenas meninas como educandos.

O projeto pedagógico das Irmãs de São José é dividido em duas premissas: “jeito de ser” e “jeito de fazer”. A primeira, “jeito de ser”, compreende os seguintes elementos: transformar sonhos em realidade; vivências em atitudes; engajamentos em ações e objetivos em realizações.

Essa metodologia com efeito de diligência, não se projeta apenas ao ato, mas trabalha também o efeito. A segunda, “jeito de fazer”, compreende: Pedagogia de projetos e pesquisas, ensino interativo, produtividade valorizada,

incorporação tecnológica, pedagogia prazerosa, referencial didático estimulador e diferenciado, processo inclusivo coerente e desafiador, teoria e prática complementar a aprendizagem e avaliação constante atualizada. Esta listagem sugere preceitos democráticos do ponto de vista educacional, dá suporte ao aluno para se expandir enquanto educando e também mostra a preocupação permanente em manter o corpo docente atualizado promovendo avaliações e mantendo uma forma de ensino com incentivos e alegria.¹²

Outra instituição de ensino que há muitos anos fomenta o ensino na cidade, é o Colégio Madre Imilda, fundado em 1928 pelas Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Sendo o seu primeiro nome “Orfanato Santa Teresinha” e acolhia meninas órfãs. Atualmente o Colégio Madre Imilda atende a mais de 1500 alunos, desde a Educação Infantil e o Ensino Médio. A instituição “visa à educação integral da pessoa, do educando, na busca constante da qualidade de ensino, sendo ele o arquiteto, o autor do seu projeto de vida”. Esta premissa pedagógica remete a responsabilidade que cada aluno tem por sua vida discente. Sendo, sobretudo, interesse do colégio em ter o melhor ensino, possibilitando que o aluno seja autônomo e interessado pelo seu crescimento intelectual.¹³

O Colégio São Carlos é uma instituição de ensino que tem sua história iniciada em 1936. É mantido pelas Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas. Começou suas atividades educacionais com o jardim de infância e curso primário. Atualmente atende a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e o Curso Normal. A proposta pedagógica da Educação Scalabriniana Integrada (ESI), conforme denominação atribuída ao Colégio São Carlos, tem como seu ponto norteador sua missão que consiste em “promover uma educação de excelência na sua diversidade, formando pessoas comprometidas com a cidadania universal, fundamentada nos valores cristãos”. A escola opta pela relação sócio-interacionista com ênfase nos fundamentos teóricos-epistemológicos tratados como uma tendência pedagógica. Assim, no site da escola, no item “As diretrizes para uma educação Scalabriniana”, pode-se dizer: “a escola Scalabriniana procura

¹² Disponível em: <[HTTP://www.saojosecaxias.com.br/proposta.asp](http://www.saojosecaxias.com.br/proposta.asp)>

¹³ Disponível em: <[HTTP://www.madreimilda.com.br/a_escola.php](http://www.madreimilda.com.br/a_escola.php)>

afirmar no seu cotidiano a grandeza do homem e da mulher como uma imagem do Criador”.

Com este conceito filosófico cristão, os conceitos pedagógicos referem: “A construção social única do sujeito, o caráter ativo do sujeito, o papel do outro no desenvolvimento, a unidade de cognição e afeto”. Para tanto está intrínseco que são necessários referenciais norteadores para atingir as estratégias pedagógicas tais como: formação integral, compromisso social, a relação teoria-prática, a interdisciplinaridade, o ensino individualizado e a comunicação com diálogo.

O plano pedagógico proposto pelo colégio refere-se a uma pedagogia inovadora com preceitos cristãos já conhecidos. Sob a nomenclatura de pedagogia sócio-interacionista o conceito básico se concebe com a relação interpessoal e não mais pelos ditames da pedagogia arcaica e superada. Sugere ainda, a autonomia do sujeito pela construção do caráter, empatia, conhecimento e entre outros. Acredita que esta pedagogia deve ser baseada na formação do ser como um todo.¹⁴

Além das escolas citadas, Caxias do Sul possui outras duas escolas confessionais e vinculadas à proposta Lassalista: O Colégio La Salle e o Colégio Nossa Senhora do Carmo, localizadas num bairro nobre da cidade, o São Pelegrino, e no centro, respectivamente.

As instituições Lassalistas se destacam pela capacidade de relacionar-se positivamente, criando laços de comunhão e integração na comunidade onde se estabelecem.

Os primeiros Irmãos da congregação Lassalista se reuniram para sistematizar os métodos de trabalho que produziram êxito. Destas “conferências” nasceu “O guia das escolas”, em cujo prefácio se diz: “Nada foi posto sem que tenha sido aceito de comum acordo e experimentado, comprovado as vantagens ou os inconvenientes, e prevenindo, na medida do possível, contra os equívocos ou as más consequências” (Guia do Professor, 1988). Três propósitos estão explicitados no guia: ser uma escola de qualidade, uma escola que busca a excelência em todos os ensinamentos profanos e religiosos, realizando plenamente uma atividade cultural inserida na vida e no

¹⁴ Disponível em: <[HTTP://www.colegiosaocarlos.com.br/projetoEducativo.php](http://www.colegiosaocarlos.com.br/projetoEducativo.php)>

ambiente; buscar eficácia, particularmente, por meio de uma organização bem estruturada, concreta e prática, e pela coordenação regular entre todos os responsáveis; cultivar a disciplina como: um valor pessoal que conduz ao governo de si mesmo; um valor social que favorece o respeito mútuo e permite concretamente a participação; um valor de eficácia no trabalho, pois, garante o bom emprego do tempo.

No campo das boas maneiras, a Escola Lassalista salienta que o professor é quem zela pela aparência pessoal e pelo asseio dos alunos, pois, “roupas desleixadas e sujas, frequentemente, levam à desordem na sala de aula, nas reuniões, nas danças. Se o jovem sente que pode trajar-se de qualquer maneira, ele também se convencerá que pode comportar-se da mesma forma”. (GUIA DO PROFESSOR, 1988 p. 34)

Algumas normas são também explicitadas para professor, que deve cuidar da sua própria aparência, para dar exemplo a seus alunos. Este aconselhamento é enfatizado no item ‘c’ das atividades sociais, que se transcreve na íntegra: “Um professor responsável possui regras definidas para todos os encontros de natureza social. Por exemplo: modo de trajar, hora de iniciar e de encerrar, modos de proceder”. (GUIA DO PROFESSOR, 1988 p. 37).

Observa-se assim, que no guia das escolas é caracterizada a constante preocupação com a vestimenta e com o asseio, tanto do discente como do docente, fato que comprova a importância da aparência, e conseqüentemente do uniforme, como parte do projeto pedagógico.

Hoje as instituições Lassalistas abrangem mais de oitenta países, chegando ao número exprimível de mais de seis mil irmãos, cinquenta e cinco mil educadores e mil e quinhentas Comunidades Educativas, que se elevam a uma agremiação de aproximadamente um milhão de pessoas entre as quais estão crianças, jovens e adultos. A presença Lassalista no Brasil tem seu marco em 1907, com o desembarque em Porto Alegre dos irmãos da congregação vindos da França. Um século depois, Os números da rede Lassalista no Brasil são de trinta e cinco mil alunos, mais de duzentos irmãos e três mil educadores que trabalham nas quarenta e duas instituições de ensino

de Educação Básica, Ensino Superior e Obras Assistenciais, distribuídas em doze estados e no Distrito Federal.

O objetivo estratégico da Rede La Salle é o compromisso com a educação de qualidade e também tem como missão promover o desenvolvimento integral da pessoa e a transformação da sociedade.

4.4 João Batista de La Salle: fundador das escolas Lassalistas



Ilustração de La Salle

João Batista de La Salle (1651-1719) foi sacerdote e educador francês, estudou na Universidade de Reims e, depois, na Sorbonne, de Paris. Terminado seu doutorado em Teologia e ordenado sacerdote, se envolveu na direção de escolas e na formação de professores. Aos vinte e oito anos fundou sua primeira escola e, da França, a atuação e a filosofia Lassalista irradiou-se pelo mundo. Criou uma escola normal para a formação de mestres, o “Seminário dos Mestres Escola” com uma escola elementar anexa a “Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs” promovendo assim a fundação de escolas populares tornando-se numa das iniciativas de maior representação no campo da educação. La Salle contribuiu para o surgimento da “civilização escolarizada”, defendendo a obrigatoriedade do ensino também para a classe

popular, possibilitando o acesso à escola pela gratuidade universal e cooperando para a melhoria do sistema de ensino, sobretudo primária, com a fixação de um currículo mais preciso e rico e sua administração mais eficaz. Seu intento era “instruir no catecismo e nas orações todos os rapazes” (GAMBI, 1999, p.299).

O aspecto central do seu projeto educativo é, todavia, a instrução religiosa, desenvolvida na direção mística e ascética. No início de cada lição lembra-se ao aluno a “Presença de Deus”, a fim de reforçar o conceito na sua mente e consciência, ou então são recitadas orações ininterruptamente segundo turnos estabelecidos. Por estas práticas religiosas de culto ao silêncio tende-se a criar no aluno uma atmosfera de seriedade e rigor, alheia ao riso e ao jogo, e regulada por severas punições. Essas práticas não são exclusivas das instituições Lassalistas, o colégio *Sacré-Coeur de Marie*, que existiu em Caxias do Sul nas décadas de 1950 a 1970, era obrigatório escrever no início de cada frase do tema de casa a seguinte frase: “Tudo para Jesus por Maria”.

La Salle foi canonizado em 1900, pelo Papa Leão XIII e sua importância para a educação foi sacramentada, em 1950, quando o Papa Pio XII declarou-o ‘Padroeiro Universal dos Professores’.

4.5 O Colégio Nossa Senhora do Carmo



Ilustração do Colégio La Salle Carmo no século XX. Foto cedida pela Unilasalle.

O Colégio Nossa Senhora do Carmo, hoje La Salle Carmo, é uma das instituições mais sólidas de ensino, de mais vasta abrangência e de influência mais marcante em Caxias do Sul e região. Já, transcorreram mais de 100 anos desde que os irmãos Lassalistas aqui chegaram.

No dia 28 de janeiro de 1908, os fundadores recém chegados da Europa, partiram de Porto Alegre chegando a Caxias no dia 4 de fevereiro. Logo iniciaram as atividades do Colégio Nossa Senhora do Carmo com apenas 33 alunos que aumentou significativamente para 124 alunos no mesmo ano letivo. (ADAMI, JOÃO SPADARI 1981, p. 111)



Ilustração forográfica dos primeiros Irmãos Lassalistas em 1908. Foto cedida pela Unilasalle.

A boa representatividade do colégio do Carmo galgou a passos largos, numa época em que a instrução e educação dos filhos era prioridade para as famílias de imigrantes que, assistindo o rápido crescimento da indústria e do comércio, tinham consciência da necessidade de melhor preparo intelectual para os seus.

Passados mais de um século, o colégio do Carmo se destaca pelo seu pioneirismo e se orgulha de alunos que, pelas suas próprias capacidades e também pela qualidade de ensino da instituição se tornaram líderes, na vida econômica, política e social, não só na cidade, como do estado e no país.

Sempre buscando aprimorar a metodologia pedagógica, valorizando a formação permanente de seus professores, construindo e cultivando os valores morais e cristãos, modernizando e reciclando conceitos buscando a construção de conhecimento e à formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que está inserida.

A proposta educativa Lassalista mostra-se comprometida com a causa da educação, centralizando a atenção primeira na pessoa humana e na sua formação integral. Segundo texto divulgado no site da instituição, o projeto

pedagógico reflete o modo que a instituição compreende a educação, assumindo-a como: um processo integral, progressivo e contínuo de crescimento das pessoas e das comunidades; um forma de transformação do homem e da sociedade na perspectiva do Reino de Deus; uma ação pastoral de Igreja, realizada à luz de suas orientações.¹⁵

A educação Lassalista aceita que a pessoa é uma unidade com dimensões e potencialidades, influenciada por seu passado e pelo mundo circundante. Valoriza, portanto, todos os dados da realidade e não apenas os imediatos e utilitaristas. A formação abrange o conjunto e cada um dos diferentes aspectos da pessoa. Enfatiza mais alguns aspectos do que outros, dependendo da visão antropológica assumida. (GUIA DO PROFESSOR, 1988)

A formação considera a pessoa em si mesma e em seus relacionamentos. Tem presente a continuidade, a realidade da não-plenitude, a possibilidade e a necessidade de sempre crescer mais. Têm presente tanto às experiências positivas quanto as negativas. Considera que todo processo educacional inclui uma teoria, uma cosmovisão de pessoa. Esta cosmovisão pode estar mais próxima ou menos próxima de uma visão cristã.

Portanto, ciente de parte do projeto pedagógico da rede La Salle, que pensa no desenvolvimento de valores religiosos, de valores pessoais, da qualidade dos relacionamentos e envolvimento com o social, compreendendo o mundo como um todo, vislumbra uma cultura humanista desvinculada do valor material e voltada para a dimensão da formação do homem em relação à sociedade e ao mundo a ser constituído. A educação não apenas instrui, ela também prepara para as tarefas da vida social, prepara cidadãos comprometidos consigo mesmos, com seus semelhantes e com o mundo. Para finalizar este item é interessante trazer as palavras de Libâneo, que conjuga prática educativa com pedagogia, como complementares.

[...] a prática educativa é o processo pelo qual são assimilados conhecimentos e experiências acumulados pela prática social da humanidade, cabe à Pedagogia assegurar este processo, orientando-o para finalidades sociais e políticas, e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-lo. (LIBÂNEO, 1992, p. 24)

¹⁵ Disponível em: < <http://www.lasalle.edu.br/porta/print.php> >

No texto “Deu manchete”, o Irmão Bonifácio relata importante momento pelo qual passou o colégio do Carmo, no processo de equiparação do Colégio Nossa Senhora do Carmo com o Ginásio D. Pedro II situado na Capital Federal. A notícia foi motivo de orgulho para toda a congregação.

‘Caxias’ – 12/11/1931

Equiparação do I. Gymnasial N. S. do Carmo

‘Realizou-se na noite de sábado último, numa das salas deste conceituado estabelecimento de ensino dirigido com muita competência e dedicação pelo estimado Irmão Maurício, uma importante reunião a fim de tratar de sua breve equiparação.

Nessa reunião tomou parte a comissão composta pelo Coronel Miguel Muratore, prefeito, Drs. Olmiro de Azevedo, Romulo Carbone e Dante Marcucci, representantes de todas as classes sociais desta folha.

Em nome da comissão o Dr. Olmiro explicou minuciosamente o trabalho realizado junto ao Senhor General Flores da Cunha, interventor federal, no sentido de ser obtida a equiparação deste estabelecimento de ensino ao Gymnasio D. Pedro II da Capital Federal.

O ilustre general Flores da Cunha, depois de ouvida a referida comissão, “hypotheou” (sic) inteiro apoio à nobre e justa aspiração do povo desta terra dispondo mesmo que contasse com ele para tudo que lhe fosse preciso.

Em seguida foi ainda pelo Dr. Olmiro comunicado o que era necessário fazer para ser feita a equiparação ardentemente almejada. De tudo que se tratou foi lavrada uma ata pelo secretário Sr. Dante Marcucci e assinada pelos presentes.

Em virtude do franco e decidido apoio dos poderes públicos do Estado e do Município e estar o Instituto em condições de ser equiparado é certo que ele dentro em breve estará revestido dessa formalidade legal.

A sua equiparação trará inúmeras vantagens a nossa cidade não só por proporcionar um meio fácil de ensino à nossa juventude, como também fará “vir” (sic) aqui inúmeras famílias para colocarem seus filhos em suas aulas. Será um grande e importante melhoramento para esta cidade, motivo por que nos congratulamos desde já com os poderes públicos e o povo pela justa e merecida equiparação desse modelar estabelecimento de ensino. (Gentileza do CORONEL DÉCIO FONINI). ADAMI, SPADARI, 1981

Esta notícia teve grande repercussão em Caxias, há quase sessenta anos. Guardadas as devidas proporções, era, para a época, como anúncio de uma escolinha rural ser guindada repentinamente ao nível de universidade.

A população ansiava por um grande colégio como os das capitais. O colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro era o paradigma a que se deviam equiparar os ginásios em formação pelo país inteiro. Complicada era a burocracia e tortuosos os caminhos a seguir. O Irmão Maurício, como diretor do Carmo, era um homem muito estimado e que conseguiu a ajuda de um grupo de cidadãos influentes junto aos poderes públicos, para que o Carmo fosse reconhecido como ginásio.

Valeu o esforço dos abnegados cidadãos e benfeitores, pois, e breve tempo, o frontispício do colégio depôs seu nome de 'Instituto N. S. do Carmo' para receber o de 'Gymnasio', nome esse que ostentou até 1953, quando foi substituído pelo de 'Colégio'. (BONIFÁCIO, 1989, p.166-167)

Estas linhas escritas pelo Irmão Bonifácio dizem muitas coisas referente a cidade de Caxias do Sul e a sua sociedade. Inclusive mostra em que época o colégio passou a adotar o uniforme escolar, sendo na década de trinta quando passou então a se chamar 'Gymnasio'.

4.6 O Uniforme Escolar do Colégio La Salle Carmo

O assunto abordado neste subitem é referente aos uniformes escolares do Colégio La Salle Carmo, o qual nos brinda com diversos trechos retirados dos livros, "Crônicas do Carmo 1908 – 80 anos – 1988 Volume dois", 1988 e "Crônicas do Carmo Volume três", 1989 ambos escritos pelo irmão Bonifácio, o qual narra alguns episódios sobre os uniformes escolares e o cotidiano da educação da época.

No capítulo "Carmo X Quartel" é possível ler a seguinte passagem:

Houve tempos em que a disciplina em ambos os casarões era férrea. Passar do Carmo para o quartel pouca diferença fazia além da quantidade maior ou menor ou do grau de fertilidade dos percevejos que povoavam os dormitórios de ambos. No início da década de 1930, até mesmo o TIRO DE GUERRA – prolongamento e substitutivo do Quartel – funcionava no Carmo. Durante um quarto de século, a Educação Física era ministrada por militares competentes; não consistia unicamente em andar se rolando na quadra e correndo bestamente atrás de uma bola dizendo que praticava esporte; o batalhão escolar, tanto na marcialidade (sic) como no uniforme, era de feição militar. A farda era de uso

rigorosamente obrigatório. Não era um dos moderninhos desfiles de sete de setembro que, por vezes, têm semelhança com carnaval. (BONIFÁCIO, 1988, p. 47)

O trecho indica a forte tendência militarizada no ensino da instituição, indicando que as práticas físicas recebiam instrução e monitoramento e alto disciplinamento do exército. Em outro trecho, podemos observar a ênfase dada ao uso do uniforme escolar:

¹⁶O irmão *Edmundo Inácio, homem possante, durão, bonzinho, simpático, ousado, cara-de-pau, era grande amigo do **PPL fora das quadras esportivas. A pedido do Ir. Edmundo, o Comandante autorizou os soldados que estudavam na Escola Técnica de Contabilidade a frequentar as aulas, contanto que fossem impecavelmente uniformizados e que apresentasse na volta, antes da meia-noite, uma agenda de frequência devidamente assinada pelo Irmão. O comandante, sob o pretexto de conversar com seu amigo sobre a criação de suínos, ia fiscalizar as presenças de seus comandados as aulas noturnas. (BONIFÁCIO, 1988, p. 47-48).

No extrato de texto citado acima é possível perceber a forte influência militar no colégio, o que logicamente, também afetava a vestimenta dos alunos.

Já no livro “Crônicas do Carmo volume dois” lançado em 1989 o Irmão Bonifácio evoca suas memórias com o capítulo: “Um domingo Lassalista há meio século”. Composto de muitas lembranças, o texto do Irmão discorre sobre um tempo do fim da década de 30.

Assim é possível ler:

Às cinco horas, todos estavam reunidos na capela para as preces matinais, sempre as mesmas, encontradas em um velho livro de orações e que tinha a duração de quinze minutos. Em seguida, um Irmão lia um texto explicativo do Evangelho prescrito para missa do dia. Seguia-se meia hora de meditação sobre o assunto lido. Às seis horas, na igreja matriz, iniciava-se a primeira missa a que todos os

¹⁶ *Na realidade o nome verdadeiro é Sr. Arlindo Mathias Reis, um dos irmãos que atuaram no Carmo entre 1908 e 1988. Nota da autora.

**PPL: Apelido dado ao Coronel Paulo Pinto Leite, homem temido e admirado pelo seu rigor no comando do Quartel que, de 9º Batalhão de Caçadores se tornou Grupo de Artilharia Anti-Aérea. Nota da autora.

Irmãos assistiam incorporados nas primeiras filas de bancos. Essa liturgia, com um longo sermão, prolongava-se por quase uma hora. Voltava-se à capela do colégio para mais meditação e a récita de três dezenas de Ave Marias do Rosário. Às sete horas e trinta minutos era o café, durante o qual alguns Irmãos se revezavam na leitura dum livro instrutivo. Isso também era costume dos monges medievais. Durante o café, já apareciam no pátio os primeiros alunos uniformizados a rigor, de fardamento, talabarte e centurião, camisa branca, gravata azul marinho, sapato preto e quepe na cabeça. Dez minutos antes das oito horas, já estavam os alunos formados em fila por aula, e o Irmão regente conferia as presenças e fornecia os comprovantes de participação na missa. Sem delongas, os Irmãos e os alunos dirigiam-se pela Rua Marquês do Herval até a escadaria da catedral Diocesana onde se encontravam frente às alunas do colégio São José em seu uniforme típico. (BONIFÁCIO, 1989, p. 53-54).

O uniforme como símbolo de identificação, de disciplina e de ordem aparece em quase todas as narrativas do texto do Irmão Bonifácio. No livro, “Guia do Professor” do colégio do Carmo editado em 1988 pelo próprio colégio, também se podem encontrar diversas “orientações” em relação ao vestuário tanto do aluno como do professor. No capítulo seis, denominado “Descrição dos Órgãos e suas competências” no item “6.2.3 – Serviços de Coordenação de Turno” há o destaque para a importância do uso do uniforme como um mecanismo dinâmico de controle disciplinar. (GUIA DO PROFESSOR, 1988, p. 57)

No capítulo oito, denominado “Compromissos do Professor”, no item “8.2 – Quanto à formação do aluno” lê-se: “É dever de todo professor oportunizar a cada um dos seus alunos uma educação integral, abrangente, que permita seu desenvolvimento espiritual, mental, físico e social”. Adiante, também se lê:

É também responsabilidade do professor zelar pelo desenvolvimento SOCIAL de seus alunos. Para isso estará atento a uma sólida formação de seus corações, de modo que vivenciem sensibilidade, fortaleza, e estima pelo belo, o bem e a verdade. Evite a mimaça(sic), a pieguice, a sensualidade. Lembra constantemente que a vida social implica na descoberta do ‘outro’, com necessidades, exigências, direitos e deveres iguais aos seus. Acima de tudo, zela pela ‘adoração’ da justiça e sua promoção, em quaisquer situações. Tendo compreendido o objetivo de sua atividade na sala de aula, o professor fixa na sua própria mente esta meta: ENSINAR A BEM VIVER. - “E isto ele conseguirá tão somente caso seguir as regras que farão dele um bom mestre.” (GUIA DO PROFESSOR, 1988, p.76-77).

No capítulo nove, denominado “Normas Gerais”, do mesmo livro já citado acima, no item “9.4 – Deveres dos alunos” é destacado de forma explícita a importância e obrigatoriedade do uso do uniforme, sendo dever do aluno “apresentar-se devidamente uniformizado em todas as atividades escolares”. (GUIA DO PROFESSOR, 1988 p. 84)

Porém, no controle do professor, ou, a chamada ficha de avaliação, é possível encontrar indícios de uma preocupação com a vestimenta, desta vez dirigida aos docentes, indicando ao professor: “Você se esmera na aparência pessoal e no modo de trajar? A resposta pode ser marcada como “sim” ou “não”. (GUIA DO PROFESSOR, 1988 p. 93)

As conclusões possíveis que se pode tirar destas “orientações” são de que o colégio prima pela ordem e disciplina e que a postura do colégio é de não ter muita maleabilidade quando o assunto são suas regras. O colégio parte da premissa que a condição física, em todos os sentidos, isto é, modo de trajar e o asseio, dos alunos facilitam para um bom desenvolvimento intelectual e social. É claramente percebida a preocupação, também com o modo de vestir do docente, o qual não tem uniforme determinado, mas, pelos trechos reproduzidos aqui, se percebe que existe uma orientação subentendida sobre isso.

O nível de socialização dos alunos também é uma preocupação recorrente durante toda leitura do “Guia do Professor”, onde fatos como, manter a harmonia do grupo, não permitindo que nenhum aluno se destaque com atitudes sentimentalistas ou crie um expediente emotivo no qual ele recorra a todo instante, parece intervir, no entender do colégio, na precaução da condição de iguais entre os alunos. Mensagem essa que passa a ideia de transcender da vestimenta do indivíduo para a postura do mesmo dentro da sociedade na qual ele pertence.

4.7 Novos tempos, novas formas: um uniforme diferente?

Com o pensamento voltado para ser sempre uma instituição à frente de seu tempo, a rede La Salle lançou em 2009 uma coleção referente aos novos uniformes escolares. Com vários diferenciais, dentre eles o fato de ser adotado

um modelo “único” para toda a rede La Salle. Segundo o sr. Marino, colaborador do colégio do Carmo, esta ordem partiu de Roma com a intenção dos alunos serem reconhecidos pelo uniforme, em qualquer parte do país, por serem alunos de uma rede Lassalista.

No site do portal La Salle se encontra os novos modelos que todos os colégios da Rede La Salle deverão começar a usar a partir de 2010. Segue alguns tópicos encontrados no Portal La Salle:

No portal da rede La Salle Carmo¹⁷ é possível ler uma série de orientações quanto ao uniforme escolar. Entre elas existe uma página específica denominada ‘Novos Uniformes’, que introduz os principais motivos referentes ao uso do uniforme escolar.

Durante a leitura do texto é possível assimilar a necessidade de uso do uniforme escolar e quais foram os delineamentos usados para traçar os ditames que compuseram o desenvolvimento da coleção.

Fundamentada por uma equipe de estilistas a coleção dos uniformes é adaptada para as diversas condições climáticas e foi desenvolvida com modelos e cores que possibilitam um grande número de conjunções.

Visto que, por se tratar de uma instituição de ensino extremamente eclesial em que outrora somente predominava o imperialismo soberano da vontade dos preceitos religiosos e era considerado apenas o sexo de cada aluno onde normalmente não dispunham muito mais do que gravata para os meninos e saia para as meninas e os demais acessórios eram aceitos com muita parcimônia, alguns apenas em deferência ao clima.

Percebe-se que a instituição denota a necessidade de adequação em relação ao vestuário escolar e com isso busca a aceitação do seu público. Oferecem de forma inovadora, vários tipos de acessórios que são raramente inseridos em um desenvolvimento de coleção para uniformes escolares.

O colégio La Salle Carmo utiliza nesta nova coleção estilos diferenciados que aparecem desde a disposição do logo com composições inusitadas, até o uso de tecidos mais modernos, como o ‘*dopnyton*’ que vem a ser uma mistura de poliéster com *cotton* possibilitando uma secagem muito mais rápida, sendo

17 Disponível em: < [HTTP://www.unilasalle.edu.br](http://www.unilasalle.edu.br)>

um tecido mais resistente e também o ‘*doptel*’ tecido de microfibras 100% poliéster que proporciona extremo conforto. Para complementar a coleção dos uniformes escolares, também dispõe de acessórios como, faixa de cabelo, meias, toucas e mantas.

Com o intuito de padronizar, o texto cita que a medida em relação aos novos uniformes é adotada para “todos os alunos Lassalistas do Brasil”, não deixando dúvidas de que ocorre em todos os colégios da rede. No final do texto no parágrafo iniciado com “Você sabia” a medida é novamente amparada pela imagem da segurança que o uso do uniforme escolar trás.

Onde se pode ler:

Entre os benefícios do uso de Uniforme Escolar está o aumento da disciplina dentro e fora da escola, pois embute um caráter disciplinar na postura geral de cada aluno. Além disso, estudos demonstram que o uso do uniforme previne a distinção de grupos, evitando a formação de tribos urbanas, ajuda o aluno a se focar com mais seriedade no trabalho da escola, colabora para uma maior segurança para os próprios alunos (dentro e fora de escola), permite a identificação dos alunos e facilita a relação entre pais e filhos na escolha do vestuário.¹⁸

Os aspectos adaptação, abrangência e dominação são quase tateis, pois, no corpo do texto o leitor é bombardeado durante todo o tempo com informações que apenas tornam latente a obrigatoriedade do uso dos uniformes por parte do aluno sob a égide da ‘disciplina’.

Soa eufonicamente a condição de que não é necessário o uso dos ‘novos’ uniformes no início do ano letivo, sendo que, a utilização dos mesmos deverá ocorrer gradualmente e é permitido aos alunos o uso dos uniformes nos modelos antigos e assim que poderão continuar a frequentar as aulas.

No tocante numérico é destacado o fato de que houve uma nova escolha de fornecedores onde o objetivo maior era possibilitar peças com mais qualidade e preços mais atrativos. Suscita ao leitor à possibilidade de acessar o arquivo correspondente a nova coleção dos uniformes escolares onde é representada através de desenhos das roupas que serão oportunamente comentados nesta dissertação.

¹⁸ Disponível em: <[HTTP:// www.unilasalle.edu.br](http://www.unilasalle.edu.br)>

Se observarmos a terceira parte do livro ‘Vigiar e Punir’, de Michel Foucault, quando aborda “Os corpos dóceis”, podemos relacionar o uso, a forma e os materiais com os quais os uniformes são constituídos com as relações de poder que perpassam sua adoção e/ou obrigatoriedade. Para o autor:

O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no aná-tomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. (FOUCAULT, 2004, p117)

Os corpos, portanto, das crianças e jovens são alvo de ações determinadas pelo mundo adulto, com o intuito de domesticá-los e/ou discipliná-los. E, os uniformes constituem um dispositivo adequado para isso, Foucault segue dissertando que:

Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto são novas nestas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente, de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (FOUCAULT, 2004, p118)

Permeando suas análises, Foucault diz ainda que “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de ‘disciplinas’”. (FOUCAULT, 2004, p.120)

Tendo em vista, esta contextualização a seguir procede-se a análise semiótica de cinco fotografias de turmas de alunos do Colégio La Salle Carmo.

Na análise é dado o destaque ao uso dos uniformes escolares, mas abrange também os cenários e as conjunturas históricas e físicas em que os instantâneos são registrados.

Utiliza-se o roteiro da semiótica já referido no capítulo que trata da metodologia, o qual dá fundamento ao signo, ou seja, o quali-signo como a primeira impressão onde tudo é “sentir”, qualidade pura da emoção; o sin-signo sendo a singularidade do instantâneo, o que o torna único; o legi-signo que é a interpretação do legítimo, do contexto sócio-cultural, das convenções, no caso os uniformes escolares.

Santaella (2002), destaca que uma das maiores dificuldades que os adultos têm, é analisar o signo apenas nas suas qualidades de existente, ou seja, o quali-signo na pureza infantil que intenta. Somos seres de linguagem, nós estamos na linguagem. Então, facilmente, pulamos a fase inicial da análise do signo, que é pura contemplação, emoção, e passamos a nomear, conceituar, reagir e relacionar. Talvez esse fato aconteça nas análises a seguir.

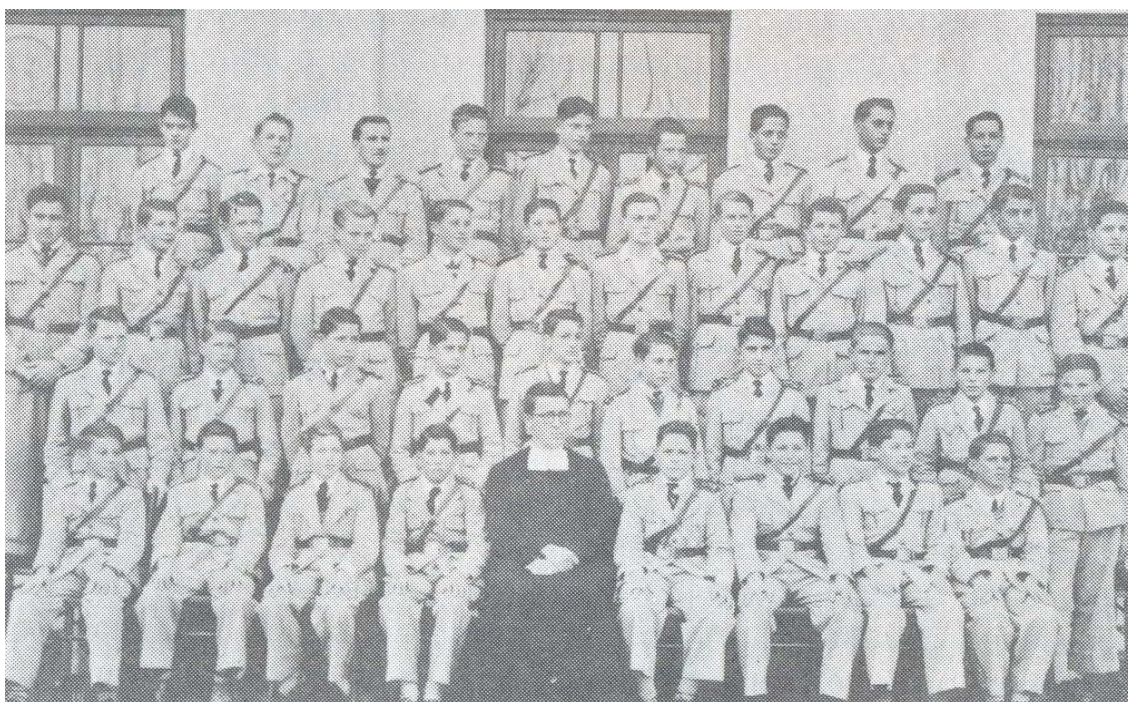


Ilustração fotográfica dos alunos do Carmo de 1949. Foto retirada do livro “Crônicas do Carmo”, vol. 3, (BONIFÁCIO, 1989, p.110)

Quali-signo:

Imagem com cor desbotada, com pessoas e cenário de aspecto antigo. A pouca nitidez não revela com clareza as feições dos participantes. No centro está um adulto vestindo cor escura, os mais jovens têm roupa clara e postura

uniformes. A imagem passa uma sensação de tempo antigo, de organização, disciplina, padronização, série, norma e contenção. Tudo está enquadrado.

Sin-signo:

A imagem é uma fotografia retangular em preto e branco. O conjunto forma uma construção (no seu sentido mais amplo), composta de pessoas formando um grande retângulo. A composição geral da foto não é espaçosa, uma vez que o grupo de pessoas em primeiro plano ocupa quase todo o espaço da fotografia, na parte inferior alguns pés ficam fora do enquadramento, e na parte superior sobra um relativo espaço sobre suas cabeças e, absolutamente, nenhum espaço nas laterais. As janelas ao fundo despontam como retângulos. As linhas da foto são geométricas e compõem uma harmonia entre personagens, seus uniformes e o fundo. A disposição das pessoas forma linhas horizontais e verticais. A imagem é chapada, os elementos estão contra a parede, sem qualquer ilusão de horizonte. A gestualidade e postura das pessoas imprimem ordem e disciplina.

A fotografia registra a turma de alunos da 2^o série do Ginásio (correspondente à 6^a série de hoje), de alunos adolescentes do Colégio Nossa Senhora do Carmo, tirada em 1949 e cedida pelo Cel. Décio Fonini, último aluno sentado na primeira fileira à direita. É a tradicional fotografia anual dos alunos. São trinta e nove alunos uniformizados com roupas semelhantes aos militares do exército aparentando ser de cor clara. Os alunos usam o fardamento completo, oficial, composto de conjunto do uniforme, talabarte e centurião, camisa branca, gravata (provavelmente azul marinho) e sapato preto. A grande maioria com os cabelos alinhados. O mestre usa batina, vestimenta dos clérigos e sacerdotes católicos.

Legi-signo:

Foto anual oficial sempre foi tradição nas escolas. Desde a popularização da técnica fotográfica, famílias e instituições faziam e mantinham seus registros. A foto publicada em veículo reconhecido é um legi-signo fazendo parte da categoria de documentos fotográficos históricos. Por outro lado, o Colégio Nossa Senhora do Carmo constitui em si um legi-signo, pois

está na cidade e é reconhecido como instituição educacional religiosa, há mais de 100 anos.

As uniformizações da vestimenta e da postura, a contenção do espaço e do gesto, bem como a centralização da figura do mestre educador representam o que foi explicitado, no item 5.6, sobre o conceito de disciplina, que consta no “Guia das Escolas Lassalistas”:

No campo das boas maneiras a Escola Lassalista salienta: “O professor zela no sentido que os alunos sejam asseados e zelem pela aparência pessoal. Roupas desleixadas e sujas, se toleradas, frequentemente levam à desordem na sala de aula, nas reuniões, nas danças. Quando o jovem sente que pode trajar-se de qualquer maneira, ele também se convencerá que pode comportar-se como lhe dá na cabeça”. (GUIA DO PROFESSOR, 1988, p.34)

E as regras não são exclusivas para os alunos sobre o controle dos professores. Os professores, por sua vez, também devem observar normas:

[...] o professor cuida da sua própria aparência, para dar exemplo a seus alunos. [...] Um professor responsável possui regras definidas para todos os encontros de natureza social. Por exemplo: modo de trajar, hora de iniciar e de encerrar, modos de proceder. (GUIA DO PROFESSOR, 1988 p 37).

Outra legitimidade que confirma quali-signos e sin-signos observados na fotografia, refere-se ao uniforme usado pelos alunos, que mais parece um fardamento militar. No item 5.6, p. 85, num extrato do texto Carmo X Quartel escrito pelo Irmão Bonifácio, pode se constatar:

Houve tempos em que a disciplina em ambos os casarões era férrea. Passar do Carmo para o quartel pouca diferença fazia [...] No início da década de 1930, até mesmo o TIRO DE GUERRA – prolongamento e substitutivo do Quartel – funcionava no Carmo. Durante um quarto de século, a Educação Física era ministrada por militares competentes; [...] o batalhão escolar, tanto na marcialidade como no uniforme, era de feição militar. A farda era de uso rigorosamente obrigatório.



Ilustração fotográfica de 1960. Foto cedida pela Unilasalle.

Quali-signo:

Imagem de um grupo de meninos em postura uniforme, com um adulto à esquerda. A imagem é composta por uma escala de cinza quebrada pelo branco da parte de baixo das vestes. O destaque é o brasão das blusas cinza-escuras com golas brancas. A parte de cima do vestuário sendo escura espreme o tórax aparentando um corpo pequeno e pernas muito longas. O adulto à direita de veste escura é figura marcante porque é única. O escuro da sua roupa disputa o equilíbrio com o brilho do branco das calças do grupo. Os brasões nas camisas saltam aos olhos por parecerem pequenos “*poás*” distribuídos uniformemente como a estampa de um tecido.

Novamente a parede no fundo da cena deixa a imagem chapada sem qualquer possibilidade de visualizar um horizonte. A qualidade visual é razoável. A postura remete a disciplina. O vitrô ao fundo joga na cena alguma simetria com a dureza das linhas, mas é amenizada pela claridade e transparência do vidro.

Os meninos formam colunas, o branco das calças com a cor clara do fundo do cenário marca como tarjas os personagens principais. A imagem

passa uma sensação de organização, disciplina, padronização, série, norma e contenção. Tudo está enquadrado.

Sin-signo:

Fotografia em preto e branco da turma de meninos, alunos Lassalistas de 1960, vestidos para aula de ginástica. A foto tem trinta e oito alunos e um mestre. Alunos com roupa de ginástica, mostrando alguma preocupação com a ergonomia. Roupa esta composta de camisa de cor escura de meia malha, calça branca e sapatos brancos próprios para a atividade da ginástica. Alguns meninos com corte de cabelo em estilo militar. O mestre veste a batina, vestimenta usada pelos clérigos e sacerdotes católicos. Foto cedida pela Unilasalle de Canoas em 14.08.2009. Trata-se de tradicional fotografia anual dos alunos.

Legi-signo:

Foto anual sempre foi tradição nas escolas ela tem caráter oficial que mostra os participantes das turmas. Desde a popularização da técnica fotográfica, famílias e instituições faziam e mantinham seus registros. A foto é um documento fotográfico histórico e constituir-se num legi-signo indicial porque, além de firmar-se como costume, tem conexão direta com o fato existente, que é o momento real da cena registrada em foto.

A instituição La Salle constitui em si um legi-signo, pois representa a educação religiosa não só no Estado, mas no mundo, como vimos na história do seu patrono. A religião católica está no centro do projeto educativo Lassalista. Não se tem a informação da data, mas por depoimentos de alunos, as escolas religiosas rezavam ou adotavam lema ligado à religião que era dito ou escrito a cada início de lição. Essa reverência à religião era para lembrar o aluno da presença de Deus, com o objetivo de reforçar a mística e ascética, criando uma “atmosfera de seriedade e rigor, alheia ao riso e ao jogo, e regulada por severas punições” (GUIA DO PROFESSOR, 1988 p.43).

A punição era ou ainda é uma forma de reprimir o pecado, mas não vamos entrar nesse terreno que não é objetivo do trabalho. E a punição também era forma de coibir a indisciplina. Esse ambiente de seriedade e rigor

transparece na foto, no uniforme impecável e na postura ereta e padrão dos alunos, rosto erguido e braços para trás; e o mestre ao lado como um guia condutor, não mais como centralizador se compararmos com a foto de 1949. A organização e a disciplina, que transparecem na foto 2 tem referenciais também nos itens sobre disciplina que constam no guia do professor de 1988 e repete-se a frase propagada pelo irmão Bonifácio: “os alunos do Carmo, tanto na ‘marcialidade’ como no uniforme, tinham a feição militar. ‘A farda era de uso rigorosamente obrigatório’”. (BONIFÁCIO, 1988)

A norma ‘para ser seguida’ está presente na atitude dos meninos. Sente-se a *autoridade* da instituição que determina a formação racional de ‘turma’. A turma por sua vez obedece e segue as instruções preliminares de vir para escola com uniforme impecável para a foto tradicional.

Alguns traços da sociedade moderna, apontados por Maffesoli (2004), podem auxiliar esta análise da foto. O autor traz entre as características da modernidade a racionalidade instrumental, onde a razão hegemônica e as ações devem ser orientadas para o progresso, para um futuro promissor para humanidade. Outra característica que também pode ser aqui lembrada refere-se ao domínio, ou seja, a forma da lógica da dominação sobre si e sobre o mundo. Segundo o autor, “a concepção utilitária do mundo que cada um adquire progressivamente na educação, na socialização, é o fato de que é conveniente dominar-se, controlar-se” (MAFFESOLI, 2004, p. 26).

Harvey (1993, p. 168), por sua vez, fala que a economia fordista do início do Século XX, era baseada na economia de escala, trata-se de concepção racionalista que também busca a regulamentação, a rigidez nas normas, a centralização e a socialização do bem estar. A economia não longe da educação funciona com parâmetros similares, porque é uma questão da Cultura Moderna. A escola centraliza a educação, é regulamentada, é rígida e promete a socialização do bem estar cumprindo seu papel na educação de jovens cidadãos.

É sabido que centralizar e controlar, a produção de bens à educação de pessoas, e ainda, codificar e regularizar, do consumo à cultura, são características do mundo Moderno como um todo, que sofreu sérios abalos com os movimentos da contra cultura iniciados em 1968.



Ilustração fotográfica dos alunos do Carmo de 1985. Foto acervo pessoal.

Quali-signo:

Imagem composta com um grande número de cores, pontuadas por diversos tons de azul, destacando a cor amarela com aparições de vermelho e com aparições do branco aqui e ali, o qual ajuda a iluminar a fotografia. Uma grande faixa marrom ao fundo corta a imagem criando dois movimentos, que confundem o expectador; o escuro da cor não deixa perceber com nitidez as quinas da parede por trás dos personagens em primeiro plano. O marrom dá certa densidade à imagem. A disposição lado a lado dos protagonistas, o cuidado de colocar a primeira fila sentada, a segunda em pé e a terceira em pé num nível superior, permitem visibilidade de todos, mostrando organização. Por outro lado, o colorido das camisetas e as posturas individuais, não padronizadas, demonstram descontração.

Sin-signo

Fotografia colorida de uma das turmas de alunos do colégio do Carmo, de 1985. Os 30 alunos, meninos e meninas, estão de uniforme, porém muito mais liberal se comparado às fotos anteriores deste estudo. Se pode observar as variadas cores e os variados materiais que compõem os uniformes. As camisetas de algodão¹⁹ – amarela, branca, turquesa e vermelha, bem como, variados tipos de blusas – casaco abrigo todo azul marinho e casaco abrigo azul claro com mangas marinho, blusa de acrílico decote V em azul royal, abrem um leque de opções. Nas calças repete-se a variedade, elas são de *jeans* de diversas cores e comprimentos, são de helanca azul marinho com listras laterais, compondo com o casaco do abrigo. Os tênis por sua vez são de várias marcas e cores. A única indicação de que os alunos estudam na mesma escola está na logomarca do Carmo, no lado esquerdo do peito e, mesmo assim, nem sempre presente. Um certo número de opções em cores de camiseta, em calças e em abrigos são oferecidas, existindo flexibilidade na uniformização. O professor, no lado direito da foto, também está vestido de forma descontraída, camisa branca e calça de cor pastel, não ocupa mais uma posição central, e não é Irmão Lassalista. O pano de fundo da foto, sem preocupação estética, com parede central reta que se abre para os lados, em diagonal, também fazem parte desta descontração sócio-ambiental.

Legi- signo

A foto de turma como visto anteriormente, sempre é uma tradição nas escolas, ela serve de recordação, ao mesmo tempo em que registra os colegas da série para a posteridade. Essa foto, em especial, é tão descontraída que não podemos afirmar que seja a foto oficial do ano, mesmo que aparentes traços característicos para tal.

A descontração sócio-ambiental, as múltiplas opções nos uniformes, o professor leigo de camisa constituem sinais de mudanças importantes em curso. A docência é aberta para professores leigos, além dos irmãos da

¹⁹ Algodão: Fibra de origem vegetal originária do algodoeiro produz um tecido que detém melhor capacidade de absorção de umidade, indicado para climas quentes (CHATAIGNIER, p.135, 2006). Passa a ser adotado em larga escala, nos anos 1980, para os uniformes escolares, considerando sua praticidade e preço acessível.

congregação religiosa. Os colégios antes exclusivos para meninos ou para meninas passam a ser mistos. A disciplina é menos rigorosa, a padronização dos uniformes passa a ser flexibilizada, existem opções entre as possibilidades múltiplas, de blusas e calças. Individualidades podem aflorar, pois é dado ao aluno a possibilidade de usar as cores que mais lhes agradam, assim como usar a calça *jeans*.

Vale lembrar, como visto nas páginas 32 e 33 desta dissertação, que a *T-shirt*²⁰ (camiseta) se torna símbolo de rebeldia jovem nos Estados Unidos, nos anos 1950, quando Marlon Brando e James Deam, ídolos do cinema aparecem com esse visual nos filmes, “Um bonde chamado desejo”, 1951; “Rebelde sem Causa”, 1955. (Martin e Koda, 1990, p 60-61). Mais tarde, na década de 1970, a calça *jeans* e a *T-shirt*, assumem definitivamente símbolo de conforto, juventude e democracia, segundo conceitos do grande estilista e revolucionário do design de moda, Issey Miyake (DE CARLI, 2000 p. 143).

Essa fotografia não apenas reflete as mudanças em curso no campo da moda como também as mudanças do cenário cultural, que são visíveis nas instituições de educação e nos uniformes adotados por elas. Mafessoli (2004) salienta que no trajeto da modernidade para a pós-modernidade constata-se a saturação das certezas ideológicas, a saturação das grandes instituições que se constituíram essencialmente no século XIX, estendendo-se relutantes do pós-guerra até final dos anos 1960: a família, a instituição médica, a instituição universitária e a instituição eclesiástica.

A economia de escala, a padronização, a centralização do poder característicos da concepção racionalista moderna que regulamentavam as instituições, inclusive as escolas, abre espaço para o que Jencks (1989) chama da “ascensão do cognitivo no mundo da informação pós-moderna”²¹.

²⁰ *T-Shirt* é a palavra em inglês para camiseta de algodão, a tradução ao pé da letra é “camisa T”, ou “blusa T” referenciando a forma ‘T’ que a peça adquire quando fora do corpo.

²¹ Pós-moderno – o termo não é consenso entre os intelectuais da segunda metade do século XX, porém Jameson (1985), Jencks (1989), Calvino (1998) falam de mudanças ocorridas na cultura a partir do final dos 1960, que destituíram ideias, ideais e instituições absolutas e verdadeiras dando espaço para a multiplicidade, a pluralidade, a diversidade de vozes e olhares sobre a realidade. Essas mudanças culturais acontecem de forma mais lenta, em alguns aspectos e lugares o marco inicial é final dos anos 1960, mas o processo intensifica-se nos anos 1980/90.

Mudanças surgem, na cultura dos anos 1970/80, facilitadas pela expansão e acesso crescente do grande público aos meios de comunicação, fato que reforça a interpretação da fotografia acima. Saímos “da uniformidade” e adentramos a “sensibilidade caleidoscópica”. O que Pós-Moderno tem trazido é um novo gosto pela incongruência e pelo paradoxo; a sensibilidade do homem se expõe constante e diariamente a uma variedade de acontecimentos e fatos mostrados na televisão nos jornais, enfim, nos meios de comunicação.

Desta forma “qualquer boa opinião carrega uma abundância de opiniões vindas de revistas especializadas proclamando virtudes opostas” de uma população mais informada e de uma realidade multifacetada. Mesmo que, o indivíduo dê preferência a um gosto cultural, abrem-se possibilidades para cultivar um gosto residual, o que no universo do privado, também alimenta o pluralismo.

Essas ideias podem ser bem ilustradas no cotidiano das escolas onde um único uniforme, uma única cor o marinho, é substituída pelo “uniforme” com múltiplas opções, de cores, formas e materiais, que, na verdade, pouco uniformiza. Os professores por sua vez não são mais os irmãos da congregação, são especialistas graduados nas suas respectivas áreas, leigos, do sexo feminino ou masculino; o mesmo ocorre com os alunos de ambos os sexos que compartilham a sala de aula, de forma mais plural.



Ilustração fotográfica dos alunos do Carmo de 1992. Foto cedida pela sr^a. Maria do Horto.

Quali-signo

A imagem colorida mostra adolescentes do sexo feminino e masculino bem posicionado, alguns de braços cruzados, alguns sorrindo, outros sérios e todos bem humorados, vestidos na maioria de azul, de vários tons. Poucas camisetas coloridas, o dia está ensolarado, e o cenário de fundo é o colégio. A disposição lado a lado dos adolescentes, a primeira fila sentada no chão, à segunda provavelmente ajoelhada e a terceira em pé, permitem visibilidade de todos e mostra cuidado e organização.

Sin-signo

Fotografia colorida de uma das turmas de alunos do colégio do Carmo do ano de 1992. Os 35 alunos, meninos e meninas, estão de uniforme, com o logotipo do colégio no lado esquerdo do peito. As meninas da primeira fila estão sentadas no chão de pernas cruzadas e a maioria dos meninos está na última fila. Todos estão de calça de abrigo marinho de helanca, com listra lateral azul clara. Alguns estão de casaco de abrigo marinho e outros de malha de acrílico azul royal, com decote 'V' ou gola pólo. Nos tênis visíveis há a predominância da cor branca. A máquina utiliza a técnica da foto panorâmica.

A construção do Colégio Nossa Senhora do Carmo ao fundo faz da foto um documento institucional. A uniformização apresenta suas variações, mas não tão acentuadas como a foto número 4. A novidade é que o professor não está presente na foto. A fotografia é esteticamente bem aprimorada e a disposição das pessoas na foto é também harmônica.

Legi-signo

A fotografia está mais organizada que a anterior, mostrando que houve mais disciplina na condução da turma para um resultado estético naturalmente primoroso, provavelmente sob a interferência do professor. Muitas características como aparência plural, mostrando as múltiplas opções dos alunos em relação ao uniforme correspondem a foto número 3, por isso não será preciso repetir as observações e interpretações. Acrescentamos outra concepção de Jencks (1989) em relação à cultura pós-moderna, ou seja, "da autoridade centralizada ao pluralismo descentralizado". Intelectuais observaram

a “perda da autoridade” como característica do final do século passado. O avanço da ciência e da tecnologia tem lançado ideologias, até então acreditadas, dentro da dúvida. As incertezas passam a ameaçar as áreas que forneciam segurança, como: o papel do casamento e da família, onde afloram divórcios, onde as mães e os pais exercem suas profissões; o lugar do estado-nação numa economia mundial dominada por multinacionais; o lugar da religião católica numa sociedade que se multiplicam as novas igrejas; o lugar do educador quando a informação esta disponível em variados canais de comunicação.

É notória a falta do professor na foto da turma, de 1992, liderando seus alunos. A proliferação das afirmações mostra o básico da mudança pós-moderna que é o pluralismo ocupando o lugar da autoridade centralizada.

Exemplificando em segmentos diversos: o número de marcas de automóvel é multiplicado pelas cores e ainda acabamentos personalizados; o número de canais de televisão aberta, a cabo ou por assinatura, apresenta programação cada vez mais segmentada por gostos; o número de modelos de tênis para a prática de diferentes esportes é multiplicado pelas cores e pelas marcas e etc. No cotidiano do colégio do Carmo as muitas e fechadas opções para o uniforme escolar, além de criar um paradoxo para o conceito de uniforme, tornam-se poucas para o cenário da cultura plural.

Não se pode deixar de fazer referência à capacidade técnica da câmera fotográfica, que amplia o campo de visão com a lente olho de peixe, dando nova dimensão, desafogando o cenário.



Ilustração fotográfica dos alunos do Carmo de 2006. Foto cedida pela prof.^a Ana Mery.

Quali-signo

A imagem colorida mostra meninos e meninas posicionados, alguns sorrindo, outros mais sérios, porém, todos bem humorados. As cores que se sobressaem são preto, laranja e branco. A claridade do dia e o colorido das roupas dão homogeneidade e alegria à cena. A disposição dos protagonistas é organizada pelas carreiras e, ao mesmo tempo, descontraída pela primeira fila de alunos sentados no chão. As meninas da segunda fila parecem combinar a postura, com pernas cruzadas, corpo levemente virado de lado e mãos sobrepostas sobre os joelhos, atitude bastante feminina.

Sin-signo

Fotografia colorida de uma das turmas de alunos do colégio do Carmo, ano de 2006. Os 32 alunos, meninos e meninas, estão de uniforme, que também oferecem múltiplas escolhas na cor e na disposição do logotipo ou palavra Carmo. É possível distinguir cinco tipos diferentes de camisetas: branca com manga raglã laranja; laranja com ribana preta; preta com ribana laranja; preta com gola pólo branca; e toda branca. O local de aplicação da logotipia muda, as mangas podem ser longas ou curtas, e para as meninas

nota-se o modelo *baby look*, que é mais ajustadinho. A calça é predominantemente preta. Os tênis visíveis são na maioria brancos. A professora aparece no lado esquerdo da foto, pouco se destaca no grupo considerando sua juventude e sua roupa preta. A fotografia é esteticamente bem composta e não demonstra mais harmonia do que rigor.

Legi-signo

Novamente nota-se a multiplicidade de opções para o uniforme, o que permite os alunos também mudarem dentro da uniformidade flexível, desfrutando das cores e formas como variações possíveis e compatíveis com seu humor de cada dia. A introdução da forma *baby look* para a camiseta feminina mostra um namoro do uniforme com a moda, e também certa elasticidade da instituição em permitir evidenciar formas do corpo. A calça com elastano confirma essa tendência. A utilização da cor laranja e preto para o uniforme é uma inovação. A cor laranja, entre alguns de seus significados, representa alegria, juventude e movimento. O preto, ligado à tristeza, ao luto, à seriedade e também ao erotismo (CHANTAIGNIER, 2006, p. 78), aparece no uniforme salientando ainda mais o brilho do laranja e descartando o tradicional marinho.

Considerando a subdivisão feita por Lipovetsky (1989) para a 'Moda Moderna'²², os uniformes ilustrados neste trabalho pelas fotos 3 (1985), 4 (1992) e 5 (2006) corresponderiam à segunda fase, à 'Moda Aberta', que para o autor inicia em 1960, quando os desejos dos consumidores urbanos dos países democráticos, capitalistas, ocidentais, começam a se mostrar mais impositivos frente à autoridade do grande criador de moda. O sistema da moda, assim como, todos os outros sistemas estáveis e autoritários (escola, igreja, família, trabalho) começa a desestabilizar-se com a contra cultura. O *prêt-à-porter*, representante da 'Moda Aberta', que democraticamente amplia o acesso

22 Moda Moderna, segundo Lipovetsky apresenta três fases, primeira Moda de Cem Anos (1857-1960) onde a alta-costura dominava. A segunda é à Moda de Aberta (1960-1980) onde *prêt-à-porter* assume o comando e volta-se para o consumidor e a terceira é a Moda Consumada (199...), quando o consumidor informado faz sua própria moda.

dos consumidores, impõe-se sobre a alta costura. Da mesma forma, os uniformes não são mais determinados hierarquicamente pela direção da escola, eles se voltam para as necessidades e desejos dos seus clientes, os alunos. A moda começa se segmentar, primeiro atendendo as minorias ativas: os jovens, as mulheres que se profissionalizam e os negros, comenta De Carli (2002).

Enquanto, os uniformes deixam de seguir o padrão do exército para atenderem as necessidades dos jovens, a *t-shirt*, o *jeans*, os abrigos de moletom²³ aparecem nas escolas. A moda adentra o caminho da multiplicidade que visa atender mercados cada vez mais diferenciados e segmentados.

Então, os uniformes oferecem um leque com várias opções em tecidos e cores, num primeiro momento, e mais tarde na forma. A moda também perde seu epicentro, a França. O berçário da moda jovem é Carnaby Street, é Mary Quant, é Beatles, Rolling Stones, Twigg, é Biba, enfim, símbolos emergentes da Londres dos anos 1960/70 (DE CARLI, 2009). Os uniformes, por sua vez, permitem saias mais curtas, calças mais justa de elastano e as cores fogem do tradicional.

De Carli (2002) constata que no vestir da 'Moda Aberta', esta implícita a rebeldia contra os modelos hierárquicos estabelecidos, na escola essa rebeldia transparece, porém, de forma sutil e mais lenta.

23 Moletom: tipo de malha afilaneladae quente, de lã, algodão ou misto com poliéster, feita com entrelaçamentos flutuantes, que provocam um toque de pelúcia. Usado em peças esportivas, infantis e uniformes escolares. (CHATAIGNIER, 2006, p.151)

CONCLUSÃO

“A vitória sobre o mundo é a nossa fé.”

1 João 5:4

Como vemos no dicionário Houaiss, conclusão é ato ou efeito de concluir ou ato, processo ou efeito de levar a termo; finalização, término, também podendo ser ensinamento que se extrai de um texto ou fato; moral e por último desfecho, epílogo, desenlace.

Foi possível perceber durante o desenvolvimento desta pesquisa denominada “ASPECTOS HISTÓRICOS DO USO DOS UNIFORMES ESCOLARES: REFLEXÕES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA MODA (1940-2000 Caxias do Sul)”, que ela não terminará aqui. As reflexões sócio-históricas sobre o uniforme e seus relacionamentos com a moda constituem o registro de um olhar sobre o tema; outros olhares darão continuidade, acrescentarão, modificarão o recorte ora abordado, mostrando que o conhecimento é processo sem fim.

No primeiro momento pareceu árido estudar o uniforme escolar, justamente por tratar-se de uma vestimenta padrão, com pouco ou nada de atenção dada às necessidades e aos desejos do usuário, ou seja, a forma, o modelo, a cor, os materiais eram decididos e impostos aos estudantes, pelo poder da instituição escolar. Foi possível observar que no decorrer do Século XX o abrandamento da imposição, bem como o caráter de negociação para manter a tradição do uniforme. Assim, o trajeto percorrido, desde os uniformes que referenciaram as vestes clericais, passando pelas fardas militares, e chegando ao conforto dos tecidos com elastano combinados com *t-shirts*, mostrou que a imposição institucional do uniforme vai abrandando, flexibilizando, multiplicando conforme mudanças na cultura vista como processo vivo. Nessas mudanças, a presente dissertação elege como foco de estudo a escola, os uniformes e a moda, sistemas que seguem o princípio recursivo: os três nutrem a cultura que os alimenta. Constatou-se que a escola, os uniformes e a moda mudaram, assim como mudaram as instituições, os atores, os professores e os alunos.

Este trabalho teve a intenção de demonstrar alguns valores diferenciados que eram impostos ao uso do uniforme escolar e suas várias significâncias, no decorrer do século XX, principalmente. Ficou evidenciado que o conceito de uniforme escolar, enquanto representatividade e vestuário, mudou significativamente nestes anos. Mesmo em se tratando de uma sociedade em formação como é a cidade de Caxias do Sul.

Este estudo se torna mais uma obra no campo da moda, área do conhecimento que tem se desenvolvido muito na academia nos últimos quinze anos. Já contamos com boa bibliografia nacional sobre moda, em muito dos seus aspectos passíveis de estudo, bem como seminários, colóquios nacionais de cunho científico, os quais têm incentivado a produção acadêmica e a qualificação dos estudiosos e pesquisadores. As relações entre moda e uniformes escolares, em estudo sistematizado, ainda são poucas no Brasil, por isso a importância desta pesquisa. Por esse motivo, a dificuldade de conseguir bibliografia especializada deve ficar registrada, salientando a necessidade de procurar em outras áreas, tais como, na comunicação, na pedagogia, na semiótica e na história os conteúdos para fomentar relações e agregar fatos na busca de entendimento dos contextos desta pesquisa.

Os inúmeros questionamentos apresentados na introdução desta dissertação e constantes do projeto de pesquisa, foram mobilizadoras para o desenvolvimento do trabalho, estimulando a busca das repostas, tanto nos interlocutores empíricos, como nos interlocutores teóricos, incluindo também os conhecimentos tácitos da pesquisadora, os objetivos e o problema de pesquisa. Tais elementos caracterizam o diálogo em três dimensões caracterizado por Stecanela (2008; 2010), desafiando a pesquisadora a construir seus percursos, produzir argumentos e comunicar seus achados de pesquisa.

As repostas possíveis são anunciadas ao longo do texto e, de forma mais específica, nesta conclusão. Considerando a formulação do problema que guiou o percurso - Qual a função social e pedagógica do uso do uniforme escolar? – pode-se dizer que aproximações foram feitas, com descrições e análises que remetem ao papel dos uniformes como elemento de identificação com uma categoria social, seja ela indicada pela figura do aluno, do jovem ou

da criança; ou, ainda, com a pertença institucional, à Escola A ou B e, conseqüentemente, com o seu *status* enquanto uma instituição socializadora.

De outro lado, podemos dizer que nem todas as perguntas tiveram suas respostas obtidas. Apesar de o aspecto histórico norteador permear todas elas, não foi possível dar conta do trabalho proposto na sua íntegra. Mais pelo fato, de que algumas perguntas ainda merecem mais investigação, que poderão ser retomadas em trabalhos futuros.

O ser humano ainda precisa viver mais, estudar mais, criar mais, pensar mais, experimentar mais. Precisamos de mais Foucaults, Certeaus, Pavianis, Lonzas, Santaellas. A humanidade precisa de mais aportes teóricos de seres pensantes, que analisam, classificam e contextualizam o que para muitos é apenas mais uma peça de roupa, para pessoas como estas que citei e mesmo para mim, depois deste imersivo estudo, são indícios históricos classificatórios da vida cotidiana das pessoas, que merecem toda a consideração das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Espero deixar a minha contribuição para os estudos científicos que se sucederem na área da Educação, da Moda e dos uniformes.

REFERÊNCIAS

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul**. Caxias do Sul, RS: EST, 1966-1981. 4 v.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004. 108 p. (Coleção paradidáticos.Série poder) ISBN 8571395608

BALDINI, Massimo. **A invenção da moda: as teorias, os estilistas, a história**. Lisboa: 70, 2006. 141 p. (Arte & comunicação ; 88) ISBN 9789724412603.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **A indústria de confecções: algumas considerações**. [s.l.]: BNDS, 1990. 58p.

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 267 p. ISBN 8532515320

BARREIRA, Roberto; JOFFILY, Ruth. **A história da camiseta**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1988. 162 p.

BONIFÁCIO, Irmão. **Crônicas do Carmo 1908-80anos-1988**. Caxias do Sul: UCS, 1988. 2 v. 151 p.

BONIFÁCIO, Irmão. **Crônicas do Carmo**. Caxias do Sul: UCS, 1988-1989. 3 v. 183p.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos; O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia ; Modos de dominação / Pierre Bourdieu ; trad. Guilherme João de Freitas Teixeira e Maria da Graça Jacintho Setton**. 2.ed. São Paulo: Zouk,2004. 219 p. : ISBN 8588840022

BRAGA, João. **História da moda:** uma narrativa. São Paulo: Anhembi, 2004. 109 p. ISBN 8587370154

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 110 p. (Coleção primeiros passos)

CALDEIRA, Jorge. **Viagem pela história do Brasil.** São Paulo: Cia. das Letras, 1997. 351 p. ISBN 8571646589

CALDEIRA, Jorge; CARVALHO, Flávio de; PAULA, Sergio Goes de. **Viagem pela história do Brasil.** 2.ed., rev. e ampliada. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. 365 p. 1 CD-ROM ISBN 8571646589

CALLAN, Georgina O'Hara. **Enciclopédia da moda:** de 1840 à década de 80. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. 299 p. ISBN 8571642869.

CAMBI, Franco; TREBISACCE, Giuseppe. **História da pedagogia.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1999. 701 p. (Coleção Encyclopaidéia) ISBN 8571392609

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. **Discursos da moda:** semiótica, design e corpo. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005. 112 p. (Coleção moda & comunicação) ISBN 8587370391.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1 Artes do Fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994)

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** São Paulo: Papyrus, 1995. 253 p. (Coleção travessia do século) ISBN 85-308-0330-2

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.**

Tradução-Maria Manuela Galhardo. Lisboa, 2.ed. – Difusão Editorial S.A., 1988

CHARTIER, Roger. *El mundo como representación. História Cultural: entre practica y representación.* Tradução: Claudia Ferrari. Barcelona, Espanha: Ge

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação. Estudos Avançados.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, USP, v. 5, n. 11, jan/abr., 1991.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem.** São Paulo: Estação das Letras, 2006. 165 p. ISBN 8560166009

COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO. **Guia do professor.** Caxias do Sul: Colégio Nsa. Sra. do Carmo, 1988. 112 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **REVISTA PEDAGÓGICA.** Porto Alegre: Artmed, Ano VII nº 28 nov. 2003/jan. 2004. 66 p. ISSN 1518-305X

COSTA, Antonio Galdino da, **Moda/Indumentária em culturas Juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio.** Dissertação de mestrado – Florianópolis, 2006

CRAIK, Jennifer, Fashion Theory (Edição Brasileira). São Paulo, SP: Ed. Anhembi Morumbi, 2003 – v.2 nº 2 ISSN 1676-672X

DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul.** Porto Alegre: EST, 1998. 290 p.

DANTAS, Tiago. **Uniforme Escolar.** (23.01.2008). Disponível em www.brasilecola.com/volta-as-aulas/uniforme-escolar.htm, acessado em 05.09.2008)

DE CARLI, Ana Mery Sehbe. **Moda no terceiro milênio: novas realidades, novos valores.** In: Moda em sintonia. (Org) De Carli, A.M.S. e Manfredini, M.L. Caxias do Sul: EDUCS, 2009. (no prelo)

DE CARLI, Ana Mery Sehbe. **O sensacional da moda.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2002. 159 p. ISBN 8570611501

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo:** comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.; ISBN 8585910178

ECO, Umberto. **Psicologia do vestir.** 3ª edição. Lisboa: Assirio e Alvim 1989. 87 p.

EMBACHER, Airton. **Moda e identidade:** a construção de um estilo próprio. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999. 125 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 3 v. (Biblioteca de filosofia e história das ciências ; 2, 15)

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 262 p. ISBN 8532605087.

FRAGO, Antonio Viñao. **Historia de La educación e historia cultural:** posibilidades, problemas, questiones. In: Revista Brasileira de Educação, nº o. ANPED, set/out/Nov/dez 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 15.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 150 p.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. 181 p. ISBN 8501028940.

GONTIJO, Silvana. **80 anos de moda no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 131p.

GRIMAL, Pierre. **A vida em Roma na antiguidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 1995. 185 p. ISBN 85-308-0110-5

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 10.ed. São Paulo: Loyola, 2001. 349 p. ISBN 8515006790

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. lix, 1986 p. ISBN 9788573029635.

JENCKS, Charles. **What is Post-Modernism?** - London/ New York, Academy Editions/ St. Martin`s Press, 1989.

JOFFILY, Ruth. **O jornalismo e produção de moda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 148 p. ISBN 8520902928.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. 2ed. São Paulo: M. Fontes, 2005. 564p ISBN 8533614209

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. 285 p. ISBN 8571640866

LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, c2005. 237 p.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. **500 anos de educação no Brasil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 606 p. (Coleção história ;6) ISBN 8586583618

LURIE, Alison. ***El lenguaje de la moda: una interpretación de las formas de vestir.*** Barcelona, ES: Ediciones Paidós, 1994. 302p. ISBN 84-493-0004-5.

MAFFESOLI, Michael. **Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social.** Revista Famecos. Abril/2004. Porto Alegre: Faculdade de comunicação social: PUCRS.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000. 232 p. ISBN 8521802595

MARTIN, Richard e KODA, Harold. ***Jocks and nerds.*** New York: Rizzoli Int., 1990.

MONNEYRON, Frédéric. **A moda e seus desafios: 50 questões fundamentais.** São Paulo: SENAC São Paulo, 2007. 167 p.

NAVA, Pedro. **Chão de ferro.** 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976. 357 p. ; (Memórias;3)

OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia. **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo.** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008. 301 p. ISBN 9788560166077.

PALOMINO, Erika. **A moda.** 2.ed. São Paulo: PubliFolha, 2003. 98 p. : (Folha explica ;39) ISBN 8574023469

PASTOUREAU, Michel. **O pano do Diabo: uma história das listras e dos tecidos listrados.** Rio de Janeiro: J. Zahar, c1993. 150 p. ISBN 8571102255

PAVIANI, Jayme. **Agora e na hora das origens: poemas.** Caxias do Sul, RS: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 1987. 71 p.

PAVIANI, Jayme. **Estética e filosofia da arte**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1973. 64p. (Coleção temas filosóficos e sociais)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. 254 p. ISBN 9788588840850

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2007. 324 p. ISBN 9788573596274

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Design & identidade**. Curitiba: [Peregrina], 2008. 198 p. (Design & cultura ; 2) ISBN 9788588274112.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2007. 526 p. ISBN 9788573595369

SANTAELLA, LÚCIA. **O que é semiótica**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 114 p. (Coleção primeiros passos 103)

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo, SP: Thomson, 2002. 186 p. ISBN 8522102767.

SEIVEWRIGHT, Simon. **Pesquisa e design**. Porto Alegre: Bookman, 2009. 175 p. (Fundamentos de design de moda ; 1) ISBN 9788577805259.

SILVA da, Nogueira Katiene, **“Criança Calçada, Criança Sadia!”: Sobre ou uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 a 1970**. Dissertação de mestrado - São Paulo, 2006

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis**

e pela escola da vida. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 397f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida.** Caxias do Sul : EDUCS, 2010.

VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto Político-Pedagógico: uma construção possível.** 19.ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. 192p. ISBN 8530803701

VENTRELLA, Roseli. **Projeto educação para o século XXI.** São Paulo,: Ed. Moderna, 2002. 4 v. (Link da arte)

VINCENT-RICARD, Françoise. **As espirais da moda.** 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 249 p. ISBN 8521901755.

WAJNMAN, Solange; ALMEIDA, Adilson José de. **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico.** São Paulo: Arte & Ciência, 2002. 224 p. ISBN 8574730734

[HTTP:// www.cosanaify.com.br](http://www.cosanaify.com.br)

[HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes_Gutenberg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes_Gutenberg) acessado em 25.05.2009.

[HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/Semiotica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Semiotica)

[HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/semiotica](http://pt.wikipedia.org/wiki/semiotica), acessado em 26.01.2010

[HTTP://www.brasilecola.com/volta -as-aulas/uniforme-escolar.htm](http://www.brasilecola.com/volta-as-aulas/uniforme-escolar.htm)

[HTTP://www.colegiosaocarlos.com.br/projetoEducativo.php](http://www.colegiosaocarlos.com.br/projetoEducativo.php) acessado em 30.08.2009

[HTTP://www.lasalle.edu.br/portal/print. php](http://www.lasalle.edu.br/portal/print.php) acessado em 28.10.2009

[HTTP://www.madremilda.com.br/a_escola.php](http://www.madremilda.com.br/a_escola.php) acessado em 29.08.2009.

[HTTP://www.saojosecaxias.com.br/proposta.asp](http://www.saojosecaxias.com.br/proposta.asp) acessado em 28.08.2009

[HTTP://www.seuguiaescolas.com.br/espaco_educacional.php?ano=2007&art=10\)](http://www.seuguiaescolas.com.br/espaco_educacional.php?ano=2007&art=10)

[HTTP://www.unilasalle.edu.br](http://www.unilasalle.edu.br) acessado em 23.08.2008

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCLE

Eu _____, RG _____, estado civil, _____, idade _____ anos, residente na _____, n° _____, bairro _____, cidade _____, telefone _____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado, “Aspecto Histórico e Função Pedagógica dos Uniformes”, cujos objetivos e justificativas são:

Objetivo Geral: Descrever a evolução das funções pedagógicas do uso de uniformes escolares

Objetivos Específicos:

- a) Mostrar a função pedagógica do uso dos uniformes escolares na tradição.
- b) Analisar os motivos de as escolas para adotarem ou não o uso dos uniformes.
- c) Identificar características de moda e estilo nos uniformes.
- d) Examinar o conceito de função pedagógica possível no uso do uniforme escolar.

Justificativas:

Científica: Assim a dissertação pretende contribuir no sentido de mostrar a evolução do uniforme escolar e seu uso, além de mostrar como se encontra a situação atual do uso dos uniformes escolares, examinando as diferentes razões ou contra razões. Nesse sentido, pretende oferecer subsídios para os dirigentes das escolas.

Social: Considerando as implicações financeiras do uso dos uniformes escolares e, em razão disso, ao apresentar a história da sua evolução, a dissertação pretende contribuir socialmente esclarecendo as vantagens e desvantagens de seu uso.

A minha participação no referido estudo será no sentido de participar de entrevistas, preencher questionários, fornecer depoimentos e se caso existir e me for solicitado poderei ou não ceder material fotográfico ou documental, livre e desembaraçado que possam vir a contribuir com o conteúdo desta pesquisa

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: reconhecimento como colaborador desta pesquisa e mérito em poder ser testemunha ocular de um período de tal interesse que se tornou digno de pesquisa.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, talvez possa no futuro despertar alguma curiosidade a outros e por conta disso poderei ter que relatar novamente algum item da minha participação para outras pessoas, podendo fazê-lo ou não.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo, caso assim eu queira.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo. Foi-me esclarecido, igualmente, que eu posso optar por métodos alternativos, que são: apenas preencher algum questionário ou formulário que me for fornecido ou apenas ceder determinado material o qual eu achar interessante.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é Mônica D'Andréa Marcon pela Universidade de Caxias do Sul e com ela poderei manter contato

pelos telefones: celular 54.8115.18.11 ou residencial 54.3027.61.06 e ainda no telefone 54.2389.90.04 sendo este último do seu local de trabalho.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação nesta pesquisa, haverá ressarcimento financeiro. Isso somente, se já estiver previamente de acordo com a pesquisadora, registrado e assinado por ambas as partes.

Diante dos esclarecimentos prestados, concordo em participar da pesquisa “Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul)”, na qualidade de colaborador.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)

Nome: _____

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

Mestranda: Mônica D'andréa Marcon

Orientadora: Nilda Stecanela

Co-orientadora: Ana Mery Sehbe De Carli

Projeto de Pesquisa: Aspectos históricos e pedagógicos dos uniformes escolares

Prezado(a) entrevistado(a)!

Ao cumprimentá-lo, gostaria solicitar sua colaboração na pesquisa que estou realizando junto ao PPGEDU-Mestrado da UCS, relativamente aos aspectos históricos e pedagógicos envolvidos no uso dos uniformes escolares.

Para isso, pediria sua gentileza em responder da forma mais detalhada possível às questões a seguir, bem como, preencher o termo de consentimento livre e esclarecido em anexo, referente à sua concordância em colaborar com meu estudo.

Desde já agradeço sua atenção e coloco-me à sua disposição para esclarecimentos através do telefone 8115-1811 ou pelo e-mail mdmarcon@ucs.br.

Atenciosamente,

Mônica D'Andréa Marcon

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

P1. Nome:

P2. Data de Nascimento:

P3. Profissão:

P4. Local de atuação profissional:

P5. Escolarização: (Indicar formação escolar/acadêmica, bem como o período de ingresso e conclusão do Ensino Fundamental, Médio e/ou Superior)

P5a. Ensino Fundamental (Primário/Ginásio/1º Grau). Escola:

Completo Incompleto Ano Ingresso _____ Ano conclusão _____

P5b. Ensino Médio (Científico/Clássico/Segundo Grau/Normal/Magistério). Escola

Completo Incompleto Ano Ingresso _____ Ano conclusão _____

P5c. Ensino Superior Qual? _____

Completo Incompleto Ano Ingresso _____ Ano conclusão _____

P5d. Pós-Graduação

Especialização em _____

Mestrado em _____

Doutorado em _____

Pós-doutorado _____

II – USO DO UNIFORME NA TRAJETÓRIA ESCOLAR

P6. As escolas nas quais você estudou/estuda adotavam/adotam uniforme? (Destacar se eram escolas públicas e/ou privadas)

P7. O uso de uniforme nas escolas citadas por você na P6 era/é em caráter obrigatório ou opcional?

P8. Você poderia descrever como eram/são esses uniformes, com quais materiais e peças eram/são feitos?

P9. Havia/há alguma diferenciação entre os uniformes dos meninos e das meninas dentro da instituição em que você estuda/estudou, trabalha ou leciona? Quais?

III – OPINIÃO SOBRE O USO DO UNIFORME ESCOLAR

P10. Qual o seu sentimento/opinião sobre o uso do uniforme em sua trajetória escolar?

P11. Qual o destino que você deu/dá ao uniforme escolar depois de não usá-lo mais?

P11a. Responder desde o lugar de aluno:

P11b. Responder desde o lugar de pai/mãe caso também esteja nessa condição:

IV – OPINIÃO SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS E PEDAGÓGICOS DOS UNIFORMES ESCOLARES

P12. Em sua opinião, qual a função do uniforme escolar?

P13. Em seu ponto de vista, o uso do uniforme escolar traz alguma contribuição para a aprendizagem? Qual?

P14. Você acha que o uso do uniforme escolar deve ser obrigatório ou opcional?

Justifique.

P14a. Responder desde o lugar de aluno:

P14b. Responder desde o lugar de pai/mãe caso também esteja nessa condição:

P14c. Responder desde o lugar de professor/professora, caso também esteja nessa condição:

V – ESPAÇO PARA LIVRE EXPRESSÃO – Este espaço está reservado para sua livre expressão com registro de aspectos que você gostaria de expressar, mas que as questões desse instrumento de entrevista não permitiram contemplar. Também pode descrever situações inusitadas vividas ou testemunhadas em relação ao uso do uniforme escolar, como por exemplo: modificações inseridas nas peças do uniforme autonomamente (dobrar o cós da saia para ficar mais curta; remover os acabamentos das golas, etc...); repreensões sofridas pelo não uso do uniforme; entre outras.



Ao
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UCS
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul – RS

Autorização

Autorizamos a mestranda Mônica D'Andréa Marcon, a utilizar o Colégio La Salle Carmo, como objeto de estudo que irá auxiliar no desenvolvimento do projeto "Aspecto Histórico e Função Pedagógica dos Uniformes: uso dos uniformes escolares" do qual é autora, sendo esta sua pesquisa de mestrado em Educação pela Universidade de Caxias do Sul – UCS.

Atenciosamente,

Ir. Odir Facchinello
Diretor



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Caxias do Sul, 14 de maio de 2009.

Parecer CEP/UCS N° 25/2009

Ilma. Sra.

Monica D'Andrea Marcon

Informamos que as reformulações do projeto de pesquisa “**Aspecto Histórico e Função Pedagógica dos Uniformes**”. Foram aceitas, no entanto, outras são necessárias por terem surgidos novos fatos.

Na metodologia é descrito que a entrevista será gravada e transcrita e essa informação deve constar no TCLE, bem como o destino destas gravações após o término do estudo. O sujeito de pesquisa deve saber que seu depoimento/entrevista está sendo gravado e concordar com isso, também deve ser conhecedor do destino destas gravações. Além disso, para este estudo a apresentação de fotografias parece ser muito relevante. A forma como estas fotos serão apresentadas em publicações deveriam constar no TCLE para que o sujeito de pesquisa deixe claro que concorda com a forma de apresentação e para garantir que ela tenha esta informação de forma clara.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Wilson Paloschi Spiandorello
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax PABX (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGTE 029/0089530